

AS NOÚRES

Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento



PIETRO UBALDI

AS NOÜRES

Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento

“Não sabemos senão em razão da nossa faculdade de recepção”.

PITÁGORAS

I. PREMISSAS

Cada século tem uma característica dominante que lhe é própria, especializando-se numa criação particular que parece a razão de ser desse tempo; e é justamente o produto dessa criação que sobrevive, transmitido aos séculos porvindouros. O nosso é o século dos nervos. Parece até que nossos pais não os possuíam; pelo menos, assim nos aparecem em sua vida sem agitações, em sua calma, que nós já não conhecemos nem quando repousamos, tanto que, frequentemente, nos acreditamos enfermos; mas, então, todos estamos doentes. Os nervos, porém, não são apenas irritabilidade, inquietude, insaciabilidade; não têm, felizmente, só o aspecto visto pela ciência – o pseudopatológico da neurose – mas possuem uma face ainda não percebida, o aspecto evolutivo de uma nova criação biológica: o psiquismo.

Em nossa época atual, o tipo humano está deslocando sua funcionalidade do campo muscular para o campo nervoso e psíquico. Algures, desenvolvi este tema, mas devo agora a ele voltar, porque, se ele representa o terreno sobre o qual se apoia nossa vida, no qual se agita nossa luta e se realiza nossa conquista, é também o cenário em que se enquadra e se justifica o problema presente neste volume de ultrafania¹. Não se trata, portanto, de um fenômeno casual, mas sim de um momento substancial e logicamente situado no curso da evolução biológica e das ascensões espirituais humanas. No caso específico da mediunidade, não poderia deixar de influir a repercussão daquele caso geral, o qual condiz com o momento de acelerado transformismo atravessado hoje, em nosso planeta, pela evolução biológica,

que, alcançando sua mais elevada fase humana, afaina-se febrilmente em torno de sua mais excelsa criação.

E a mediunidade, modificando-se com o transformar-se de todas as coisas, devia primeiramente tornar-se na mais evidente manifestação da alma humana. No cenário do mundo atual, a mediunidade apresentou-se, através da observação científica, sob a forma de mediunidade física, de efeitos materiais, com características musculares, tais como eram as manifestações predominantes do espírito humano nas grandes massas, até o nosso século; hoje, no entanto, ela tornou-se ultrafania, que, sendo evolutivamente mais desenvolvida, é uma mediunidade superior, de efeitos psíquicos. Uma vez que tudo evolve e que a evolução nunca se processou tão vertiginosamente como hoje, a mediunidade também deve conhecer sua ascensão. De quanto isso é verdadeiro, também por minha íntima e profunda experiência, direi mais adiante.

Desse modo, até hoje, a mediunidade tem evoluído, superando em muitos casos a forma física de manifestações materiais e alcançando a forma psíquica de manifestações intelectuais. E tanto, que a primeira forma se apresenta aos nossos olhos, agora mais experimentados e mais habituados a examinar o mistério, como qualquer coisa cada vez menos assombrosa e menos probatória. Cada vez mais se dissipa a mania do maravilhoso. Nossa crescente sensibilidade analítica vai tendo sempre menos necessidade do choque que o prodigioso provoca. Cada vez menos nos abala o espetáculo das levitações, dos “apports”, das manifestações acústicas, óticas e táteis. Enquanto tudo isso é deixado à experimentação científica – que, de resto, já há decênios se move sempre no mesmo círculo, do qual parece não saber sair nem para concluir nem para progredir – a mente humana pede um alimento mais substancial, um contato mais elevado, uma nutrição conceptual que a sustente diretamente. E eis-nos em plena ultrafania.

Cada um sente, mais ou menos distintamente, em meio à transtornante explosão de uma nova sensibilidade nervosa e espiritual, entre ímpetos de nervosismo e irritabilidade (os quais, embora erroneamente considerados patológicos, são, ao invés, um novo modo de sentir, que, já não suportando as velhas formas da vida, impõe novas), revelar-se em si o fenômeno, que, em meio a estas escórias e desvios, é substancial, constituindo uma nova capacidade de sentir o pensamento, de perceber à distância. E tudo isso já não se perde no fantástico, mas aparece como *intuição*, constituindo uma

real antecipação do futuro estado de ser humano hipersensível, que lhe permite transmitir e registrar correntes de pensamento (*noúres*²), fazendo-o relacionar-se com seres que, embora pareçam irrealis, por serem imateriais, estão vivos e presentes, porque sabem dar de si manifestações aos nossos mais sensibilizados e aperfeiçoados meios perceptivos.

O tema que vou desenvolver, se pode parecer avançado para os nossos dias, será de domínio científico amanhã, sendo também de interesse atual para a grande maioria, que apenas começa a se agitar. E tal agitação ocorre porque é inegável a necessidade de um retorno ao espírito. Não se trata de um retorno apenas como reação ao materialismo, não é um simples reflexo de cansaço em face de uma orientação que se mostrou impotente, com seus meios e métodos, para chegar a uma conclusão. Trata-se de uma retomada em cheio, como jamais arrostada na história, empregando as armas de uma ciência aguerrida de experiências; trata-se de uma revolução que, trovejando, avança das profundezas do espírito, querendo saber e deliberar, a fim de guiar-se conscientemente na vida. E esta palavra – espírito – transporta-se das igrejas e das religiões, para surgir francamente no grande ambiente social, vibrando na política, nas instituições, nas leis, nas crenças e nas obras do mundo.

Paralelamente, o fenômeno ultrafânico se aprimora e se vigoriza. Este período pós-bélico (embora seja difícil o juízo para quem está imerso na própria época) é indubitavelmente grande na história, pois traz uma febre de criações universais, que, apesar das resistências e lutas, preparam-se para lançar as bases de uma nova civilização. Nesta nossa época surge a ultrafania, como manifestação de força espiritual, agindo em colaboração com as forças superiores que guiam o mundo em sua atual laboriosa ascensão. Nesta agitação geral, que é fragmentação e restauração de pensamento, parecem atuar também as correntes de pensamento que circundam o ambiente humano, intervindo ativas e operosas, para guiar e iluminar. É natural que uma deslocação de forças psíquicas excite outras deslocações, porquanto nada é isolado no universo. Os fenômenos das forças psíquicas obedecem às mesmas leis de coordenação e de equilíbrio a que obedecem também os fenômenos da matéria e das forças inferiores. E é natural que a vida – a qual jamais pode extinguir-se, pois isso seria um absurdo lógico e científico – comova-se e desperte, até nas suas formas imateriais, quando percutida pelo eco das vicissitudes humanas, que naquela imaterialidade continuam e se completam.

Então, pela convergência de duas forças: a sensibilização da consciência humana, superando os últimos diafragmas, e a atração dos altos centros de pensamento, que se voltam para a Terra por lei de equilíbrio, de bondade e de missão, a ultrafania assume o poder de grande inspiração, ativa e consciente. O fenômeno mediúnico eleva-se ainda mais. Deixamos atrás a mediunidade física. Superamos a mediunidade de efeitos intelectuais que se manifestam na inconsciência do médium, cujo “eu” é adormecido e momentaneamente eliminado. Falarei, neste volume, de um tipo de mediunidade intelectual ainda mais elevado, uma mediunidade inspirativa consciente, operando em plena luz interior, onde o sujeito receptor conhece a fonte, analisa-lhe os pensamentos, assemelha-se e sintoniza-se com ela, buscando-a pelos caminhos da afinidade; mediunidade ativa, operante, fundida no temperamento do indivíduo, como emanção normal de sua personalidade; mediunidade a tal ponto límpida no seu funcionamento, na consciência deixada em seu estado normal, que é possível, através de um exame introspectivo, realizado racionalmente, com os critérios científicos da análise e da experimentação, reconstituir a técnica do fenômeno inspirativo, tendo por base fatos e estados vividos, deduzidos diretamente da observação.

Com esta definição realista do problema, a hipótese e a afirmação gratuita de que o pensamento registrado pela mediunidade inspirativa provém do subconsciente humano são automaticamente excluídas, porquanto todos os fatos que tenho vivido em mim e objetivamente notado como observador imparcial, falam em sentido completamente diverso. Tal hipótese não merece, portanto, uma refutação explícita. Assim a análise de todo o desenvolvimento da técnica do fenômeno seguirá precisamente com referência a uma fonte por completo distinta da consciência do médium receptor.

O mundo do além aparecerá tão vivo através da descrição de minhas sensações, que adquirirá o caráter de uma realidade científica. Como vê o leitor, não faço aqui minha exposição com bases em indagações teóricas, não me refiro a opiniões ou interpretações alheias e não me interessa alardear erudição. Toco o fenômeno com as mãos e relato aquilo que me disseram minhas sensações e minha experiência direta.



Saio cheio de impressões ainda recentes de uma experiência novíssima. Em 23 de agosto de 1935, às 11 horas da noite, acabava de escrever A

Grande Síntese, em Colle Umberto, Perugia, na torre de uma casa de campo, na mesma pequena mesa onde quatro anos antes, no Natal de 1931, noite alta, havia iniciado a primeira das mensagens de “*Sua Voz*”.

Quatro anos de superprodução intelectual, de intenso drama interior, de hipertensão, de sublimação psíquica, de sublimação espiritual, emergindo da cinzenta monotonia do magistério, esforço diário que me é imposto no cumprimento do dever de todos, de ganhar a vida com o próprio trabalho.

Quem me sustentara no árduo trabalho de uma tão intensa produção? Uma fé profunda se assenhoreou de mim, arrastando-me com uma febre de altíssima paixão. Este é o segredo da afirmação de um escrito³: havê-lo, antes de tudo, vivido profunda e intensamente, de modo a fazer dele o espelho de uma fase da vida; haver nele todo lutado e sofrido, conceito por conceito, e oferecê-lo vibrante como a alma, palpitante como foi o fenômeno interior que o gerou. O leitor sente, embora inadvertidamente, esta sinceridade e alegra-se em poder satisfazer o instinto humano de mergulhar nas profundezas do mistério de outra alma. Naqueles escritos, não ofereci o produto de estudos exteriores à minha personalidade e dela separáveis; pelo contrário, dei-me totalmente, qual hoje sou, na fase de maturação que atingi no meu caminho evolutivo. E, expondo aqui, sem disfarce, as profundas vicissitudes de uma alma, substancialmente relato a história do espírito humano, na qual o leitor se achará mais ou menos a si mesmo. Narro o eterno drama das ascensões humanas. Anatomizo, refletido no meu caso particular, mas concreto e vivido, o fenômeno cósmico, que é de todos.

Se aqueles escritos têm uma história própria, exterior e visível, que facilmente pode ser encontrada na imprensa e que não é oportuno repetir, existe, no entanto, toda uma história interior, que eu vivi no silêncio e na solidão, a história da maturação do meu espírito, para que pudesse atingir este momento – talvez esperado e preparado há milênios – de sua maior realização.

É útil conhecer esta história interior, tanto quanto a exterior, para que se possa enquadrar o fenômeno da recepção inspirativa e das “noúres”, de que nos ocuparemos agora, no qual intervêm elementos morais, espirituais e biológicos. Trata-se de um fenômeno complexo, cuja solução implica a solução dos mais vastos problemas do universo, não podendo, por isso, ser isolado de todos os fatores e elementos concomitantes. É um fenômeno concreto, inseparável do fato qual eu o vivi, não sendo possível reduzi-lo,

sem mutilação, à estrutura linear de uma simples hipótese vibratória de transmissão e recepção de ondas.

Este é o meu caso, portanto dele não posso prescindir. Se é particular (e do particular ascenderemos, através dos fatos, ao geral), é também real, pertencendo em grande parte à categoria dos fenômenos controláveis pelo método objetivo da observação. Creio que seja meu primeiro dever ater-me a essa realidade objetiva.

Objetividade na fria análise científica, mas profundidade de introspecção simultaneamente, para penetrar e solucionar este mistério do supranormal que tenho vivido. Estas confissões, que devo fazer porque vão permitir a compreensão daqueles escritos, aclaram o fenômeno e podem, portanto, ser úteis a essa nascente ciência da alma, que é, eu o sinto, a ciência do futuro. Estudo imposto pelo dever, embora possa parecer autopromoção; estudo difícil, porquanto o supranormal foi mal compreendido pela ciência, que o quer relegar ao patológico, confundindo-o com o subnormal; estudo não bem interpretado pelo público, que, no vórtice totalmente exterior da vida moderna, ignora completa ou quase completamente esta segunda vida do espírito, não sabe ver bem e desfigura o problema, porque o enxerga de um plano de consciência diverso e inferior. Difícil estudo este, porque nenhum auxílio me pode chegar do mundo dos homens; porque o saber terrestre não sabe dar uma direção em meu caminho ou dizer algo que me dê a solução destes problemas; mas difícil principalmente em si mesmo, porque o supranormal, até nos momentos excepcionais em que se revela mais poderosamente, parece querer esconder-se nas vias de ordem natural, como se o esforço de exceção que supera o comum fosse continuamente detido, refreado e encoberto pela lei universal, que quer parecer invariável.

Nada estou pedindo aos meus semelhantes. Sei que nada têm para me dar. Estou só e sozinho permaneci diante dos maiores mistérios, de que nem ao menos suspeitam. Tenho vivido de ousadias, de prostrações, de lutas e de vitórias, dramas que quase nunca encontro em meus semelhantes, cujos espíritos meu olhar tem examinado por toda parte. Sou feito de dor e não aceito, não quero para mim, triunfos humanos, sendo assim não por mérito meu, mas porque, espontaneamente, o centro de minhas paixões se encontra distante das coisas terrenas. Tenho amado, estremecido e sofrido sozinho, diante do infinito, numa sensação titânica de Deus. Tenho agarrado pela garganta as inferiores leis biológicas da animalidade, para estrangulá-las e

superá-las. Tenho vivido minhas afirmações como realização biológica, antes de formulá-las em palavras.

Sob as aparências de uma vida simples e uniforme, tenho vivido as grandes tempestades do espírito humano e já me habituei a olhar, sem tremer, nas profundezas vertiginosas do infinito. É por isso que posso empreender o estudo do fenômeno inspirativo sem profundos sinais de cultura preexistente, sem preconceitos ou referências, com a alma solitária e nua diante do fenômeno, livre e independente de qualquer ideia humana, tranquilo e virgem de espírito, como na aurora da vida.

Bem sei que o mistério científico é protegido pelas forças da Lei e, algures, já disse o porquê⁴. Estou, porém, acostumado a violar essas proteções; direi melhor, acho-me em particularíssimas condições, na minha fase evolutiva, de extrema sensibilização perceptiva, que me possibilitam sentir além do limite estabelecido e não superável pelo método racional e objetivo da ciência moderna. Conheço esse método, conheço a sufocante psicologia dos chamados intelectuais de profissão, da cultura que repete eternamente o passado, que comenta e analisa, que nada cria, que pesa e mata o espírito.

Estou nos antípodas. Detesto a bagagem embaraçante dos conhecimentos elementares e considero um crime desperdiçar energias psíquicas para armazenar e conservar o que deve ser confiado às bibliotecas. Sou livre e devo sê-lo, para poder voar leve e rápido, destilando intelectualidade, não como esmagadora mole de sabedoria, mas num sentido de orientação, que possa cingir todos os conhecimentos humanos, como a vista domina as coisas.

Do Natal de 1931⁵ até agosto de 1935⁶, decorreram quatro anos nos quais afloraram em meu espírito, progressiva e metodicamente, profundos estados psíquicos, após lenta incubação, culminando na maturação de minha personalidade eterna. Exporei, porque é necessário à compreensão do fenômeno inspirativo por mim vivido, os estados psíquicos que precederam este período e que constituíram sua preparação; exporei, em seguida, a maturação clara e ativa em mim de uma nova psicologia, bem como a produção que a continuou, explicando como, sem qualquer preparação volitiva e consciente, abandonando-me a esses estados de espírito até então desconhecidos por mim, pude eu desenvolver um trabalho intelectual correspondente a um plano lógico de desenvolvimento, ao qual não se pode negar uma ideia diretiva, uma proporção de partes e meios em face de um

alvo conhecido e desejado, mas desde o princípio estranho à minha consciência habitual.

É científico colocar o fenômeno no seu ambiente. É necessário fazer preceder esta parte descritiva à outra, em que me aproximarei da substância do fenômeno, para explicar-lhe a essência e o funcionamento, até que desponte a compreensão do típico fenômeno inspirativo.

Naquela noite de agosto, uma fase de minha vida se encerrava. A vida é verdadeiramente um caminho, e, nas vicissitudes de cada dia, a alma elabora o seu destino. A vida é uma deslocação contínua do ser no tempo. Não se entenda este, no entanto, como ritmo de movimentos astronômicos, redutíveis há anos, dias etc.; isso não é senão a medida exterior do ritmo, convencional e cômoda. A substância do tempo é o transformismo fenomênico, que, no mundo humano, é evolução da vida e do espírito. Percebo que deve soar estranhamente a expressão desta minha psicologia interior neste nosso mundo hodierno, todo projetado para o exterior, onde as criaturas tendem a olhar para as outras, e não para si mesmas. Hoje, esse meu tempo está cumprido. Aqueles escritos se espalharam pelo mundo.

Naquela noite de agosto, eu me encontrava só. Distante, a família vozeava em torno da mesa de jantar. Minha filha me chamava do terraço: “Papai, vem brincar!”. Mais longe ainda, fazia-se o imenso silêncio do campo adormecido. O mundo não via e não compreendia. Eu estava só.

A ideia tem seu ritmo de divulgação, deve vencer obstáculos psicológicos e práticos, canalizar-se pelos caminhos da imprensa, superar como força a inércia psíquica do ambiente, enxertar-se nas correntes espirituais do mundo. Uma vez, porém, desfechada a centelha do pensamento, a ideia é uma força lançada e, como o som e a luz, caminhará sozinha, tendendo a difundir-se na proporção da potência do centro genético, multiplicando-se por ressonâncias infinitas no coração dos homens. A lei de todas as coisas marca o ritmo também deste fenômeno, que deve ter o seu tempo.

Estava sozinho naquela noite, em face do fato consumado, da obra⁷ à qual me havia dado totalmente, dando meu “eu” maior, qual sou na eternidade. Tremia diante de uma visão imensa, completa finalmente agora, diante de um pensamento titânico que me havia redemoinhado durante quatro anos, numa tempestade sobre-humana, não percebida exteriormente. Exultava pela realização da satisfação de um profundo instinto biológico, preparado em minha eterna evolução, instinto inconsciente e absoluto como

o de uma mãe que dá a vida a seu filho. Sentia haver tocado, finalmente, um vértice de minhas ascensões, sentia haver obedecido e triunfado ao mesmo tempo, cumprindo minha missão e função de cidadão do universo, inclinando-me ao comando da grande lei de Deus. A flor, fecundada por uma vida de sofrimentos, havia nascido; eu não vivera, por conseguinte, nem sofrera tanto em vão. Minha vida, tão difícil, havia dado um fruto que a valorizava, minha paixão incompreendida pudera explodir-se na criação de uma obra de bem. Ao meu coração, que havia suplicado simpatia e compreensão, apelo ao qual o mundo não quisera responder, respondeu uma voz do infinito. Essa voz me tomou pela mão, guiando-me pelos caminhos do mistério, ajudando-me a ascender a novas fases de consciência. Deu-me a visão deslumbrante da Divindade. Inebriou-me com o cântico das grandes leis da vida. Fez-me sentir o princípio das coisas. Maravilhou-me com a sensação do choque das forças cósmicas. Aniquilou minha natureza humana e me fez renascer numa natureza superior, numa vida mais alta, na qual eu chorava, cantava e amava em harmonia com todas as criaturas irmãs.

Despertei de um sonho maravilhoso, potente e dulcíssimo, de um êxtase profundo, cuja recordação não se apaga, para descer novamente à triste realidade humana. Minha visão seria mais tarde compreendida e sentida por outros. Mas eu a vivera, primeiramente, na forma do contato mais imediato, por sensação direta, sem leitura e sem palavras, sozinho, com aquela voz, disperso numa magnificência única de beleza, sob um poder de conceito esmagador, num ímpeto de paixão arrasador, arrebatado a um grau supremo de sublimação de todo o meu ser. Eu havia vivido todo aquele escrito, como concepção e como drama, como sensação e como paixão. Cada palavra, cada pensamento havia transformado uma gota de meu sangue, havia arrancado um pedaço de minha alma. Naquela noite, olhava para mim mesmo estupefato, corpo exânime, mas revigorado de eterna mocidade no espírito. Exultante e prostrado, olhava aquele livro, saído de minha pena, não sei de que resplandecente fonte, através de minha alma extasiada; aquele livro escrito sem premeditação e sem preparação, tão estranhamente desejado pelo destino. E perguntava a mim mesmo se ainda estava sonhando ou se estava louco; a mim mesmo perguntava que significavam essas coisas maravilhosas para minha vida e para a vida do mundo. Olhava a obra concluída, à qual fora loucamente lançado por um impulso mais forte do que eu e a qual havia levado a termo sem saber e sem desejar, porque um centro, diverso da minha consciência normal, sabia e desejava por mim.

Naquela noite, eu senti, transfundido em mim, o poder de quem comprimiu o universo num monismo absoluto, de quem encontrou o caminho das causas no dédalo dos efeitos. A esfinge, que mata quem revela o mistério, haver-me-ia aniquilado? Não. Eu havia obedecido, e por mim velava a suprema autoridade da Lei. Eu não havia violado, mas sim respondido; havia secundado, sem rebeldia, o novo equilíbrio dos tempos maduros. Naquela noite, a cabeça em chamas, achava-me no paroxismo da minha festa de espírito.

O meu ser estava todo imerso numa onda de pensamentos, ressonante das vibrações que por tanto tempo me haviam alimentado.

A vida continuava a mesma, supremamente indiferente em torno de mim, no seu curso milenário, obedecendo à sua eterna lei.

Cantavam os grilos pelos campos, dormiam as plantas, e as estrelas cintilavam. Pelo espaço, os mesmos silêncios das antigas noites egípcias; no coração dos homens, as mesmas paixões pré-históricas. No entanto algo de extraordinário acontecera: em minha alma, a eterna evolução rejubilava-se pela maturação de uma sua fase mais alta. Dos confins do universo eu percebia ressonâncias, em resposta a esse secreto júbilo. Júbilo do meu ser, que mais se avizinhou da lei de Deus, júbilo da lei de Deus, que se tornara mais real em mim.

Passou o tempo. Tranquilizou-se depois minha alma, e tornei a descer do meu paraíso ao inferno da psicologia humana corrente. Aquele estado de hipertensão psíquica serenou, e voltei a ser o homem comum e normal que se movimenta na vida, ensinando na escola, onde a normalidade psíquica e nervosa é posta seriamente à prova cada dia. Conheço muitíssimo bem essa normalidade que a ciência quer negar aos hipersensitivos da minha espécie e sei bem usá-la em minha defesa, onde esta me é imposta. Simplicíssimo! Basta descer biologicamente aos instintos primordiais, reduzir-se psíquica e espiritualmente, manifestando-se nas formas menos evoluídas de vida física e passional, para a criatura se tornar normal, compreendida e admitida entre os semelhantes.

Estou escrevendo à distância de um ano daquela noite de máxima tensão do mais intenso êxtase. Quero retornar ao fenômeno com a mente fria do positivismo científico, com a psicologia demolidora da dúvida, com a inteligência normal e objetiva da maioria dos leitores. Volto normal: quero usar a forma mental dos meus semelhantes. Regresso ao fenômeno com a desconfiança da qual, assim parece, a ciência deve estar sempre armada

para sua garantia e seriedade. Desconfiança de mim mesmo, natural agora que me movo no mundo sensório e ilusório da normalidade, agora quando raciocino e controlo, mas absurda quando eu navegava seguro nos braços da inspiração. E vou ser normal, isto é, duvidoso e incerto, avançando às apalpadelas, por hipóteses, enquanto puder, pois, a um dado momento, se quisermos resolver este problema das noures, terei de abandonar este método de cegos e surdos, para lançar-me ao coração do problema com o método intuitivo. Estou colocando minha alma, novo holocausto de mim mesmo, na mesa de anatomia da ciência, para que o bisturi desapiedado da observação lhe sonde o interior, não importa quais sejam as conclusões. Depois, e melhor do que eu, outros se darão ao esforço da análise e tomarão a responsabilidade de um juízo.

Considero, porém, após a compilação dos escritos⁸, dever meu este de narrar, descrevendo sinceramente o que senti e vivi, mesmo se me enganasse, mas eu mesmo devo fazê-lo – embora este meu novo esforço possa parecer objetivar outros fins – porque só eu posso saber e dizer com exatidão muitas coisas que os outros não poderão jamais deduzir senão através de minhas declarações.

O leitor, porém, compreende o absurdo de qualquer mentira para atingir mesquinhos objetivos humanos, porquanto minhas palavras revelam, à evidência, quão distante do humano é o mundo em que me agito; o leitor compreende como a sinceridade é necessária em meu trabalho e como seria absurdo usar o infinito, em que eu tenho vivido, a serviço do finito, dos pequenos propósitos humanos.

Por isso não tenho sentido este novo escrito senão como um novo dever. Proponho-me, pois, fornecer os dados do modo mais objetivo possível, para o estudo do fenômeno deste meu particular tipo de mediunidade e específico sistema de conceber e escrever, o que será, pelo menos, um exemplo interessante para os anais biopsíquicos. A obra aí está, como fato concreto, analisável como construção de pensamento e produto do fenômeno.

Aquém, no entanto, desse resultado, processou-se toda uma transformação e maturação de minha personalidade, havendo um imenso mundo meu, cuja descrição é necessária, para esclarecer a origem e fazer compreender a íntima natureza do escrito, não acessível, certamente, à primeira vista, principalmente porque, de um modo geral, ele será acareado justamente com a psicologia chamada normal, que está muitíssimo longe de

possuir os meios de intuição necessários para penetrar a substância fenomênica ou descer a profundidades.

Será também esta a história de uma alma, e o leitor irá vê-la agitar-se palpitante de novas paixões; será espectador de um intenso drama espiritual, no qual se movem vivas as forças e os princípios das leis cósmicas.

Procurarei comunicar a “minha” sensação do fenômeno, fazendo sentir como vibraram em mim essas forças do espírito, que tão frequentemente escapam à percepção comum e que muitos negam, porque não sabem senti-las.

Procurarei fazer viver esta nova vida muito maior que eu tenho vivido, este raptó dos sentidos que me tem dado a sensação do paraíso e que me permitiu, demoradamente, ausentar-me da pesada atmosfera terrestre. Existe também, em tudo isso, algo de supremamente fantástico e aventuroso, embora conduzido com seriedade científica.

Aqui está todo um ser que, movimentando coração e inteligência num espasmo de humanidade e de super-humanidade, não pode deixar de despertar ressonâncias em outras almas. E aqui são postos de frente os mais graves problemas da psique e do espírito, dessa superdelicada ciência do futuro, em que se fala de ondas-pensamento, de ressonâncias intelectivas, de captação de correntes psíquicas, de atrações e simpatias entre os mais distantes centros vibratórios do universo.

Aqui se defronta um novo método de pesquisa científica por intuição e uma nova técnica de pensamento, que circunda os problemas por espiras concêntricas, comprime-os em ângulos visuais progressivos, afronta-os por visões de concepção poliédrica, aproximando-se sempre, cada vez mais, de sua íntima estrutura, até desnudá-los em sua essência.

Problemas científicos profundos, do futuro, que eu antecipo e investigo para resolvê-los. Existe complexidade, riqueza de aspectos e, simultaneamente, um frescor de verdade no fenômeno, que, por ser apresentado como realidade vivida, interessa não só ao cientista, mas também ao filósofo e ao artista. No momento das conclusões, eu saberei ascender à minha psique de intuição e arrojar-me com ela ao mistério, que não poderá resistir-me.

No fenômeno há também um lado místico e religioso, porque ele se realizou numa atmosfera de fé intensa e de graça espiritual; existe nele um amor que, sendo todo dirigido para o Alto, como no misticismo, pode

recordar, embora muito de longe (perdoem-me a recordação), o amor sentido por São Francisco no Verna.

Para compreender-me, seria necessário saber como vivo, como penso, como sofro e como amo.

É absurdo estudar os fenômenos abstratamente, separados da atmosfera em que nasceram e se desenvolveram. A realidade nos apresenta casos concretos que, para serem verdadeiros, devem ser particulares. Se queremos tocar com a mão uma realidade, devemos deter-nos no particular. É, porém, no particular do meu caso que irei encontrar as leis gerais do fenômeno inspirativo, comuns a muitos outros casos que observarei ao lado do meu.

O mundo tem necessidade destas revelações íntimas. Pelo menos, a literatura se enriquecerá de algo verdadeiro, vivido, substancial, e isso já é muito. O mundo precisa destas afirmações de espiritualidade, necessita de quem, em tempos de materialismo e egoísmo desenfreados, grite a grande palavra da alma; de quem, em tempos de apatia e indiferença, dê exemplo de fé vivida; de quem, em forma científica e moderna, repita as grandes verdades esquecidas. Tudo isto é vida, vida de espírito, a mais possante e a mais intensa que se possa imaginar. Se, em lugar de usar os termos vagos das religiões, precisarmos os problemas da alma, analisando-a e anatomizando-a, então a determinação em pormenores do aspecto de tais fenômenos não poderá senão reforçar os princípios, assim como, atualmente, a presença dos aparelhos radiofônicos não permitirá à maioria duvidar da existência das ondas hertzianas.

Aqui prossigo em minha luta pela afirmação do espírito, a única coisa que me tem parecido digna de valorizar uma vida, luta que considero, doravante, como missão.

Luto para que estas realidades mais profundas sejam vistas; para que estas concepções, altamente benéficas individual e socialmente, desçam à vida de cada dia e lhe comuniquem aquela esperança e aquele sopro de fé tão necessários, sobretudo nas penas do trabalho e da dor. Este será um romance de gênero novo, um drama superlativo no qual se acossam as vicissitudes de minha alma.

Tenho vivido intensissimamente e ainda tenho muito para dizer. Criei o hábito de quem tem pressa, buscando dizer tudo do modo mais simples, mais breve, mais sincero.

Nestas páginas, nasceu em mim um fio de pensamento, que tomou uma direção e se desenvolve. Não sei aonde ele poderá chegar. Segui-lo-ei e

convido o leitor a segui-lo comigo. Assim começo.

II. O FENÔMENO

Senti e observei em mim a marcha do fenômeno em seu desenvolvimento interior e exterior, havendo ele, assim, permanecido individuado no seu aspecto dinâmico – gênese, desenvolvimento e plenitude – até alcançar seu produto concreto: o pensamento fixado em escritos, que são o documento, sempre suscetível de observação, último termo do fenômeno, o resultado definitivo do processo terminado.

Esta cronistória pessoal, embora necessária à compreensão do fenômeno, já foi por mim relatada, e não me cabe repeti-la aqui. Vamos observar agora o fenômeno, não mais no seu desenvolvimento no tempo, mas sim em sua profundidade, para pesquisar-lhe e descobrir-lhe a técnica, isolando-a num dos momentos culminantes e mais intensos: a recepção da minha última obra.

Minha tarefa e meu método são objetivos; anatomizo em diversas seções, trabalhadas primeiro longitudinalmente, na direção do tempo, e depois verticalmente, em profundidade. O leitor compreende que a recepção, tendo-se estendida por três verões⁹, implica necessariamente na repetição de normas constantes, consuetudinárias, significando a formação de um verdadeiro método receptivo.

É minha tarefa, agora, descrever as condições de ambiente e de espírito exigidas, os estados psíquicos vividos, o comportamento de meu ser físico e psíquico, considerado como meio para manifestação do fenômeno, apresentando de forma precisa todos os fatores que para o mesmo possam ter concorrido.

Tudo isso, para individuar as características, definir o tipo e, finalmente, encaminhar-nos ao descobrimento da lei daquele fenômeno. Operarei indutivamente, pelo menos nas primeiras fases da pesquisa, remontando dos efeitos às causas, do particular ao geral, do relativo ao princípio das coisas. Quando este método não mais for suficiente para resolver os problemas, eu me transporei, num voo, ao método da intuição, de modo que o leitor possa vê-lo aqui, não apenas descrito, mas também operante na solução das questões mais complexas.

O tipo de inspiração emotiva, em mim, é diferente do tipo de inspiração intelectual. Minha mediunidade, verdadeira função de vida, não é fenômeno

de tipo imóvel, mas se transforma com a minha evolução. No primeiro caso, são mobilizados os centros nervosos afetivos do coração; no segundo, os centros nervosos intelectivos do cérebro. Atravessando estes dois tipos de inspiração, vivi em dois centros de vida distintos, nos quais se condensavam todas as minhas sensações.

Não insisto no primeiro caso, que é particular aos místicos, pois a produção resultante dele, mesmo seguindo um desenvolvimento lógico, não é um verdadeiro organismo conceptual. Isso pode deixar duvidosa a ciência, porquanto o “eu” se expressa nos vagos termos do sentimento, podendo fazer os cétricos acharem facilmente um modo de introduzir na interpretação um despertar de estados de subconsciência, com distorção e translação de imagens psíquicas, e concluírem, finalmente, com o patológico da neurose. Não me refiro, naturalmente, a quem crê, sente e raciocina. Conheço bem, no entanto, o contrário, dado pela mentalidade preconceituosa de certa ciência catedrática e oficial, sendo esta à qual me aludo.

Agora, quando nos achamos diante de um tratado no qual o sentimento é relegado a plano secundário, enfrentando-se e resolvendo-se problemas que aquela ciência provou ser incapaz de resolver, pelo fato de, por concepções arbitrárias, situá-los como absurdo, esta mesma ciência não poderá refugiar-se muito facilmente na hipótese do patológico. Assim, o fenômeno mediúnico inspirativo, revolucionando como método de pesquisa o passado, não poderá senão resplandecer em toda a sua beleza. Se me abandono em certos momentos ao meu lirismo, no ímpeto das impressões, ele é sempre circunscrito e controlado por uma fria razão, que constitui minha garantia, sendo sempre refreado por uma subversão de psicologia, rápida e instintiva em mim, pela qual sou levado a ver de cada ideia o seu contrário, para demolir com a psicologia destruidora do ceticismo científico o que não é bem firme. A fusão entre fé e ciência, tão auspiciada, já se completou em meu espírito, tendo-se tornado uma visão única em substância. Assim, passo de uma para outra unicamente por uma mudança de perspectiva visual ou de focalização de meus centros psíquicos.



Abaixemos, portanto, as luzes e entremos no templo do pensamento. Vamos penetrar num mundo de vibrações delicadas, de formas fugidias, que o pensamento cria e destrói; mundo de fenômenos evanescentes e sutis, no entanto reais.

A insolubilidade de muitos problemas talvez seja motivada justamente pela maneira errônea de situá-los. A solução é muitas vezes impedida pelo próprio preconceito, embora inconsciente, levando a conclusão a ser dada já pela primeira posição do problema.

Aproximamo-nos da gênese do pensamento. Talvez todo o fenômeno do pensamento não seja senão um fenômeno mediúnico de ressonância nouírica, sendo possível reluzir ambos ao mesmo princípio, razão pela qual muitas diferenciações preconcebidas, que prejudicam a visão substancial do fenômeno, não terão sentido.

Virão à luz expressões audazes e desconcertantes, mas quero levar à superfície da consciência – onde tudo é claro, sensível, racional – estes mistérios evanescentes das profundezas; quero medir este, quase direi, singular pensamento radiofônico, que tão estranhamente emerge dos abismos.

Desçamos às profundezas desse oceano que existe no íntimo de nossa personalidade psíquica.

Começo do exterior, da superfície, da descrição do ambiente. Não posso escrever em qualquer lugar. Num ambiente de desmazelo, desordenado, desarmônico, não asseado, novo para mim, não impregnado de minhas longas pausas no meu estado de ânimo dominante, não harmonizado com a cor psíquica de minha personalidade, não posso escrever senão mal e com esforço. Eis-me, ao contrário, em meu pequeno gabinete, num ambiente de paz, onde os objetos expressam minha própria pessoa, onde a atmosfera é ressonante de minhas vibrações e tudo, por comunhão de vida, está sintonizado com meu temperamento. Pelo fato de aí me deter longamente, para pensar e escrever, saturei as paredes, a mobília e os objetos de um particular tipo de vibração, que retorna agora a mim como uma música que harmoniza o meu pensamento.

Este é o primeiro problema: a harmonização, que me permite a seleção de correntes e a minha imersão nelas. Não posso atingir esses delicadíssimos estados de consciência senão num oásis de paz, através de um processo inicial de isolamento vibratório do violento ruído do mundo.

Antes de me lançar à exploração do supranormal, tenho necessidade de me encerrar, para minha ajuda e proteção, nesse invólucro de vibrações simpáticas, harmônicas, leves, como se adentrasse num veículo capaz de me permitir flutuar no oceano das vibrações comuns da vida humana, que são densas, sufocantes, cegas.

É noite, aproximadamente dez horas. É uma ótima hora, na qual minha capacidade receptiva se intensifica, estendendo-se até cerca de 1 h da madrugada, quando ela diminui então, por cansaço. Existe um antagonismo entre meu pensamento e a forte radiação solar; parece que a luz embarça minhas funções inspirativas, neutralizando as correntes psíquicas pelas quais sou circundado. Amo as luzes tênues, difusas, coloridas, que deixam vagar os objetos nos contornos indefinidos da penumbra.

Conforme já li, quando Chopin improvisava, ele fazia baixar as luzes e procurava a “nota azul”, que devia ser a nota de sintonização entre sua alma e a do público.

No meu caso, o público está materialmente distante, mas espiritualmente presente e próximo, e eu o sinto, imenso, estrondando mil vozes: é a alma do mundo.

Minha solidão está cheia dessas vozes, constituindo um oceano sem limites, que sobe em marés, ruga na tempestade, submerge-me e levanta-me em seus vagalhões. Depois se aquieta e escuta, vencido por essa potência de pensamento que me arrasta.

Em minha sensibilidade, o pensamento adquire o poder do raio, as correntes espirituais do mundo são tangíveis e essas forças sutis são reais. Entre elas, vou avançando e navegando com destreza.

No princípio, sinto-me extraviado, sozinho no vácuo, e imploro apoio moral, consentimento, confiança. Peço às menores harmonizações do ambiente o primeiro auxílio para o impulso; peço para ser encaminhado a uma cadeia de simpatias humanas, que funcionem como círculo mediúnico, embora espiritual e longínquo, constituindo uma espécie de caixa de harmonia das minhas ressonâncias espirituais.

Vou subir a uma atmosfera rarefeita, e minha humanidade tem necessidade de um invólucro de simpatia que a aqueça e a proteja, auxiliando-a a lançar-se além da zona humana das tempestades, onde minha alma se encontra exposta ao embate de forças titânicas. Não se pode imaginar o poder de harmonização que emana de um ato de bondade. A bondade é uma música que eu respiro e que docemente me impele à corrente, cuja vibração se dá muito mais pela bondade do que pela sabedoria, exigindo perfeição moral.

Para conquistar o conhecimento, devo alcançar um estado de purificação, que é leveza espiritual. Apresentam-se, desde agora, as necessárias relações entre evolução e ascensão de um lado, e mediunidade inspirativa de outro;

esboça-se a afirmação de que a verdadeira ciência não pode ser senão missão e sacerdócio.

Atingido o indispensável estado de tensão nervosa, para submergir-me na corrente, esta me arrasta; o próprio estado de tensão me protege do choque das vibrações inferiores, e o mundo humano desaparece, distanciando-se de minhas sensações. Basta a imersão nas noures, para poder absorver-lhe todo o alimento energético e atingir o isolamento das correntes inferiores. Isso constitui felicidade, êxtase, esquecimento de tudo, até o momento de despertar na consciência normal, onde há uma espécie de penosa turvação de potência perceptiva.

Antes, porém, de estabilizar-me nessa espécie de estratosfera da evolução, enquanto atravesso as camadas inferiores, permaneço vacilante na minha hipersensibilidade, desproporcionada à violência do assalto, ficando muito vulneravelmente exposto ao choque de forças misteriosas. Sinto essas forças vagarem em torno de mim. Sinto, como sentem todas as formas da vida, o terror, a ameaça de um perigo desconhecido nas sombras.

Se, no alto, sou forte, porque sustentado pela corrente, sou humanamente débil cá em baixo e devo, timidamente e sozinho, dar os primeiros passos dessa grande viagem, que implica numa transformação de consciência. Procuro conseguir isso, auxiliando-me com um processo de progressiva harmonização, que se opera do exterior para o interior. É com a harmonia, começando do campo acústico musical, que consigo vencer as dissonâncias dilacerantes das correntes barônticas¹⁰ do mal, sendo a música utilizada como primeiro degrau no caminho do bem e da ascensão do espírito. Isso estabelece relações ainda não suspeitadas entre música, prece e evolução da alma para o bem.

Harmonizar-me é o meu problema, porque subir significa encontrar a unificação; porque, ascendendo, minha sensibilidade aumenta, fazendo-me sofrer mais por qualquer dissonância.

Um dos tormentos de minha vida é a convivência no torturante estrépito psíquico humano, que só a insensibilidade dos involuídos pode suportar. Assim, uso a música como outro meio inicial de sintonização de ambiente, a fim de que ela me ajude a saltar da harmonização nesse primeiro plano sensório exterior para a minha harmonização nos mais altos planos supersensórios; essa música obtenho através do rádio e do radio-fonógrafo, especialmente a melhor música sinfônica, tipo Wagner, Beethoven, Bach, Chopin e outros.

Então, lentamente, a percepção sensória do mundo é substituída por uma diferente, de aspecto interior, anímico, que tudo sente diversamente.

As harmonias musicais da audição se transformam nas mais profundas harmonias dos conceitos. Música suave e, em torno, silêncio completo. Luzes moderadas, em tom menor, totalmente circundadas pelo escuro. Minha alma é uma chama que arde na noite.

Percebo sua luz e seu cântico solitários, e eles surgem assim, logo que adormece a consciência do dia. Lentamente, as coisas perdem o seu perfil sensório; então, vejo vibrar seu espírito. E ouço a voz das coisas, que cantam. Minha consciência adormece para o exterior; meu “eu” morre para as coisas do dia, mas ressuscita numa realidade mais profunda.

É noite avançada. A vida humana repousa em silêncio. São antagônicas as duas vidas: a do pensamento desperta, enquanto a outra adormece.

Quanto mais adormecido fico, tanto mais inconsciente me torno da realidade exterior, volitivamente consumido, ausente do mundo de todos, e tanto mais a visão se faz nítida e profunda, fazendo-me ressurgir mais consciente nessa lucidez interior.

A sonolência é, portanto, superficial e condiciona o despertar num estado diferente de consciência, mais profunda, porém sempre minha, ativa, lúcida. Processa-se um tipo de contraversão no funcionamento psíquico humano, à medida em que se distanciam os estados de atenção volitiva que o caracterizam; ocorre uma inversão de consciência, uma conquista de potência na passividade, tanto que toda sensação de trabalho e esforço desaparece e se produz num estado de abandono.

A vontade, no comum sentido humano, encerrada num círculo de conquistas terrenas, é verdadeiramente para mim um estado de vibração involuído e violento, que perturba os mais sutis estados vibratórios do pensamento. Os volitivos comuns, se são aptos para dominar, são impotentes em face dessas delicadas percepções.

Lentamente, então, vou perdendo a sensação física do corpo, embalado por complexos ritmos sinfônicos de uma vasta orquestração, e adormeço num estado de tranquilidade confiante.

Atravessada essa primeira fase de negação sensória, desperto além da vida normal, numa outra consciência. Adormentados os sentidos, desaparecido de minha percepção o mundo concreto que me circunda, posso abismar-me na vertigem da abstração. Não estou morto, nem passivo, nem inconsciente, porque todas as sensações da vida retornam, mas com

uma potencialização nova e maravilhosa de todas as faculdades de minha personalidade, com um vigor, uma profundidade de percepção e um lirismo de afetividade que antes desconhecia; é como se a alma, somente agora, despida de sua veste corpórea, pudesse revelar-se inteiramente.

O pensamento regressa, mas com uma sensação de potência titânica, com uma profunda lucidez de visão, com uma rapidez vertiginosa de concepção; percebo-o despojado de palavras, em sua essência. Sou possuído de uma sensação de leveza e de libertação de véus e limitações; sinto minha consciência dotada do poder da intuição e do domínio de uma nova dimensão conceptual. Desperta-se-me um olhar mais penetrante, que vê o interior, e não mais somente a superfície; que registra nas coisas não só reflexos óticos, mas também psíquicos; esse novo olhar já não é interceptado pela forma, mas penetra diretamente na substância, buscando o conceito genético, o princípio que anima e governa as coisas. Vejo então o que se encontra além da realidade sensória do mundo exterior, observando as forças que o movimentam e lhe mantêm o funcionamento orgânico. Essas forças tornam-se vivas, e os fenômenos me aparecem com uma vontade própria de existência, uma potência de individualidade que investe sobre mim e grita: “eu sou”.

Cada forma se reveste de um hálito divino de conceito, que eu respiro. Sinto então, verdadeiramente, que o universo é um grande organismo, dirigido pelo pensamento de Deus. Tudo possui, então, uma voz e me fala; todas as forças, todos os fenômenos, toda a vida, desde o mineral, todas as criaturas de Deus irradiam um cântico, que eu escuto e percebo harmonizar-se na sinfonia imensa da criação. Desenvolve-se um colóquio íntimo, e eu o registro; despertaram todas as criaturas irmãs, e elas me olham, dizendo: “Quem és tu que ouves? Escuta-nos, nós te falamos”.

O colóquio torna-se, então, um imenso amplexo, um perder-se pelo aniquilamento no seio de uma luz resplandecente. A ciência é um cântico e uma oração. Abre-se o abismo do mistério, e contemplo: é uma visão, um êxtase. Mais não sei dizer.

Não há palavra que possa descrever a vertigem desses estados de consciência, a potencialidade desses clarões interiores, o júbilo dessa paixão maior que a vida e a morte, a festa desse libertar-se do corpo e desse evadir-se da Terra, a sensação de força e de eterna juventude que emana desses triunfos do espírito. Assim imagino o meu paraíso.

Relato essas coisas para inflamar os ânimos, induzindo-os a essas altas paixões, porque desejo que todos encontrem essa vida de perene mocidade e o dinamismo incansável que existe na substância vibrante do espírito. Esse vórtice de sensações faz perceber, do modo mais palpável, que o espírito existe e que sua potência suprema não pode morrer.

Terminada a visão e a regização, o processo se inverte numa descida: é o retorno à consciência humana. Assim como é preparado por uma fase de adormecimento, o transe lúcido e consciente também termina por uma fase de despertar; essa sonolência e esse acordar referem-se à minha consciência normal, porquanto, em face da minha outra consciência, os termos simplesmente se invertem. Para que uma possa despertar, é necessário que a outra adormeça. Evidentemente, a volta ao estado normal me dá vivíssima sensação de enfraquecimento intelectual, de redução da personalidade, de queda em dimensões mais involuídas, em que tudo está comprimido entre barreiras e encerrado em limitações, provocando uma sensação de gigante abatido.

Torno a cair, então, na realidade cotidiana, onde os outros têm razão, e não eu. A visão desfaz-se, o céu se fecha. Estou sozinho. Novamente encontro o trabalho e o cansaço da vida e retomo o peso da minha luta de cada dia.

Tenho, pois, a sensação de que existem em mim duas consciências, situadas e operantes em planos visuais distintos. Elas se excluem mutuamente e me disputam o campo da personalidade, que não podem possuir plenamente, senão cada uma por sua vez. É necessário que, antes, eu adormeça, como num sonho, e é nesse sonho que o meu eu pode transferir-se à consciência mais profunda.

Estudaremos melhor, a seguir, o significado dessas diferentes focalizações e deslocamentos de centro de consciência, porque aí se encontra a chave de minha técnica receptiva.



A rápida descrição dessas minhas sensações, esta narrativa do meu caso interior, que antepoño para enquadrar o fenômeno, já basta para fazer nascer na mente do leitor um bom número de interrogações. A elas daremos gradualmente respostas.

Tive que descrever o fenômeno no seu lirismo, na intensidade com que o senti e vivi, para ser verdadeiro e objetivo, tendo por fim apresentar

fotograficamente o fato interior. Agora, vou deixar de lado meus entusiasmos e encarar o fenômeno com a diferente psicologia analítica.

Embora esses meus mobilíssimos estados de ânimo, porque incontrolláveis pela observação exterior (ainda assim necessária), possam reduzir-se a um acontecimento pessoal de relativa importância e também serem discutidos e negados, resta sempre, porém, tangível e indestrutível o seu produto: o volume que foi escrito, com seu conteúdo filosófico e científico, com a solução dos problemas defrontados e com sua técnica de pensamento, todos elementos largamente suscetíveis de observação.

O fenômeno completo, embora encerrado em sua imobilidade, é uma afirmação realizada, que aí está como testemunho; e os sutis processos de combinações psíquicas que lhe deram origem podem ser reconstituídos.

Os estados psicológicos acima descritos não foram inúteis, porquanto geraram um efeito, que deve ter uma causa; embora possam parecer de exaltação, produziram um organismo conceptual lógico e profundo. Se o efeito revela a natureza da causa e se ele é uma construção racional, precisa e completa, não é justo atribuir sua origem ao acaso ou a uma anormalidade psicológica ou patológica; se o escrito supera a potência cultural e intelectual do escritor, deve existir em algum lugar uma fonte que a tudo isso deu origem.

Conservar-se cético, negar uma causa ao efeito, não perceber um liame de proporções entre os dois termos, não é racional nem científico.

Esses meus estados psicológicos ainda representam mais: significam uma nova técnica de pensamento, que pode revolucionar os processos psicológicos até agora habitualmente usados.

Este exame que aqui estou fazendo não tem somente a importância de um estudo sobre um particular tipo de mediunidade, mas é o estudo do grande problema da gênese do pensamento, de uma sua novíssima técnica, de um novo método de pesquisa filosófica e científica. Essa técnica e esse método eu os usei largamente e aqui apresento seu primeiro resultado. Denomino-o *método da intuição* e, como já o tenho adotado, proponho-o, por ser mais poderoso que o método indutivo-experimental. Este último, creio, já deu seu máximo rendimento; também creio ser necessário mudar de sistema, se a ciência deseja progredir em profundidade, se quer encontrar sua unidade (agora que está em perigo de pulverizar-se no particular e na especialização), se quer descobrir os princípios centrais e obter uma conclusão, após tantos anos de inúteis tentativas. Urge devolver à ciência,

que descambou em utilitarismo, a dignidade que lhe é própria, levando-a a descobrir no campo do espírito, guiando-a ao caminho justo da verdade, que o mundo espera e pede há tanto tempo, em vão. Urge elevar a ciência ao nível da fé, para que se funda com esta e se unifique o pensamento humano. Também esse é o objetivo da obra que recentemente concluí.

Mesmo abstraindo seu conteúdo, que pode ser considerado como revelação, o referido escrito permanece íntegro no campo científico, como realização completa do novo método de pesquisa. através deste método, sem profunda e especializada preparação cultural, com rapidez e trabalho relativamente mínimo, pude resolver problemas que os outros métodos não conseguiram solucionar¹¹.

O método da intuição é o método da síntese, dos princípios, do absoluto; é o método interior da visão e da revelação. O método indutivo-experimental é o método da análise, do relativo; é o método exterior da observação. O segundo é prático e utilitário, mas desperdiça o conhecimento? O primeiro é abstrato e teórico, mas toca a verdade absoluta, atingindo os princípios universais diretivos dos desenvolvimentos fenomênicos.

Há a considerar também a questão da entidade, ou seja, do transmissor, sendo esta uma questão árdua, para cuja solução teremos, mais adiante, melhores elementos de juízo. Por enquanto, devo observar que, conforme suas próprias declarações, a fonte afirma não ser uma personalidade no sentido humano. Em sua primeira comunicação, *Sua Voz* enuncia, realmente, como primeiro fato, estas já citadas palavras: “Não pergunte meu nome, não procure individualizar-me. Não poderias, ninguém o poderia; não tentes inúteis hipóteses”. Além disso, tenho lido na imprensa espírita, repetidamente, que essa impessoalidade do centro transmissor é mais séria e mais verdadeira do que sua exata definição numa assinatura, embora esse nome seja dos grandes da história. E é intuitivo que, embora sobrevivendo, a personalidade humana deva experimentar mutações que lhe fazem perder seus atributos humanos, seus sinais de identificação psíquica e as características que lhe eram próprias no ambiente terrestre. Tal condição deve ser mais intensamente positiva quando se trata de entidades que jamais viveram na Terra, ou então que, por serem de tal forma elevadas, vivam normalmente em dimensões conceptuais e planos de consciência superiores.

Se a virtude destes meus estados psíquicos particulares é de me fazer atingir conscientemente esses planos, deverei achar suficiente falar não de

espíritos no sentido comum, mas somente de centros emanantes de correntes psíquicas – as *noúres* – nas quais justamente se processa minha imersão, correntes cujas vibrações eu percebo e registro em minha hiperestesia psíquica. Reconhecer-se-á como lógica a necessidade de alteração de perspectivas, quando se pensar quão longa e estranha viagem seja necessário realizar até atingir o outro limite da comunicação.

Por isso meu caso é bem diferente dos tipos comuns de mediunidade. Não é mediunidade física, de efeitos materiais, que lança mão de centros humanos e subhumanos, de caráter barôntico. Não é mediunidade intelectual inconsciente, em que o médium funciona como simples instrumento e cuja consciência se afasta no momento da recepção. É, porém, mediunidade intelectual consciente no plano superior em que trabalha e para o qual se desloca, na plenitude de suas forças. É, portanto, mediunidade de tipo mais elevado, e chego quase a duvidar que, em tais níveis, possa ainda subsistir toda a estrutura da concepção espírita comum, ou que a tudo isso se possa chamar ainda mediunidade, porquanto ela coincide e se confunde com o fenômeno da inspiração artística, do êxtase místico, da concepção heroica, da abstração filosófica e científica, fenômenos todos que, possuindo um fundo comum, reduzem-se, não obstante as diferenças particulares, ao mesmo fenômeno de visão da verdade no absoluto divino. Nesses momentos, que são chamados justamente de inspiração – diz Allan Kardec no seu “Livro dos Médiuns” (pág. 245) – as ideias abundam, se seguem e se encadeiam por si mesmas, sob um impulso involuntário e quase febril; parece-nos que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que nosso espírito se haja desembaraçado de um fardo. Os homens de gênio, de todas as classes, artistas, cientistas, literatos, são indubitavelmente espíritos adiantados, capazes de compreender e conceber, por si mesmos, grandes coisas; ora, é precisamente porque os julgam capazes que os espíritos, quando desejam executar determinados trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias, e, assim, na maioria dos casos, eles são médiuns sem o saberem.

Concebo, desse modo, estes meus estados e qualidades como uma sublimação normal de todo o meu ser psíquico, atingida por minha natural maturação biológica, que figuro como uma continuação, no campo psíquico, da evolução orgânica darwiniana. Foi desse ponto de observação, a mim oferecido por estados de consciência supranormais em face da mediana evolução biológica, mas normais para a fase por mim atingida, que

eu pude contemplar a síntese do cosmos. E é por isso que, desse nível biológico, me inspira o maior desgosto a mediunidade física, a qual percebo como algo de violento, sufocante, involuído. Deixo a esse mais áspero trabalho do espiritismo o valor probatório para a hodierna ciência da matéria, para os cegos do espírito, mas permaneço em minha sensação de repugnância e de desgosto.

A minha paixão é, ao contrário, subir, sutilar-me espiritualmente, aperfeiçoar-me sempre como percepção. E esta é a condição de minha mediunidade. Fujo, por isso, do que é terreno, das formas de vida humana, de todas as manifestações barônticas, que arrastam meu espírito para baixo e, ao invés de abri-lo para a compreensão e a luz, o sufocam num cárcere de trevas.

Minha paixão é evadir-me das baixas camadas da animalidade humana, sendo essa a minha meta e o significado de minha mediunidade. Quando esta, embora vagando no além, permanece em nível humano ou subumano, não tem mais razão de existir para mim, porquanto não mais significa evasão e libertação. Observar o mundo dos vivos ou o mundo dos mortos é para mim problema secundário em face daquele de minha evolução. Sou um exilado na Terra e busco desesperadamente a minha gente e a minha pátria distante. Meu esforço objetiva reencontrar algo de grande que eu já senti ou vivi, um conhecimento, uma bondade, um poder que se abalou, não sei como, neste mundo. Meu esforço é para subir, subir moralmente sempre mais, para aprender sempre melhor a manter-me em equilíbrio estável ao nível de consciência representado por essas nóúres que eu capto e registro. Procuro simplesmente tornar normal para meus pulmões a respiração, que é difícil para um ser humano, naquela atmosfera rarefeita, mas puríssima e esplêndida.

Toquei de leve, neste momento, uma corrente que me delineia uma interpretação do fenômeno. Sinto desse modo, muitas vezes, nascerem em mim os mais inopinados conceitos. Minhas capacidades consistem, portanto, em saber mover-me, em plena consciência, de um plano conceptual humano a um plano conceptual sobre-humano; saber efetuar, com a sonda de minha superconsciência, reconhecimentos nas profundezas do plano superior e, colocando-os em forma racional, compreensível aos meus semelhantes, trazer os resultados da investigação à consciência normal, para poder, através desta consciência e na sua respectiva terminologia, fazer a comunicação entre os mesmos. Eis o conceito de que

falei: a linha que percorro e ao longo da qual me elevo e desço é a dimensão evolução (confronte *A Grande Síntese*, Cap. XXXV – “A Evolução das Dimensões e a Lei dos Limites Dimensionais”), sendo isso possível porque me encontro numa fase de transição e transformação entre consciência e superconsciência, condição que ainda me permite oscilar entre as duas fases contíguas de evolução psíquica.

Em face de tudo isso, pode-se ver como se deve abandonar, caso se queira compreender a fundo o problema, o simplismo da ideia de uma entidade que fala mais ou menos materialmente aos ouvidos do médium. E daí também se compreende a extraordinária importância que tem para esta minha qualidade de recepção inspirativa – para completá-la, mantê-la e aperfeiçoá-la – o fator moral; compreende-se quão importantíssima função possui, em face dessa minha mediunidade, o fator dor, que refina, educa e purifica; compreende-se como fazem parte integrante do fenômeno e como é necessário dar-lhes um verdadeiro peso científico os fatores de caráter religioso, ético e espiritual, que a ciência acreditou até agora poder ignorar como não-valores.

No meu caso, por isso, a recepção se realiza através de sintonização, ou seja, pela capacidade de vibrar em uníssono, que se pode chamar simpatia, envolvendo o conceito de afinidade de natureza. Devo, então, submeter minha natureza humana ao martírio de viver num nível que não é o dela, entregando-se em holocausto de uma lenta morte; devo saber continuamente realizar, entre as cargas de minha vida humana diária, o esforço de erguer-me, como consciência, a um nível sobre-humano e nele manter-me através de uma tensão nervosa esgotante, em que muitas vezes me abato, caindo humanamente desfalecido. É através de um sofrimento contínuo que eu posso declarar-me uma antena lançada no céu dos antecipadores da evolução. Só a dor pode permitir perdoar a audácia destas afirmações.

Referi-me, assim, às notas fundamentais do fenômeno tal como eu o vivo. Pode ele definir-se como um estado de acentuada hiperestesia psíquica, que me permite a captação consciente de correntes conceptuais emanantes de centros psíquicos existentes em formas biologicamente superiores e dificilmente individualizáveis para o homem, em face das limitações sensoriais e conceptuais deste. Tais estados podem ser chamados medianímicos e são, no meu caso, conscientes e lúcidos, tornando-se utilizáveis por me ser possível retroceder biologicamente aos estados de

consciência normal e – devido à minha capacidade de oscilar entre essas duas consciências, que são duas fases de evolução biológica no nível psíquico – traduzi-los em forma humana de pensamento. São capacidades supranormais em face do nível médio, mas normais para mim, porque atingidas através de natural processo evolutivo; capacidades abertas a todos e às quais a humanidade chegará por via normal de evolução no tempo. Trata-se de um fenômeno de sintonização entre os dois centros comunicantes, o que implica afinidade e, de minha parte, a tensão para manter-me num alto nível biológico, expresso neste campo psíquico por leis morais. Tudo isso eu adoto praticamente, como um novo método sintético – por intuição – de pesquisa filosófico-científica, o qual tenho utilizado e aqui, juntamente com seus resultados, ofereço à ciência, para seus objetivos. No fundo, trata-se simplesmente do antiquíssimo método dedutivo da revelação, que a ciência, atualmente, trocou pelo método indutivo; trata-se do retorno às fontes da verdade, ao outro extremo de visualização do conhecimento.

Com este método se introduzem na pesquisa científica fatores delicadíssimos. Considero absurdo falar, no presente caso, de gabinetes e experimentações num sentido materialista, porque a primeira coisa a fazer não é tanto induzir o cientista a estudar o fenômeno com sua psicologia, mas reconstruir, desde os fundamentos, a psicologia do cientista. Meu fenômeno não pode ser somente objeto de observação, pois constitui um método científico “*para a observação*”, no qual não se procede apenas por verificações exteriores e superficiais com meios sensórios e instrumentos, mas se usa a consciência do observador, que é elevada a instrumento de pesquisa. Procede-se, aqui, por sintonização entre o psiquismo do observador e o psiquismo diretivo do fenômeno. Em outros termos, é necessário que a alma do observador se dilate, expandindo-se do exterior para o *interior*, para entrar em contato com a substância, o princípio animador do fenômeno, e não somente com sua forma externa e com o aspecto exterior de seu desenvolvimento. É o estado de espírito do poeta e do místico, de simpatia por todas as criaturas, de paixão de conhecimento para o bem, de sensibilidade estética do artista, porém não mais vago, e sim dirigido com exatidão científica no campo das concepções abstratas.

Nestas formas de pensamento, sinto que se dilatam os novíssimos horizontes da ciência do futuro; nestes conceitos que aqui estou expondo, sinto estar a semente de uma profunda revolução na orientação do

pensamento humano; sinto que este assunto é o problema fundamental: o mais importante a que possa dirigir-se hoje a mente humana. Aquém deste estudo, que parece apenas de um caso pessoal, se agita o grave problema do conhecimento humano e dos novos métodos para atingi-lo. Tudo isso demonstra que a verdadeira ciência, a profunda ciência que toca a verdade, só é atingida pelas vias interiores, através de um processo de harmonização da consciência com as leis da vida e com o divino princípio que tudo rege; demonstra que os caminhos do conhecimento não podem ser senão os caminhos do bem; que o saber é um equilíbrio de espírito; que a revelação do mistério não se verifica senão quando se alcança a fase de perfeição moral; demonstra que a ciência agnóstica, amoral, torna-se a ciência do mal e se destrói a si mesma; que é absurdo, portanto, ignorar certos imponderáveis substanciais e prescindir do fator ético na pesquisa; demonstra, finalmente, que a ciência não deve ser senão uma ascensão cultural e espiritual tendente à unificação de tudo – arte, filosofia, religião, saber – em Deus, porque a lei de evolução é também lei de unificação.

Com este método, escrevi uma obra que foi publicada como ditado mediúnico, e isso, se corresponde à verdade, não basta para fazer compreender todo o fenômeno. Vê-se agora que esse escrito foi gerado num plano de consciência supranormal e que eu tinha de possuir as qualidades necessárias para saber transferir-me àquele plano, a fim de poder, assim, perceber aqueles conceitos. Meu esforço não foi, na verdade, o esforço cultural do estudioso, mas sim um trabalho completamente diverso. Nada de livros, pois inexistentes em tais campos inexplorados e sobre tão novíssimas concepções; nenhuma preparação cultural particular, nenhuma coletânea de materiais, nenhuma pesquisa do pensamento alheio no passado, mas sim um contato imediato com o problema e com o fenômeno, com uma nova e diferente focalização da consciência. A libertação do estorvo cultural foi, pelo contrário, a primeira condição que me permitiu a leveza necessária ao voo, numa espécie de virgindade de espírito, livre de todos os preconceitos de precedentes interpretações alheias. A dificuldade da composição não se assentou no estudo de livros, mas na busca do estado de espírito. O fenômeno e sua lei me falaram diretamente, sem véus; a verdade me tocou como um lampejo de concepção instantânea; jamais qualquer incerteza ou tentativa de hipótese. Prendia num voo o princípio, sem jamais me perder no dédalo do particular e da análise. Jamais oscilei na dúvida em que a ciência se debate. Nenhum registro necessário, multiplicado pela

observação prolixa e paciente; não mais o comportamento lento e incerto do cego que, para certificar-se da segurança, deve tocar tudo de todos os lados, mas sim um senso da verdade, uma regisração rápida de totais, uma potência de síntese que imediatamente conclui. Não mais um mesquinho contato com o fenômeno apenas pela estreita via dos sentidos, mas sim uma comunhão aberta de par em par, uma transposição completa do meu centro consciente ao centro do fenômeno, seja ele o mínimo ou o máximo do universo. Os dois termos que devem compreender-se, observador e fenômeno, eu os ponho à mesma altura; não desperdiço esforço em mudar os casos e as condições do fenômeno, mas mudo o observador e suas qualidades perceptivas; restituo sua alma ao fenômeno e o compreendo. Na transmutação da consciência, sintonizo os íntimos movimentos vorticosos do meu psiquismo com aqueles que constituem a essência do fenômeno; reduzimo-nos ambos (eu e o fenômeno, elementos que devem tocar-se) à última e mais simples expressão cinética. Reduzidos assim ao mesmo denominador, as duas expressões podem comunicar-se, minha consciência pode sobrepor-se e coincidir com a consciência do fenômeno. Este método de pesquisa por sintonização fenomênica atinge também fenômenos longínquos ou não mais reproduzíveis, situados além da capacidade de observação, como, por exemplo, as origens da vida, as dimensões conceptuais etc., fenômenos que não podem ser enfrentados senão com esses meios de pesquisa, os quais a ciência não possui.

Nestes estados, não sou apenas consciente, mas também ativo centro investigador; não me limito à percepção de núres ou correntes de pensamento emanantes de centros psíquicos distintos de mim, mas sinto diretamente a grande voz das coisas; vejo o princípio que as anima, percebo as correntes que delas emanam. É natural que, transferindo-me eu a um plano de consciência mais avançado em evolução, tudo naquele nível se manifeste em forma de vibração psíquica, porquanto, nas fases superiores, todo o universo se torna espírito. E tudo abarco porque, se adormeço na consciência normal, desperto na outra, que é muito mais elevada e potente; nesta adquiro uma nova amplitude de visão e de discernimento, própria, livre e autônoma. Também na percepção e captação de núres permaneço consciente e examino, exercitando um poder de juízo e de escolha. Daí se pode compreender o grau de consciência que atinge minha mediunidade e como eu domino completamente o fenômeno em toda a sua extensão, permanecendo senhor de suas possibilidades.

Apresenta-se agora uma delicada questão: saber se o produto de tal trabalho é absolutamente meu; em outros termos, a quem cabe a paternidade da minha produção, chamada mediúnica. A questão é sutil, justamente porque, em tais níveis de consciência, não só conquisto um particular poder de visão no absoluto, não só percebo o pensamento de outros centros, mas também, naquele nível, a distinção individualista humana, própria do separatismo imperante nos planos mais baixos de evolução, se anula na unificação, própria dos planos superiores. Já afirmei que a lei de evolução é também lei de unificação. Subindo a superiores dimensões conceptuais, é natural, portanto, que a individualidade se reabsorva na unidade. Atingindo aqueles planos, eu sinto, na verdade, apagar-se a distinção entre o eu e o não-eu, sinto-me anulado, fundindo-me e ressurgindo numa unidade mais alta e poderosa; sinto atuar-se a unificação entre mim e o princípio animador dos fenômenos, não somente entre mim e as noúres, mas também entre mim e os centros de pensamento que as emitem. Ascendendo-se, atinge-se a unificação com o princípio universal, em que a individualidade se aniquila. Meu ser se harmoniza, então, de tal modo com o funcionamento orgânico do universo, que dele não se sente mais separado, unificando-se, fundindo-se e perdendo-se no grande incêndio de luz da Divindade.

É para mim difícil reduzir a grandiosidade de sensações deste fenômeno aos termos do vocabulário mediúnico. Muito mais difícil porque devo ainda, por amor à verdade, acrescentar que, também nos estratos inferiores de minha consciência, quando o trabalho lhes era apropriado, este lhes era confiado em colaboração harmônica, pela lei do meio mínimo. Alguns, ao julgar-me, procuraram a evidência do fenômeno mediúnico na ausência, em mim, de uma adequada preparação cultural e viram a prova disso no contraste entre minha cultura, amplamente inferior, e o escrito produzido, até ao ponto de considerar que, quando esse contraste falta, o fenômeno deve ser julgado suspeito. E se escandalizam por eu abolir abertamente, no meu caso, essa presunção de completa ignorância como elemento probatório e diminuir essa distância entre as capacidades culturais do médium e o produto intelectual. Já falei, porém, sobre sintonização. É evidente, pois, que o centro receptor, para poder entrar em ressonância, deve saber elevar-se até atingir um estado de afinidade qualitativa com o centro transmissor, que tanto pode ser uma noúre, como a alma do fenômeno em sua própria expressão. É natural e justo, portanto, que, nos assuntos mais modestos – como a compilação de um quadro ou de um

diagrama, a execução de um desenho, o controle de um cálculo ou de uma fórmula, o desenvolvimento de conceitos mais simples e mesmo o próprio, mas raro, retoque da forma etc. – esse trabalho menor de contorno, serviço secundário, seja confiado à psique menor, para deixar, evitando inútil desgaste de energias, o trabalho central de direção à psique superior, que se reserva à função mais elevada de lançar os planos da obra e iluminar a essência dos fenômenos. Tudo isso corresponde a um plano lógico de divisão de trabalho.

Ouçamos o que diz sobre o assunto Allan Kardec no seu *Livro dos Médiuns*: “É possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser jamais preconcebido; nasce à medida que se escreve e é frequentemente contrário à ideia que anteriormente se formara (exatíssimo); pode, além disso, ser superior aos conhecimentos e capacidades do médium (...) Este último, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo e, de certo modo, apropriar-se dele, a fim de traduzi-lo fielmente, no entanto esse pensamento não é seu...” (pág. 243). “Todo aquele que, seja no estado normal ou seja no de êxtase, receba, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas ideias preconcebidas, pode ser colocado na categoria dos médiuns inspirados. Esta é uma variedade de mediunidade intuitiva, com a diferença que a intervenção de um poder oculto é aí muito menos sensível, tornando-se ao inspirado muito mais difícil distinguir seu próprio pensamento daquele que lhe é sugerido. O que caracteriza este último é, sobretudo, a espontaneidade” (pág. 244).

Leio mais adiante, no mesmo volume (pág. 308 e seguintes), uma comunicação de um espírito, que diz: “Quando encontramos em um médium o cérebro dotado de conhecimentos adquiridos em sua vida atual e o seu espírito rico de conhecimentos anteriores, latentes, adequados a nos facilitar as comunicações, dele nos servimos de preferência, porquanto, com ele, o fenômeno da comunicação é muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e cujos conhecimentos anteriores sejam insuficientes... Nossos pensamentos não necessitam da vestimenta das palavras... Um determinado pensamento pode ser compreendido por tais ou quais espíritos segundo seu adiantamento, ao passo que, para outros, esse pensamento, não despertando nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que se abrigue em seu coração ou em seu cérebro, não lhes é perceptível...”. “Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de espírito a espírito.

Neste caso, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados a vestir nosso pensamento com a palavra correspondente ao mesmo. Eis porque os ensinamentos assim obtidos conservam um cunho de forma e colorido pessoais do médium. Se bem que os ensinamentos não provenham de modo algum deste, ele influi sempre em sua forma, tanto pelas qualidades quanto pelas propriedades inerentes à sua pessoa...”. “Quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna muito mais longo e penoso, porque somos coagidos a recorrer a formas incompletas, o que é para nós uma complicação. Sentimo-nos felizes, por isso, quando podemos encontrar médiuns aptos, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados. É por essas razões que nos dirigimos de preferência às classes cultas e instruídas... e deixamos aos espíritos galhofeiros e pouco adiantados o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transporte...”. Uma importante “observação” encerra, no citado volume (pág. 312), essa comunicação: “Disso deriva, como princípio, que o espírito colhe não as suas ideias, mas sim os materiais necessários para exprimi-las no cérebro do médium e que, quanto mais rico é esse cérebro em materiais, mais fácil se torna a comunicação...”. Compreende-se que os espíritos devem preferir os instrumentos de uso mais fácil ou, como dizem, os médiuns bem aparelhados, do ponto de vista deles.

No meu caso, portanto, a cultura, além de não poder ser excluída, é também um instrumento precioso, fornecido ao centro transmissor, como podem igualmente ser a elevação de sentimentos e a afinidade moral, que é condição de unificação. Minha mediunidade é, portanto, um caso de verdadeira colaboração consciente e ativa. Não é, assim, absurdo que sejam chamados a cooperar e a dar todo o seu rendimento os melhores recursos que minha personalidade pode oferecer. Certamente é difícil precisar a distinção entre o meu e o não-meu, assim como também já não sinto o que existe entre o eu e o não-eu. Se eu sou o pedreiro, terei ofertado algum tijolo, tendo sido confiada a mim também a construção de alguma parede e o trabalho mecânico cultural que preenche os interstícios, mas não poderei jamais igualar-me ao seu arquiteto, que não somente concebeu o plano da obra, mas também, traçando-lhes as linhas, por ela sempre velou e, entre os limites por ele desejado, assinalou o meu trabalho menor. Tudo é questão de gradação e de medida. Eu só tive um escopo: completar a obra, dando-me a ela totalmente, com a máxima tensão. Era nessa identidade de metas que se

processava a unificação entre mim e o centro superior; e aquele eu, que consagrei inteiramente à minha obra, foi conduzido por essa atração do Alto a tal grau de sublimação, que nele não mais encontro o meu pequeno eu normal. Em suma: aquela concepção passou, qual novo Pentecostes, como um incêndio através de meu espírito, e todas estas palavras demonstram o quanto me é difícil, não obstante meu desejo de discernimento, reencontrar-me a mim mesmo naquele incêndio.

Durante o desenvolvimento do texto, oscilava eu entre minha consciência humana e a outra, superior, que também seria minha naqueles momentos, conforme as necessidades da compilação impunham; aterrava e decolava quando era preciso, porquanto o objetivo era produzir, e não estabelecer distinções. Recordo-me muitíssimo bem como, ao engolfar-me da maneira habitual, sem o necessário conhecimento, na angústia de difíceis soluções e sem saída visível, a inspiração me tomava a mão e, sozinha, guiava-me através do vazio em que sentia perder-me. Uma direção superior, embora inadvertida e latente, devia estar sempre presente, pois era meu hábito arrojá-lo, sem preparação, sobre os argumentos mais difíceis, ignorando aonde chegaria. Não obstante isso, atingia um bom porto, sempre guiado por um misterioso senso da verdade. Todas as teorias e desenvolvimentos conceptuais por mim seguidos não foram, na verdade, meditados; não os compreendi inteiramente senão depois de escritos. Não conheço um problema senão depois de completamente exposto, porque, durante o seu desenvolvimento, processa-se em minha mente um contínuo projetar-se de luzes, um multiplicar-se de perspectivas inesperadas, um surpreendente pulular de imprevistos. Isso sucede quase sempre, de modo que eu não sei se digo ou escuto, se escrevo ou se leio. Só sei que de mim sai esse fio de pensamento contínuo. Indubitavelmente, um controle e um consenso superiores se manifestam em cada palavra, porque uma dolorosa dissonância feriria imediatamente minha hipersensibilidade, tão logo me afastasse da linha de harmonização. A execução inferior me foi confiada, e eu sigo tranquilo enquanto são suficientes os recursos da consciência humana; muitas vezes, porém, numa curva inesperada, frente a uma passagem difícil, sinto-me atemorizado como uma criança perdida e, então, uno-me novamente ao guia. Recordo-me de que, no desenvolvimento da teoria da evolução das dimensões, cheguei a um ponto no qual me julguei extraviado, não podendo resistir à tensão; rompera-se-me o fio do pensamento; a visão se apagara aos meus olhos; estava desanimado e havia

perdido o senso da verdade. A consciência comum nada me sabia dizer, era cega. Foi então que, passeando em uma hora tardia de uma noite estival, num terraço à luz das estrelas, orando e suplicando, vi toda a teoria num lampejo, num esplendor de conceitos sobre o fundo cintilante do firmamento. Foi um átimo, porque a visão conceptual encontra-se verdadeiramente além da dimensão tempo.

A intervenção, pois, do fator supranormal é evidente. É preciso somente compreender a complexa estrutura dessa intervenção e evitar o simplismo que reduz tudo à ação de um espírito sobre os centros psíquicos passivos do médium. Isso justifica a qualificação mediúnica dada ao escrito desde o princípio. Assim como a compreensão da transmissão radiofônica, embora muito simples para comparação, presume o conhecimento da eletrotécnica, também é preciso, para entender este meu fenômeno, haver assimilado toda a obra que produzi como interpretação da fenomenologia universal, para poder então situar este caso harmonicamente no seio do funcionamento orgânico do todo. Atrás destas minhas palavras, como explicação e base, exponho aquele quadro completo, quando falo de minhas duas consciências e da minha oscilação entre elas, ao longo da dimensão da evolução, referindo-me à teoria da evolução das dimensões conceptuais e à fase humana da evolução espiritual. É racional e científico – também no sentido da velha escola materialista – falar de níveis e planos de consciência. Estes nada mais são do que os graus sucessivos ou fases da evolução afirmada por Darwin no campo orgânico, que devem, logicamente, continuar no único campo onde uma continuação pode e tem de existir: o campo psíquico. Tudo isso corresponde aos conceitos das religiões e neles se encontra traduzido em diversas palavras, que exprimem substancialmente estes níveis, como “hierarquias angelicais”, ou vários céus, ou “esferas celestes”. É esta unidade fundamental, na profundidade onde tudo se unifica e à qual permaneço aderente, que me permite, muitas vezes, mudar de forma e estilo, passando equivalentemente da ciência à fé e vice-versa, reduzindo assim os grandes inimigos a questões de palavras, e não de substância.

O fenômeno apresenta, portanto, duas faces e resulta justamente da conjunção de ambas: num extremo, o lado humano, no qual se encontra minha preparação cultural, as qualidades de meu temperamento, o meu grau de evolução e a minha capacidade de transferência a um superior plano de consciência; no outro extremo, o lado super-humano, que desce, adapta-se a mim e, ao mesmo tempo, adapta-me a si, guiando-me e atraindo-me para o

alto. Existem, pois, não somente dois centros: um radiante, transmissor, e um registrador, receptor, mas também duas atividades, segundo as quais ambos os centros se acham estendidos um para o outro num trabalho de elaboração recíproca, a fim de atingir a unificação, pois a identificação é a fase da comunhão perfeita. Somente através da tensão deste trabalho de recíproca aproximação pode estabelecer-se a comunicação. Por isso, de minha parte, como centro registrador e receptor, dou todo o meu esforço, enfrentando toda a minha fadiga, para alcançar a altitude evolutiva do transmissor e nela me manter. A estação receptora não é, portanto, necessariamente passiva, como um aparelho radiofônico, mas sim conscientemente ativa; sabe, investiga, escolhe, lança-se com todas as suas forças para conseguir a captação das noures, multiplica suas energias, dá-se completamente, aniquila-se em face da criação nascitura. É nesse sentido que em minha obra se encontra todo o meu eu, toda a minha fé, minha paixão, minha pobre cultura; ali está meu pequeno eu multiplicado pelo infinito, que, com sua atração, me arrebatou para o alto e fecundou meu esforço, centuplicando-lhe o rendimento. Ali está meu pequeno eu, porque aquela concepção, embora muito longínqua, também se encontra na linha de minha evolução, e eu a senti palpitante, como um sonho, inatingível hoje, de uma perfeição a cujos pés me humilho, porque não me encontro amadurecido e careço de forças.

Essas noures superiores estão no meu futuro e me atraem. Encontram-se na outra extremidade, no segundo termo da comunicação. Devemos entender-nos, desde agora, a respeito do conceito de noures, o qual, sendo muito vasto e complexo, aprofundaremos no estudo da técnica do fenômeno.

As noures não são somente correntes psíquicas, uma espécie de pensamento radiante, vestido apenas da onda dinâmica mais degradada e evolvida, como seu único suporte sensório; são correntes conscientes, que conservam, tal como as formas dinâmicas inferiores, as qualidades típicas e, nesse caso, conscientes do centro genético. Essas correntes nada mais são do que a expansão daquele centro, do qual conservam sua consciência e conhecimento. Conceitos abismais, porque não sabemos imaginar ondas que possuam tais qualidades. Porém há mais ainda. Do lado transmissor, não devemos enxergar apenas os centros superevoluídos, mais ou menos individualizáveis como personalidade no sentido humano, mas devemos ver também, como já mostrei, a alma dos fenômenos, a qual, sendo a

manifestação de si mesma, constitui o psiquismo que existe em todos os fenômenos, o princípio e conceito animador que os assinala e lhes dirige o contínuo transformismo no eterno tornar-se. Ainda aqui, é preciso haver compreendido o espírito de meus escritos. Uma pedra também é viva, havendo nela um psiquismo animador, estabelecido pelo conceito divino que, a cada instante, nela se realiza, exteriorizando-se. Portanto também uma pedra, ou mesmo o mais simples fenômeno químico ou físico, emana noúres e é perceptível como noúres no meu mais elevado nível de consciência. Neste plano, todo o universo se transforma em noúres. Desse meu estado psíquico e dimensão conceptual, que sente na profundidade a essência além da forma das coisas, percebo efetivamente o universo em sua superior dimensão psíquica, que lhe é própria na escala das fases evolutivas. Basta esta minha mutação de consciência para alterar e deslocar toda a gama de minhas ressonâncias interiores, fazendo-me perceber o universo tal qual ele é em sua fase superior. A evolução, que passa do plano físico ao dinâmico e ao psíquico, transforma todo o universo num psiquismo, e em psiquismo ele se torna, como sua real e nova forma de ser, desde que nessa nova dimensão eu saiba apresentar-me conscientemente. Eis então qual o significado de dizer que todo o universo se transforma em noúres. É que realmente, então, tudo quanto existe exala pensamento, por meio do qual, nestes meus estados medianímicos, eu sinto o universo como um possante organismo conceptual. A verdadeira grande noúre, à qual me aferro e que registro, é a emanção harmônica e orgânica do pensamento infinito de Deus.

Cai então, naturalmente, o véu dos mistérios, e tudo expressa a substância de seu ser numa espontânea revelação. Nessas minhas superelevações de dimensão de consciência, tenho a visão, nas profundezas de um abismo infinito, desse centro conceptual. As dimensões gigantescas do fenômeno, a grandiosidade esmagadora do segundo termo comunicante, dariam uma sensação de vertigem a quem não houvesse atingido esses estados, alcançados por mim através de longos e lentos exercícios, depois de uma profunda maturação biológica não se sabe quantas vezes milenária. É necessário, aqui, um equilíbrio mental incomum, porque este é colocado a dura prova. Neste sentido, a objetividade e a minuciosa segurança com que me analiso demonstram o quanto estamos, neste caso, distanciados da consumação neurótica, tão frequentemente invocada pela ciência como explicação de semelhantes fatos.

Sou lançado assim, sem órgãos físicos, num mundo maravilhoso, no qual possuo então uma nova vista, um feixe de sentidos novos e um poder de percepção anímica direta, supersensória. Desse modo se explica a necessidade daquela espécie de transe que me livra da presença ativa dos sentidos físicos, a fim de impedi-los de me chamarem de volta à realidade sensória exterior, que não sabe falar-me senão da forma. Devo realizar, antes de tudo, a tarefa de me libertar dessa estorvante psique racional de superfície, que, para os outros, é tão fundamental. Não mais vejo então o fenômeno no seu aspecto exterior, mas sinto o princípio que o movimenta. Assim, por exemplo, vejo a semente não em seus caracteres morfológicos, mas sim na íntima estrutura de seu ser, como vontade de desenvolvimento, como presciência do ambiente (instinto) e da meta a atingir; vejo-a profundamente, tanto no ritmo das suas infinitas formas do passado como na sua vontade de desenvolvê-las e, aprofundando mais ainda o olhar, sinto o grande princípio da vida que, naquele tipo, palpita e se exprime.

Quando, no silêncio da noite, completo o processo de adormecimento da minha psique sensória, na harmonia e nos tons menores das luzes, no fundo da penumbra, ao ritmo submisso das orquestrações sinfônicas, as coisas perdem seu perfil concreto, o mundo se torna irreal, para ressurgir numa realidade diferente, e eu sinto o equivalente psíquico e espiritual das formas. Há uma correspondência entre os vários planos de evolução, porque a essência das coisas que destila dos planos mais altos se projeta como uma sombra nos planos inferiores. E isso é lógico, pois toda unidade está ligada à superior na linha da evolução.

Ora, a minha ascensão às dimensões conceptuais permite que eu suba da projeção concreta à substância espiritual. É por causa dessa correspondência entre os diversos planos que se pode falar através de parábolas, e é por esta mesma razão que o simbolismo pode exprimir os princípios abstratos e as realidades mais dificilmente imagináveis para os incultos, traduzindo-as em sua sombra mais densa ou projeção concreta, que também as ficam possuindo, embora veladamente. Assim se conseguiu dar expressão, sensorialmente acessível, à realidade abstrata do superconcebível, trazendo-a para o nosso mundo, ao revesti-la de um invólucro que a torna tangível. Eu desfazo essa redução, subindo a corrente em direção oposta, esforço esse que visa a lançar por terra os véus e superar os símbolos, para restituir à luz da compreensão a verdade, que neles teve de ocultar-se por exigência da

psicologia humana involuída. Vimos, desse modo, o conteúdo científico do conceito da Trindade.

No mundo dos fenômenos histórico-sociais, enxergo, atrás dos acontecimentos, a sutil trama em que se tece a causalidade, projetada na direção do efeito; vejo o progredir de um conceito até à meta, o fio que sustém como um colar a série dos episódios, o desenvolvimento lógico que guia o curso do fenômeno histórico.

No mundo da matéria inorgânica, sinto o redemoinhar interior dos átomos, suas atrações e repulsões, seus amplexos por afinidade, o dinamismo de suas correntes elétricas, a combinação e a união de seus movimentos planetários em fusões que originam os diversos tipos das individuações químicas.

Não adquiero conhecimento dos fenômenos por aquisições culturais particulares e numerosas, através do método comum, que repete o saber dos outros; mas possuo um senso único de orientação que me abre o caminho da compreensão de todos os fenômenos. Não compreendo como a ciência possa imaginar que, por exemplo, contando cuidadosamente o número das folhas, observando-as e descrevendo-as, seja possível chegar-se ao entendimento do princípio da vida das plantas; sinto a absoluta impotência sintética do método da observação. No entanto, independente da multiplicação de casos, qualquer fenômeno traz escrito em si mesmo a sua lei, basta escutá-la.

O método experimental me dá a impressão da cegueira, que precisa recorrer ao tato. Na profundidade das coisas existe, indiscutivelmente, um princípio que as governa. Não busco esse princípio penosamente, pelos longos e laboriosos caminhos da análise e da hipótese, mas o alcanço por percepção direta, através de um meu sentido da verdade, um novo sentido de orientação conceptual, que sintetiza e supera todos os outros. Avanço, assim, por instinto, por contínua registração de totais, sem distrair-me no particular; alcanço o conhecimento por deduções, descendo ao particular, a partir dos princípios que anteriormente havia percebido, os quais contém este conhecimento por inteiro. Jamais tento a longa via que sobe lentamente em direção oposta. Seja qual for o problema, ainda que mínimo, nunca o vejo isolado, mas sempre relacionado com a organização de toda a fenomenologia universal e resolvido em relação a ela. Somente com este método se podia fazer uma síntese e encontrar a unidade.

O uso deste método, a princípio intuitivo e depois dedutivo, é necessário hoje, como método sintético e unitário, para contrabalançar a dispersão do conhecimento, a que chega logicamente, por sua natureza, o método indutivo. Se, com uma mudança radical de direção intelectual, não se reagir contra essa tendência, acentuar-se-á sempre mais o isolamento do saber humano na especialização e na desorientação, em face das causas primeiras.

Este meu estudo encara os males congênitos da ciência moderna e se propõe a saná-los. Já disse que evolução é unificação; assim, se o tempo é o ritmo de uma evolução necessária, então ele deve trazer necessariamente unificação. Não pode haver outra meta nem outro futuro. É natural que, elevando-me evolutivamente a superiores dimensões conceptuais, eu deva pronta e espontaneamente encontrar a unidade. O método da intuição é, portanto, o método unitário e sintético que deve dar um amanhã à ciência e ao pensamento humano. Só assim se pode chegar à unidade, encontrando as relações entre os fenômenos aparentemente mais distanciados, mas que, apesar disso, exercem e sofrem influência recíproca. O saber moderno se tornou tão gigantesco e confuso, que há necessidade de uma reordenação, de um desfolhamento; a ideia múltipla do particular precisa ser reduzida à ideia simples, central e sintética, que tudo diz mais brevemente; após haver criado tantas disciplinas, urge saber encontrar agora, quando elas tendem a separar-se, os liames que as unam, a fim de fundi-las em uma verdade, que deve ser simples e única. São perigosas essas especializações hoje tão em moda, pois não correspondem à realidade dos fenômenos, que nunca existem isolados; são posições falsas essas, nas quais a mente do estudioso se afasta para uma ramificação última do mundo fenomênico e do saber humano. Esse separatismo, embora seja utilitário, acaba fazendo desaparecer também a visão exata do campo particular da especialização. É preciso permanecer sempre aderente ao tronco e ver sempre tudo em função das grandes linhas centrais do organismo universal. E pensar que estas linhas centrais, nas quais deve se apoiar a base do conhecimento, a ciência ainda as procura e ainda precisa encontrá-las! Em seu monismo, meu método sintético combate esta corrida hodierna para a dispersão conceptual.

De tudo isso se percebe como, racionalmente, eu controlo e domino meu transe. O acontecimento novo no mundo mediúnico do presente e do passado, creio que seja justamente este, de haver conduzido o transe a um estado de exatidão científica. No meu estado de imersão nas noures, minha consciência permanece sempre presente; na verdade, duplamente presente,

como mais profunda consciência, que implica uma capacidade de juízo superior à normal. Estamos no extremo oposto da comum mediunidade intelectual passiva e inconsciente. No meu caso há uma intensificação de lucidez e de potência conceptual, uma dinamização de atividade intelectual, sendo assim que se deve e somente assim que se pode entender minha mediunidade. De outro modo, não poderia nem sequer escrever estas páginas, porquanto normalmente recorro, oscilando entre os dois centros, a esta minha psique superior, que me permite atingir maior altura, tão logo a dificuldade do problema me faça sentir a necessidade disso.

Disse, de início, que minha mediunidade é progressiva. Sua evolução vai da forma menos consciente, qual era nas primeiras Mensagens, à forma sempre mais consciente, qual se manifesta na Síntese, que, por sua própria profundidade conceptual, implica um mais severo controle mental.



Aludi no início deste capítulo às ótimas condições habituais de minha registo mediúnica. Isso não me impede de sentir e registrar também em outros ambientes além de meu gabinete, embora sua escolha tenha sempre importância capital, porque meu ser recebe as vibrações de tudo que o circunda. Às vezes, aquele lampejar de conceitos explode imprevisivelmente, mas a visão interior também pode, mesmo em meio ao estrépito psíquico, já tormentoso para mim, oferecido pela presença de pessoas heterogêneas, ser excitada por uma inesperada e inadvertida sensação. Minha psique já se habituou a essa audição pela qual afloram à minha consciência concepções imprevistas, que me pareciam desconhecidas. E, mesmo agora, enquanto escrevo, surpreendo-me com conceitos que me nascem inopinadamente, de modo que não conheço completamente determinado argumento senão quando terminado o trabalho.

Em ambientes inadequados, a audição só pode ser desordenada e fragmentária. Ambientes bem sintonizados são a montanha, o campo tranquilo e, sobretudo, a solidão dos bosques. As grandes árvores têm, no lento fluir de sua vida, algo de tanta sabedoria e de tanto pensamento, que me guiam a uma atmosfera de meditação. A vida vegetal, talvez pela sua natureza complementar da nossa vida animal, oferece uma sensação de repouso e de pureza; a vida humana, principalmente nas grandes e rumorosas aglomerações, traz uma sensação de asfixia. Um ser da minha sensibilidade não pode deixar de sentir todas as emanções de cada ambiente. Cada coisa, cada ser, tem uma voz que lhe é própria.

Sendo o fenômeno inspirativo de natureza vibratória, nele a harmonização vibratória do ambiente é fundamental. Já expliquei como preparo a harmonização conceptual interior, partindo de uma primeira harmonização exterior, ótica e acústica, do ambiente, quando trabalho no meu gabinete.

No campo, tudo já é naturalmente harmônico, as formas, as cores, os sons; as luzes do dia se harmonizam no céu e na vegetação; também harmônico é o pensamento da vida, que, embora na luta, é equilibrado pela convivência.

Todas essas harmonias são para mim caminhos musicais que me elevam à prece e conduzem à concepção do bem. Por isso, nas igrejas, há música e canto. Assim como nos teatros se faz caso das qualidades harmônicas de ressonância acústica, do mesmo modo, nos ambientes de oração, que é fenômeno substancialmente mediúnico, as qualidades de ressonância espiritual devem merecer cuidado, como de fundamental importância, caso se deseje que o templo satisfaça sua função de elevar as almas. Há igrejas espiritualmente mudas e, do ponto de vista da vibração psíquica, surdas e desarmônicas; assim como há outras que, apesar de humildes e despidas de adornos, têm suas paredes saturadas pelas vibrações de fé que nelas, durante séculos, foram geradas e projetadas pelas gerações. Minha audição psíquica sente imediatamente essas ressonâncias, e minha alma responde a essas emanções, restituídas a mim pelas antigas paredes e nelas infundidas pela alma das gerações que, junto delas, oraram durante séculos. Nesses ambientes, consigo muitíssimo bem minha sintonização mediúnica. Um dia, a ciência registrará essas absorções vibratórias, essas emanções de estados de ânimo, essas correntes nouíricas, que as paredes podem restituir e das quais alguns ambientes se acham saturados. Então, uma restauração artística mais consciente evitará, embora conforme os critérios do visual e do estilo, certas demolições irreparáveis, nas quais é destruída a atmosfera psíquica dos séculos, que pode ser vivíssima, inclusive em ambientes estilisticamente destoantes. Essa atmosfera é a flor mais delicada e mais evanescente da fé, é a mais sutil beleza e o maior valor espiritual de um templo.

O problema das noures é fundamental também nessas concepções de arte. De outro modo, não se poderia explicar a moderna e inconsciente idolatria pelo “300”¹², cuja motivação está numa instintiva busca da alma faminta, que pede às velhas paredes as vibrações de uma fé outrora

poderosa, a qual parece hoje estar perdida para sempre. De tudo isso se compreende a tamanha vacuidade espiritual que representa a mentira de certas modernas reconstruções em estilo.

Em lugar algum, a sinfonia é tão cacofônica como nas grandes cidades modernas. Aqui, de perto ou longe, não pode ajudar-me senão o círculo de simpatias, que, à semelhança do mediúnico, estreita em torno de mim o anel da compreensão. No campo, a beleza da natureza representa uma harmonia imensa e espontânea, que guia à sensação direta do pensamento de Deus. Haverá algum ambiente mais harmônico que o da natureza, onde tudo está sintonizado com o pensamento divino? Existirá convite mais doce e poderoso do que a vibração na qual se organiza o universo? Quando do íntimo dos seres e das coisas se eleva semelhante emanção, a sintonização é fácil. Nas cidades, tudo isso é desviado por mil barreiras. A atmosfera espiritual que se desprende das massas humanas é baixa e suja, sendo dominada por sentimentos de violência, avidez, egoísmo e depressão, sempre desagregantes, que roubam energia e impedem o fenômeno. A psique do sensitivo é, aí, mais intensamente prejudicada, porque se trata de vibrações de tipo humano, mais próximas, por sua natureza, do sujeito e, portanto, mais aptas a interferirem do que as outras dissonâncias da natureza, evolutivamente mais distantes, as quais são, de resto, absorvidas pela potência da ordem universal. Nas cidades, a presença de grosseiríssimas ondas-pensamento é imediata e invasiva, constituindo um assalto de vibrações ofensivas, de caráter inferior, equivalentes, quanto aos efeitos na regização, aos distúrbios, aos ruídos parasitas e às distorções da audição radiofônica.

A recepção inspirativa, para resultar pura, exige uma pureza de ambiente, de ânimo, de objetivos. Eis porque é fundamenta nela a purificação do médium, problema de que trataremos separadamente mais adiante. Toda vibração que fuja do estado de equilíbrio e de elevação moral age como perturbação, aparecendo como mancha na regização e provocando distorção das imagens conceptuais. Elevando-se a natureza espiritual do médium, torna-se mais difícil sua ressonância às vibrações baixas, tendentes a inquinar o fenômeno.

A presença de certas pessoas espiritualmente fétidas pode representar para o sensitivo um intenso sofrimento. Quando, por necessidade social, ele é obrigado a viver em tais ambientes, então sua alma não pode permanecer senão fechada em si mesma, nunca se abrindo e somente ocupando-se em

defender-se. Não se pode imaginar quão grande condenação é para ele ser constrangido, às vezes, a viver no seio de certas imundícies espirituais, onde ele sufoca, ao passo que outros respiram a plenos pulmões. Tudo é relativo e é questão de sensibilidade.

No caso de minha mediunidade, a natureza da onda psíquica das noúres que me vêm ao encontro é de tal delicadeza, que se ressentem de todos os estados psíquicos do ambiente e pode, assim, ser deformada por uma fonte de emanções psíquicas de caráter moralmente baixo. É possível obter-se o isolamento, mas somente à custa de reações, estabelecendo para o médium um estado que representa um grande dispêndio de energias, com prejuízo para a regização, que necessita destas energias. Qualquer ruído, qualquer desequilíbrio de sintonização, a mínima perturbação de qualquer natureza, sobretudo se imprevista e repentina, faz precipitar a tensão nervosa, às vezes dolorosamente, destruindo a visão com o imediato reaparecimento do mundo sensório.

Estas afirmações têm uma importância mais ampla do que a referente ao fenômeno estudado aqui por nós, porquanto nos abrem horizontes novos no campo da ética, dando-nos dela não mais somente uma concepção filosófica ou religiosa, mas sim uma concepção científica, com base em quantidades avaliáveis como um estado cinético-vibratório da psique humana, que o médium sente qual centro constantemente irradiante de noúres, de correntes que pode definir, as quais, um dia, a ciência individualizará em suas classificações morais, com registros e medidas exatas.

Em face de tudo isso, pode-se compreender quão tormentosos esforços a sociedade impõe a esses sensitivos, os quais, no entanto, devem dar gratuitamente, para que não se torne suspeito o fruto de suas vidas. Eles têm de permanecer no mundo de todos, onde se deve ganhar com o trabalho o direito de viver; têm de sofrer os choques proporcionados à sensibilidade normal, que são para eles esmagadores. Médium: ser sensibilíssimo e, por isso, vulnerabilíssimo, o que quer dizer desgraadíssimo. Este é o verdadeiro e lento martírio que deve completar seu apostolado. É natural para eles, pelo fato de viverem projetados no futuro e de verem quanto há ainda para progredir, que o mundo humano apareça bárbaro, feroz e, às vezes, pavorosamente inconsciente.

Entretanto, se o dever que nossa época impõe é de ir ao encontro do povo, este é também o primeiro dever deles, porque se encontram mais no

alto. É preciso indicar e abrir os caminhos ativos da ascensão ao povo, pois este, por desconhecê-los, atira-se pelos caminhos que encontra abertos.

Não se pode imaginar a tenacidade de resistência, a massa de inércia, que representa o homem médio, justamente o tipo pelo qual são impostas as normas da vida social. É de quebrar a cabeça o choque contra essa massa bruta de psiquismo humano, tanto mais tenaz quanto mais ignorante. Apesar disso, os tempos impõem tal nivelamento, que deve ser alcançado não pela ascensão dos piores, mas sim pela descida dos melhores. Se essa imissão em massa nos direitos da vida é a grande obra de civilização moderna dos tempos, desenvolvida mais em número do que aprofundada em qualidade a favor de uma só classe aristocrática, compreende-se quão grande holocausto, sobre o altar do número, ela representa para os tipos de exceção, que lutam sozinhos pela preparação de um distantíssimo futuro. Se a exceção não é levada em conta, pode ter, no entanto, uma fundamental função biológica, espiritual e social. O sensitivo luta para cumpri-la no seio de uma atmosfera surda; luta para não se banalizar, não descer, não se acomodar no repouso, não se mutilar no nivelamento. No entanto ele deve descer, para promover, porque essa é a sua missão, a elevação do homem médio, a ascensão das classes espiritualmente mais baixas, embora ricas. É lei que o alto se incline para o baixo. A fim de que o inferior se eleve, é preciso que o superior desça, pelo mesmo princípio unificador de fraternidade, através do qual chegam ao sensitivo luzes e auxílios espirituais do Alto. Heroísmo trágico é esta descida, por que subverte as mais sagradas forças da alma, mas é simultaneamente ascensão, porque envolve o auxílio das forças superiores. Contra essas descidas o espírito se rebela, entretanto ele deve abaixar-se para dar-se, deve esquecer a grande paixão do céu, para fundir-se na paixão humana, feita de lama e de sangue, oferecendo ao homem ignorante e sofredor uma centelha roubada ao céu na visão. Por isso, embora seja julgado misantropo, orgulhoso ou louco, ele tem o direito à solidão, para encontrar de novo o céu e deste receber novas forças, reunindo-se às hierarquias dos seres superiores que descem em cooperação.

A delicadeza íntima do fenômeno inspirativo, a presença ativa nele (ambiente e sujeito) do fator moral, ignorado sistematicamente pela ciência, sua característica de fenômeno consciente (como médium ou noures) e progressivo, inerente a uma superior fase de evolução biológica, em cuja elaboração colaboram elementos de espiritualidade e de dor, tudo isso define o fenômeno como um tipo ao qual não são aplicáveis os habituais

critérios de observação e experimentação, que podem ser ótimos para outros fenômenos. Não se pode sujeitar aos preconceitos da ciência um fenômeno que, nos seus resultados, a domina. Ele não responde ao comando da vontade humana que objetive uma experiência. Em face de uma imposição exterior, ele se fecha e se desfaz.

O fenômeno está em relação com impulsos e fatores determinantes completamente diferentes, tais como uma missão de bem ou uma excepcional necessidade do momento histórico, que justifique a intervenção de forças no caminho evolutivo da humanidade, porquanto não se determina à vontade o tipo que a evolução lança à ribalta da vida. O fenômeno supera, em seus elementos determinantes e em suas finalidades, toda a psicologia da observação e da experimentação, toda a forma mental oferecida pela psicologia científica dos tempos atuais. Em tais fenômenos, a mentalidade de desconfiança, de dúvida preconcebida, que é a base da seriedade científica, pode ter poderes inibitórios sobre eles e estorvar sua verificação.

O fenômeno baseia-se na sintonização psíquica, e a mente do observador, se não afasta com suas emanções um objeto do microscópio nem influencia um fenômeno físico ou químico, pode, todavia, paralisar o funcionamento de um fenômeno psíquico. Possuindo suas próprias defesas, o fenômeno se retira em face de qualquer ameaça à sua vitalidade, e a ciência, então, não consegue observá-lo, mas sim destruí-lo.

Um mínimo choque pode desagregar esses delicados fenômenos, constituídos por um psiquismo que, abandonando os velhos caminhos tradicionais, aventura-se num voo por rotas supersensórias. No entanto eles devem realizar-se no mundo psíquico humano, que muitas vezes pode se tornar a mais rebelde e imprópria atmosfera. Basta o estado de ânimo da dúvida, para determinar uma corrente negativa demolidora, ao passo que a fé, qualidade antiobjetiva por excelência, tem a máxima força criadora. Conclui-se disto que a psicologia de desconfiança, empregada pela ciência por sentido de objetividade, como maior garantia de seriedade, possui, pelo menos sobre os fenômenos que estudamos, poderes destrutivos. O observador se encontra no ambiente, sendo ele também gerador de núres. É importante que ele se encontre num estado de confiança, de fé, para atrair o fenômeno e abrir-lhe o caminho, aquecendo o ambiente e dando oxigênio, ao invés de absorvê-lo. É necessária essa vibração positiva de simpatia, sintonizada, modulada em uníssono, apta a ser fundida e somada como fator de crescimento em aliança com as correntes do fenômeno, e não a vibração

dissonante da dúvida, da má-fé, que subtrai energia ao fenômeno e o lança contra uma corrente deformadora.

Importa que o observador faça um severo exame de suas qualidades psíquicas, porque estas pesam sobre o fenômeno. É indispensável, coisa inaudita, que ele limpe moralmente a sua alma, para não contaminar a alma do ambiente, do mesmo modo como ele tem cuidado em manter limpa a mesa das experiências químicas, a fim de que uma substância estranha, entremetida em suas combinações químicas, não lhes altere o desenvolvimento. No campo psíquico, um estado de ânimo presente no ambiente é um elemento que se introduz na combinação em estudo, tendo por isso importância. Assim como uma operação cirúrgica pode representar graves perigos, se realizada em ambiente contaminado por micróbios patogênicos, também é necessária, em nosso campo, a esterilização psíquica do ambiente. O mundo psíquico tem seus parasitas, seus micróbios patogênicos, suas correntes de vida ou de morte, às quais está exposto plenamente o sensitivo, quando, alijados os invólucros, ele se abandona à inspiração, com a alma desnuda. Sendo um organismo vivo, vulnerabilíssimo em sua delicadeza, o mínimo choque psíquico, de que o mundo está cheio, constitui para ele uma ameaça e um perigo. Na vida normal, sua sensibilidade é protegida por um manto voluntário de indiferença, mas, naqueles momentos, a flor, para assenhorear-se da luz, deve abrir-se até às mais íntimas corolas.

Quem não sabe avaliar esses fatores e manejar com prudência essas realísticas forças imponderáveis, quem não se encontra provido de adequada sensibilidade e não possui a finura psíquica apropriada, deve abster-se de intervir nesses fenômenos, porquanto não só os deforma ou destrói, como ainda pode vibrar dolorosos e prejudiciais golpes contra a sensibilidade do médium. Trata-se de uma nova e sutilíssima química do futuro, na qual se combinarão em novas harmonias ou dissonâncias os elementos de novíssimas e progressivas sinfonias fenomênicas. Se a ciência não souber evoluir e transformar seus métodos, premissas e conceito diretivo, jamais atingirá tais fenômenos. Irá destruí-los ou distorcê-los, sem compreendê-los. Essa percepção inspirativa deve ser entendida como uma prece, pois implica uma elevação espiritual, que segue a linha das forças boas do universo, positivas e criativas.

A visão da verdade é uma ascensão do espírito para a unidade. A pesquisa científica, nesse nível, é oração, é religião, é santidade e não pode

prosseguir, a não ser sintonizando-se com a harmonia do universo, pois, a certo ponto, a verdade e o bem se identificam, de modo que, sem o bem, a verdade não acede ao conhecimento, escondendo-se à investigação humana.

III. O SUJEITO

Já observamos as características fundamentais do fenômeno inspirativo, movimentando-se em seu ambiente tal qual eu o vivi. Dado que coisa alguma sucede na natureza de modo abstrato, mas sempre individuada num caso particular da realidade concreta, não se pode prescindir do sujeito, entendido como organismo físico e psíquico, instrumento através do qual o fenômeno se verifica.

De início, importa particularizar para não fugir à verdade. Somente depois poderemos generalizar. É por isso que não isolo o fenômeno, separando-o da forma concreta de seu ambiente. Esse é o conhecimento que tenho o dever de oferecer, pois mais imediatamente o sinto e possuo, enquanto os outros somente poderão obtê-lo por vias mais remotas e indiretas.

Falei a respeito de ciência. Ora, a verdadeira ciência não pode ser um fato exterior e mecânico, adaptável a todos, como habitualmente acontece hoje, mas é, pelo contrário, uma qualidade interior, um profundo estado de pensamento, no qual se deve transformar toda a personalidade. Ela deve mudar a concepção e o regime de vida, o modo de sentir e de agir. Trata-se de algo imensamente diverso do verniz cultural que, atualmente, com universidades e láureas, pode ser aplicado sobre a epiderme de todos e que nada vale, pois, substancialmente, nada modifica, constituindo um mecanismo exterior utilitário, pelo qual um indivíduo, sendo um selvagem, continua perfeitamente um selvagem. A verdadeira ciência, porém, é uma realidade profunda, completa, uma reviravolta de alma, uma religião e uma fé, em face da qual ninguém pode sorrir com ceticismo nem permanecer agnóstico. A verdadeira ciência é apostolado e martírio, não podendo nascer da psicologia do lucro.

Tudo isso eu tive de viver para levar a bom termo minha obra. Se não realizei o esforço de uma preparação cultural no sentido comum, tive de realizar outro, muito maior, de mudar minha própria personalidade espiritualmente, até ao ponto de poder atingir e tocar as fontes do pensamento. Os cursos culturais eu os realizei dentro de mim mesmo, sozinho, face a face com o mistério, guiado pelas leis biológicas, sustentado pelas gigantescas forças do imponderável. Não creio nas verificações

humanas. Creio num outro tipo de saber, no qual, mais que parecer, é preciso ser e que serve para a eternidade. Creio numa outra sabedoria, na qual se movimentam as forças da vida e que nunca pode mentir, porque foi conquistada, a sangrar, na dor. A força do conhecimento só é dada a quem muito haja sofrido diante de Deus. Certas expressões de fé absoluta, certas frases audazes que arrastam, é preciso haver conquistado em face da eternidade o direito de pronunciá-las. Só quem segue o caminho da cruz adquire o direito de julgar.

Atrás de minha produção ultrafônica, como certamente acontece com outros hipersensitivos, desenvolve-se toda a história de minha vida eterna, que explode nesta culminância; aí se desenrola todo um drama apocalíptico, onde todas as forças do bem e do mal se desencadearam em torno de mim, lançando-se sobre minha alma para dilacerá-la e sublimá-la. Atravessei sozinho o ilimitado deserto da desesperação, sem a compreensão de ninguém; na louca dança dos egoísmos, ninguém jamais soube oferecer um gesto de amor ao meu ser quebrantado. Agora, porém, já venci. Não mais necessito da compreensão da Terra, porque já me chegou a do Céu. Deixo aqui a expressão de orgulho, tal como me escapou, humanamente, no primeiro ímpeto, a fim de que minha alma apareça nua, inclusive em sua imperfeição. E agora me inclino, humilhado por tanta felicidade; inclino-me ante meus irmãos da Terra, porque todos devemos iniciar e percorrer o longo caminho.

Eis aqui o sujeito. Minha produção intelectual é a explosão da minha paixão de bem, constrangida num organismo científico, a fim de que se impusesse, assim, à racionalidade humana.

Fazer o bem é a mais difícil das tarefas, e eu a desejei em grande escala, um bem que nasceu de meu tormento e que agora caminhará por si mesmo. Esta é a reação de meu sofrimento: o perdão de Cristo. Esta é a ideia gigantesca que, na minha obra, vestiu-se de fórmulas e conceitos; esta é a paixão que se prendeu numa vestidura racional, da qual se rompe, todavia, dando asas ao escrito. Eis em que se transforma a necessidade de amar, quando a alma se identifica com as correntes espirituais da inspiração.

Falei a respeito de sofrimento. Mas de que espécie? Físico e moral, simultaneamente. Para compreender minha personalidade, importa haver assimilado os conceitos expostos em *A Grande Síntese* como conclusões no campo da evolução individual e especialmente os seguintes: “As Sendas da Evolução Humana”, “A Lei do Trabalho”, “O Problema da Renúncia”, “A

Função da Dor”, “A Evolução do Amor”, “Psiquismo e Degradação Biológica”. Não os repito. Esses conceitos eu os vivi todos. O ponto de vista com o qual a ciência materialista lança ao patológico esses tipos de personalidade foi por mim destruído completamente. O sofrimento me vem do esforço de realizar minha evolução espiritual, fundido como me encontro num organismo animal que me arrasta para baixo, constrangido a um trabalho que me inclina para baixo, envolvido numa atmosfera humana que me atrai para baixo. Verdadeiramente, o espírito possui uma força titânica para poder realizar seu trabalho em tais condições. No meu esforço, conheci horas turvas e horas de derrota. Os impulsos biológicos do passado são forças reais, que reagem e se lançam contra quem queira esmagá-las. Em mim, o espírito, princípio positivo, ativo, que sempre dá gratuitamente, viril na luta, escolheu o maior inimigo: as forças da vida, das quais os homens não são senão seguidores inconscientes (instintos), e quis impor-se à matéria, ao passado sobrevivente na animalidade, o princípio negativo, passivo, que sempre requer uma compensação utilitária. Não pode pretender ensinar aos outros quem nem ao menos experimentou primeiramente quão difícil é construir-se a si mesmo. Esse esforço, realizado nas profundezas de minha natureza humana, nas raízes dos instintos primordiais, torna indispensável uma tenacidade, um equilíbrio e uma lucidez que somente podem ser mantidas à custa de uma tensão e uma presença de espírito intensos e constantes. Imagina o leitor o que significa ter por antagonista as forças biológicas? Quem vive de instintos e não discute a própria natureza humana, quem vive de acordo com os impulsos milenários e se deixa arrastar pela corrente, não pode imaginá-lo. Eu sou, porém, um revolucionário e um rebelde, e todas as forças atávicas se encarniçam em torno do violador que intenta superá-las. Tenho vivido dias de tempestades em que todos os vendavais do universo pareciam agredir-me. O bem e o mal são forças reais, e, na minha hipersensibilidade, pude medir-lhes todo o ímpeto. Agonizei em poder de correntes barônticas que desejavam estrangular-me. Disputei e defendi palmo a palmo a minha estrada, calculando o assalto e a resistência, com a estratégia consciente de quem quer dominar e vencer. Foi uma exaustiva guerra de trincheira. Ao mesmo tempo em que me abandonava ao êxtase dos místicos para a ascensão, controlava as posições racionalmente, com objetividade científica, para consolidar as bases. Não se consegue o voo senão através de longas experiências, nas quais se deve conquistar uma complexa técnica. Relatei,

em termos científicos, os caminhos das ascensões espirituais dos místicos. E tudo isso não foi senão um dos aspectos do meu sofrimento.

Sobre todas essas coisas devo falar porque esclarece minha inspiração, porque esse doloroso esforço de desprender-me da natureza humana inferior, que fui deixando atrás de mim, sangrando, aos pedaços, ao longo do caminho de minha vida, foi a condição daquela inspiração, tendo-a preparado e explicando-a. Assim, defino esse tipo de inspiração como um estado de hiperestesia nervosa e superpsiquismo intelectual, atingidos através das vias normais que continuam a evolução orgânica darwiniana. Foi através desse esforço de triunfos biológicos que consegui a transformação de minha consciência numa superior dimensão conceptual, que me permite, através da utilização do novo método de pesquisa por intuição, a visão e a captação de núcleos, que estão no centro deste estudo.

Expus as relações entre o desenvolvimento espiritual, a ascensão moral e meu tipo de mediunidade num meu artigo: “*Selbsbeobachtete Medialitat – Geistige Entwicklung und sittlicher Aufstieg als Faktoren einer hohen Medialitat*”¹³. Apareceu na “*Zeitschrift für Metapsychische Forschung*”¹⁴, dirigida por Schroder, de Berlim.

Ora, esta chamada mediunidade não é senão a progressiva realização de meu desenvolvimento intelectual, alcançado não por vias culturais exteriores, mas sim por sensibilização, obtida através da purificação moral e orgânica de todo o meu ser físico e psíquico. Se, como já disse, qualquer emanção barôntica inquinasse o fenômeno, eu tinha, antes de tudo, de eliminar em meu organismo a gênese de tais vibrações; devia distanciar-me evolutivamente delas, evitando correspondência, para não entrar em ressonância com tais ondas, e estabelecendo, pelo contrário, ressonância com ondas moral e conceitualmente superiores. Como se vê, chego à conclusão, coisa que a ciência ignora, de que a verdadeira cultura é um fato também de caráter moral; que as portas do conhecimento só se abrem a quem se haja tornado digno dele, dando garantias do bom uso que dele fará. Portanto, como essas vitórias biológicas da ascensão moral não se conseguem senão através de um combate titânico contra as resistências do misoneísmo atávico, senão quando o espírito, num incêndio, empenha-se na luta contra as atuais leis biológicas, o fenômeno da inspiração está intimamente condicionado àquele doloroso esforço de libertação. Eis porque tive necessidade de falar sobre dor. É justo, é lógico e cientificamente equilibrado que a maior potência e felicidade conferida pela

evolução, deva ser ganha e compensada pelo esforço da conquista. Tive de falar sobre o sofrimento porque ele é condição de ascensão espiritual, condição da inspiração, que para mim não foi dom gratuito. Por isso este livro sobre as noures, como qualquer arrazoadado meu sobre mediunidade, deve ser também o livro e o discurso da ascensão moral, da purificação espiritual.

Se algures¹⁵ coloquei a dor como base da evolução (redenção), aqui devo acrescentar que a dor também está posta como base da mediunidade inspirativa. Quantos outros fatores, estranhos e sutis, devemos considerar também, fatores do destino, que não se determinam à vontade e que não existem nos gabinetes de experimentação!

Para poder avançar na investigação científica e ver no íntimo das coisas, é indispensável a sutilização do instrumento de pesquisa: a consciência. É necessário, portanto, introduzir na ciência, se quisermos avançar, não mais apenas microscópios e telescópios, raios e instrumentos, mas bondade de vida e retidão de intenções, como correntes positivas que pesam sobre o fenômeno. No meu caso, a relação entre o fator lucidez inspirativa e o fator pureza moral é tão íntima, que eu poderia traçar um diagrama para assinalar-lhe o desenvolvimento paralelo; um retrocesso moral é imediatamente seguido de uma turvação de visão intelectual. Profundidade de visão e pureza de registração não se obtém senão impulsionando sempre mais para as profundezas do ser o processo de purificação, justamente para outorgar-lhe a capacidade de ressonância e de sintonização, por afinidade, com as noures mais puras, mais profundas e, por isso, mais poderosas, mais próximas do centro espiritual do universo. Por isso falei, com referência ao meu caso, de mediunidade progressiva, sujeita a um normal processo evolutivo. Poderia usar a terminologia mística e religiosa, que para mim é equivalente à científica; esta, porém, é mais apropriada à precisão e melhor corresponde à mentalidade hodierna. Somente agora, após estas últimas observações, é possível compreender plenamente a história do meu caso, exposto no início.

Esse sofrimento meu não é, portanto, patológico; sua normalidade é compreensível e justificada pelas condições particulares que atravessa minha personalidade, não equilibrada como a da mediania num ambiente de forças proporcionadas, mas lançada numa fase em que esse equilíbrio sofre desvios violentos pela introdução, no campo dinâmico de minha vida, de novos impulsos.

Para compreender meu caso, importa compreender a mim e a esses problemas, o que não é, pois, uma questão ociosa. Será então, como se pode perguntar, desequilíbrio? Mas trata-se do primeiro desequilíbrio de um voo que já se equilibrou num equilíbrio mais dinâmico e mais ágil; um desequilíbrio que, ainda no período de formação, foi por mim guiado, a fim de ser conduzido a estes resultados e permanecer confinado nos limites de uma intensa produtividade. Sempre dominei esse desencadeamento de forças, para que não me desorientasse, e a pseudoneurose caiu assim submissa a meus pés, o que significa um equilíbrio e uma potência mais que normais. E, daquela destruição de animalidade, que decepa egoísmos, voracidades e paixões, renasci numa vida maior, numa juventude de espírito que jamais perece. Essa foi minha conquista maior, minha redenção, como Cristo nos indicou, atingida na cruz, através da dor. E Ele, primeiramente, obedeceu à Lei, para nos mostrar que, até para Ele, há necessidade de segui-la e que ela é sentida tanto mais inviolável, quanto mais alto se sobe na harmonia da ordem divina. Estes conceitos, embora a ciência não os compreenda, encontram-se nas bases da evolução humana.

“Se ascendemos aos mais altos níveis – diz uma registoção minha – parece que a velha forma biológica, sendo atrofiada, não pode mais suportar o psiquismo hipertrófico, então surgem aparentes desequilíbrios, que a ciência, não sabendo compreendê-los, classifica de patológicos, fazendo-os ingressar nas formas da neurose”. Fixemos nossa atenção, pois, a fim de não nos enganarmos com uma observação superficial, baseada apenas em algum sintoma; não confundamos, tão levianamente, o patológico com o supranormal, colocando ambos igualmente fora da lei que, apenas por ser a da maioria, é considerada verdadeira. Não elevemos, com essa adoração do tipo médio, um monumento à mediocridade humana; aprendamos, finalmente, a vibrar numa paixão mais elevada, que não seja a do eterno comer e reproduzir-se, orgulhar-se e enriquecer; quebreemos de uma vez o ciclo em que se repete sempre a animalidade humana! Outra, porém, é a realidade.

Cada forma de vida, tão logo nasce, elabora suas defesas; e quem abandonou, no caminho do perdão e do amor, nas pegadas de Cristo, seus ataques e defesas não está por isso desarmado, mas sabe igualmente combater o seu combate. Ele tem o conhecimento e se move num oceano de luz. Embora a agressividade humana estampe em sua alma a derrota de uma hora, ele tem o poder da sinceridade, da verdade e da justiça; luta por um

princípio, por um ideal; sente e atrai as forças do universo, as quais se insurgem como por uma violação de si mesmas e do princípio divino que as governa, quando quem fala em nome do bem é esmagado. Quem atirou para longe de si as armas da luta humana, apodera-se de outras, mais sutis e poderosas, para uma luta mais digna.

Meu sofrimento provém do fato de que o espírito, após atingir certo nível, não sabe e não pode mais adaptar-se a viver no cárcere sensorial do organismo corporal, buscando evadir-se a cada instante de sua prisão, a prisão do ambiente terrestre. É trágico ouvir o cântico da grande pátria distante, invocá-la da terra do exílio, mas não poder atingi-la. É um contraste maravilhoso e sábio de forças, no qual o espírito é constrangido a curvar sua potência sobre a matéria, para sacudi-la, animá-la e atraí-la consigo para o alto, já que não pode desprender-se dela e abandoná-la. Somente esse ambiente denso oferece a resistência necessária para fazer dela um campo de exercícios. Eis porque se nasce neste mundo, com um incêndio dentro da alma. Esta deve, então, aquietar seu impulso, estudar o ambiente, analisar tudo e canalizar suas forças para uma produtividade real. Nessa compressão de impulso, o espírito se fortalece, concentrando-se, e a alma, repelida para dentro de si mesma por um exterior que, pelo fato de não lhe corresponder, não a sacia, parece encontrar nessa compressão a força para descer em profundezas cada vez maiores e aí, nas grandes fontes da vida, adquirir potência. Então, e só então, quando se é assim pela divina sabedoria introduzido nesse encaixe, retoma-se à força, com a energia do desespero, o caminho da própria evolução biológica e continua-se a via das ascensões espirituais.

A sabedoria que criou no passado novos órgãos e organismos, novos instintos e novas disposições psíquicas, obedeceu a essa mesma lei de necessidade de expansão pela compressão, necessidade de vida ou de morte. A evolução é uma força irrefreável, e, quando se chega a uma encruzilhada – na época paleontológica ou, como atualmente, na fase da evolução psíquica – a escolha torna-se inevitável: ou avançar ou morrer. Eu escolhi e tive de avançar. Muitos, quando chegar sua hora, deverão fazer o mesmo.

Tudo isso serve para fazer compreender por que, como base da minha mediunidade, eu coloco, na condição de fatores fundamentais, as características de normalidade, enquanto é fenômeno biológico, e de progressividade, enquanto é evolução moral. A desarmonia entre o hipertrófico desenvolvimento psíquico e o funcionamento orgânico,

necessariamente levado à atrofia por progressivas reduções, traz consigo um contínuo e sutil sofrimento nervoso, não localizado, difuso, porém intenso e incessante, como uma verdadeira sensação da vida. Por isso a alegria de viver se transferiu inteiramente para o centro psíquico do espírito. O processo de purificação é tão completo e profundo, que atinge também as íntimas camadas do metabolismo orgânico. Esse processo de renovação interior, que cria novas funções, dá uma sensação de agonia à vida no nível físico, porque se realiza nas profundezas do ser; estabelece uma mudança substancial de formas e de existência; desce até tocar os íntimos movimentos eletrônicos dos átomos e os motos vorticosos que os unem na química celular; constitui uma verdadeira transmutação de órgãos e substâncias em outras formas, de diversa composição química e diferente orientação atômica. Sendo atingida até à alma de sua estrutura cinética, a substância muda de forma no curso da evolução. Esta não é apenas purificação e esforço moral, mas também purificação e esforço orgânico, que penetra no campo da medicina.

Nesses hipersensitivos, a vida orgânica não mais tolera o grosseiro e violento ciclo vegetativo da vida dos antepassados; paralela a essa hipertrofia de psiquismo, verifica-se uma inadaptabilidade, não só moral, aos sentimentos dos instintos animais humanos, mas também física, a um funcionamento vital indolente, dificultoso, absorvente de muita energia, qual o da assimilação intestinal, o da respiração e o da circulação sanguínea.

A certo momento da evolução, tudo isso pesa demasiadamente, tornando-se não mais um veículo de vida, mas sim uma estorvante massa, que o espírito assaz sutilizado não pode mais arrastar e a cujo nível ele não sabe mais descer.

A evolução sempre forneceu exemplos da criação de funções novas. Por que deveria deter-se agora? Pode algo estacionar no universo? E, se evolução é ascensão, onde poderá haver criação agora, senão no campo psíquico? Isso é absolutamente científico, sendo a própria continuação, verdadeiramente importante para ser vista, da ciência que todos aceitam.

A medicina fala de atrofias deste e daquele órgão, que, tendo-se desenvolvido nos antepassados, tendem agora a desaparecer, porque, não sendo mais alimentados pelo uso, foram lentamente postos fora do ciclo do metabolismo orgânico. A função se desloca ao longo da linha da evolução, à medida que o ser progride, abandonando a forma de expressão do passado e plasmando novas. Para compreender isso, porém, importa haver entendido

que a evolução orgânica darwiniana não é senão o último efeito sensível de uma evolução do psiquismo da vida, que tem-se expressado e se exprime em formas orgânicas progressivas. Ao se falar que, um dia, novos órgãos poderão atrofiar-se, isso sucederá porque a atrofia terá primeiramente atingido o centro psíquico, interrompendo, desse modo, a alimentação energética do órgão em questão através das vias nervosas. A evolução orgânica será sempre a forma exterior de uma evolução psíquica mais profunda, que dirige aquela. Assim qualquer desvio que seja determinado nos órgãos pela evolução se verificará somente quando esta já houver realizado e estabilizado suas conquistas em planos mais elevados.

Tudo isso devo afirmar porque faço de minha inspiração um caso de evolução também orgânica. Não posso prescindir, no estudo do fenômeno da captação noutrica, do estudo do organismo no qual o fenômeno se processa e das profundas mutações que, por isso, nele se verificam e devem verificar-se. Tudo isso é e deve ser conexo. O meu método de intuição é uma superelevação de consciência ao seu limite mais avançado, o qual se comunica com o outro extremo que, em mim, tende a desaparecer, abandonado ao passado – a estrutura e o funcionamento do meu organismo animal. Quanto mais o primeiro avança, tanto mais atua sobre o segundo, modificando-o. O processo de sensibilização espiritual tem ressonâncias nos mais baixos níveis do mundo orgânico, de modo que a purificação moral, nos níveis elevados, completa-se igualmente pela imposição de uma purificação celular (células e tecidos) à substância orgânica. É um fato que, através da alimentação, introduzimos substâncias químicas em nosso organismo, as quais depois o constituem. Para o sensitivo, então, que percebe tudo como noures, ou seja, como correntes de emanção espiritual, certas substâncias, vistas em sua mais profunda essência, são instintivamente repelidas como intoleráveis. A grosseira estrutura normal resiste a muitos venenos, aos quais o sensitivo não pode resistir. Desloca-se assim a gama considerada como média da tolerabilidade, e algumas substâncias do regime dietético comum se tornam superlativamente tóxicas. Tóxicas porque o organismo sensibilizado consegue perceber nas substâncias nutritivas emanções antes despercebidas, de modo que, ao introduzir em seu organismo tais substâncias impróprias, o sensitivo será torturado por aquelas emanções durante todo seu longo ciclo, que não termina senão com sua eliminação final, através do metabolismo orgânico. Daí a necessidade de observar atentamente os alimentos, pois, pelo mínimo

erro, surge uma fonte de novos sofrimentos, além do contínuo perigo de prejudicar a capacidade receptiva das noures. O organismo do sensitivo é uma orquestra ressonante de correntes espirituais, e, neste concerto, nenhum fator heterogêneo pode ser introduzido, em especial o alimento, que é posto diretamente em circulação. Uma substância dissonante continua emitindo sua voz, sua radiação cacofônica, enquanto dela permanecerem traços no organismo.

Assim como já falei, quanto à verificação do fenômeno, a respeito de esterilização psíquica do ambiente, estou falando aqui sobre purificação celular. Esta deve ser não um fato momentâneo, mas sim um método dietético constante, um verdadeiro regime de vida. Chega-se então, por esta via, a tal grau de sintonização com a harmonia universal, que já não é lícito violá-la, senão à custa de graves sofrimentos, inclusive no campo moral, feito de sutis vibrações e atitudes de espírito. Sente-se, então, a culpa não como desvantagem, mas sim como dor.

Pureza! Eis ampliado até ao campo da medicina o sistema dos místicos. O alimento jamais foi considerado um amigo dos místicos, que viviam sempre entre jejuns. A quantidade pesa. O cérebro deve servir a outras funções, atraindo para si a circulação e a nutrição do sangue. O sistema nervoso não pode mais descer ao serviço de uma laboriosa digestão acumuladora de gorduras. O místico é magro e desejaria ser transparente. No entanto é dinâmico, é um contínuo lampejo de energia. Isso mostra que é cem vezes mais vivo e mais jovem. O longo e sinuoso caminho intestinal, no qual o alimento permanece até à putrefação, traz para ele inevitavelmente uma nota venenosa à sensação orgânica da vida. Vencida a quantidade, importa atender à qualidade, a fim de que o grosseiro sistema de reabastecimento dinâmico, ao qual está ligado o psiquismo, dê o maior rendimento com o menor prejuízo possível. Tóxicos se tornam, então, as bebidas alcoólicas, as drogas, o fumo, os caldos, a carne (especialmente a não branca), tudo que, sendo gostoso e excitante ao paladar, não seja simples e puro produto da natureza. As frutas, as verduras, o peixe e o leite fermentam menos. Depois está a vida ao ar livre, em contato direto com o sol e o ar, com as grandes correntes da vida. É ao ar livre que se realiza não somente a sintonização psíquica para registrar as noures, mas também a sintonização de todo o organismo com tais correntes. Por isso o místico também deve ser um esportista ágil e dinâmico, seja qual for a sua idade;

resistente à neve, aos banhos e ao sol; magro, bronzeado; sempre jovem de corpo e de espírito.

A verdadeira saúde é um regime. A medicina preponderante hoje é um desvio de princípios por escopo utilitário. Acrescentar ao recâmbio orgânico substâncias novas, para corrigir excessos precedentes, adicionando uma ação violenta, para corrigir a natural reação orgânica ao erro cometido anteriormente, é um absurdo; seria necessário, ao invés disso, não fixar as causas maléficas ou, no caso contrário, quando elas produzissem efeito, pelo menos não flagelar ainda mais o organismo, mas sim dar-lhe tempo para digeri-las.

É, porém, cômodo acreditar no milagre; além disso, os remédios se vendem, mas os conselhos sábios não se encontram à venda, e custa esforço segui-los. E desse modo se multiplicam os prejuízos.

Como principio geral, importa dar ao corpo o alimento que lhe é necessário, assim como a uma máquina se dá o seu combustível, e isso segundo o trabalho que se exige do organismo. Até a poucos anos, a maioria da humanidade só se ocupava em trabalhos físicos, por isso a carne lhe era necessária e as refeições pantagruélicas à Luís XIV podiam ser seu sonho e sua necessidade fisiológica. Para um tipo de homem, porém, que hoje vai-se normalizando com funções preponderantemente nervosas e psíquicas, aquele sistema é tóxico e, no meu caso, insuportável. Quando o trabalho da vida é quase exclusivamente psíquico, a alimentação deve ser adequada. Isso é lógico. E direi mais. Dia por dia, conforme o trabalho a realizar, físico ou psíquico, a quantidade e a qualidade da alimentação devem mudar, proporcionalmente ao determinado trabalho. Se este é habitualmente sedentário e intelectual, o regime dietético deve ser também habitualmente vegetariano.

Assim, a espiritualidade se completa nos baixos níveis da evolução orgânica e sobre esta reage, dando também ao organismo físico suas qualidades de juventude perene.

A causa da vida, o seu motor, é o espírito. Quanto mais se é espírito, mais se domina a decadência senil e mais se sente que a morte não mata. Envelhece-se, então, na direção de uma juventude que é plena de força, porque é festa de espírito.

Envelheço e não morro, morrerei e viverei: sublime experiência!

IV. OS GRANDES INSPIRADOS

Realizei o exame de meu caso em seus mais salientes particulares. É chegado o momento de sair deste caso individual, para remontar a uma visão mais vasta do fenômeno, observando os casos de mediunidade inspirativa que a história nos oferece. Semelhanças e pontos de contato me permitirão estabelecer a lei do fenômeno de um forma melhor do que a observação de um só caso.

No precedente estudo de anatomia psíquica, realizei a vivissecção de minha alma. Isso era necessário para a compreensão de meus escritos mediúnicos, dos quais o presente é o complemento e a continuação lógica. O meu caso mediúnico, porém, desenvolve-se sob a perspectiva grandiosa de muitos casos maiores. Embora distanciados grandemente por importância histórica e potência e não obstante as naturais diferenças dadas pelo temperamento do médium, pela natureza particular das circunstâncias e pelo ambiente imposto ao seu trabalho, todos esses casos têm um fundo único, possuindo notas características comuns, que renasceram também no meu caso menor. Isso corrobora minhas afirmações e interpretações do fenômeno com a presente teoria das noures.

Muitas palavras têm sido usadas para defini-las: inspiração, visão, êxtase, raptó dos sentidos, intuição, mediunidade, o demônio, as musas, o espírito, a subconsciência, a superconsciência, etc.

O misticismo, as religiões, o espiritismo, a filosofia, a arte, a psicologia, cada atitude do pensamento humano criou sua expressão e observou de um ponto de vista particular o mesmo fenômeno. O místico, o santo, o profeta, o poeta, o artista, o herói, o cientista, o inventor, ou, numa palavra, o gênio em todas as suas formas, têm vivido igualmente aquele fenômeno.

Trata-se de um fenômeno próprio dos grandes avançados na evolução, da qual o gênio não é senão o antecipador que agita o archote do espírito no seio de uma triste normalidade. O fenômeno é tão universal e antigo quanto o homem, tendo sido, além disso, mais reverenciado justamente na Antiguidade, quando o conhecimento se atingia diretamente por revelação e o método intuitivo-dedutivo, que a racionalidade moderna não sabe mais usar, era muitas vezes a única forma de pesquisa para a solução dos problemas e a conquista do saber. A alma humana, então mais virgem,

parecia mais próxima das origens, podendo atingi-las diretamente. Hoje, o pensamento se encontra decaído, havendo-se precipitado profundamente na racionalidade, sem saber reencontrar os princípios. Desses grandes contatos espirituais nasceram as revelações.

Entramos, agora, num mundo maravilhoso. O fenômeno da regização inspirativa não se pode encerrar nos limites de um fenômeno científico. Este caso está para a simples captação nouírica como um raio para uma centelha elétrica, pois que o homem é levantado num turbilhão à face de Deus, centro conceptual do universo, que aparece e se revela para assinalar os destinos do mundo.

Se, no meu pobre caso, tive de falar em ascensão espiritual e purificação, quais condições de uma sintonização que não pode realizar-se senão por afinidade, a que vórtice de potência se terá realizado a transumanização desses grandes inspirados que chegaram a ler o pensamento de Deus! E aqui se toca o caso limite da humana possibilidade de ascensão. Se a recepção nouírica é fenômeno de elevação humana às altas esferas do superconcebível, a que tensão do ser, a que vertigem de altura, a que vértice de potência terá chegado a alma humana nesses casos! E como se torna pequenina e inadequada a ciência, com sua análise, em face desses fenômenos que governam a história do mundo!

Diante dos grandes inspirados, desses gigantes que se moveram numa atmosfera de pensamento titânico; em face da potência dessas forças vivas do espírito que descem à Terra, para fundir-se na história, para dar o sopro da vida às civilizações e para orientar o progresso do mundo; diante das revelações que, por contato espiritual direto, atingiram a verdade das fontes primeiras do pensamento de Deus, resta perguntar em que se transforma a ciência, com seus métodos exteriores e seus preconceitos inibitórios, com a incerteza de suas dúvidas e de suas hipóteses? Em que se converte, frente a esses fenômenos, pelos quais o homem é completamente superado, a pobre ciência humana, que, perdida nos tortuosos caminhos da análise, quer ainda assim julgar e aprisionar tudo na pequenina técnica de sua experimentação? A ciência, com seu método, encerrou-se em limites que ela mesma traçou, constringindo-se à incompetência em relação aos fenômenos onde atuam fatores transcendentais.

Nesses casos, as nouíres conduziram o homem a uma tão grande altura ao longo das hierarquias que se elevam e convergem para a Divindade, que o

fenômeno já não se pode reduzir a um conceito científico, porque se realiza fora do mundo e de sua ciência.

As religiões, que significam uma orientação dada pelo Alto ao espírito humano, para guiá-lo no caminho de suas ascensões, são uma descida do espírito divino através das revelações. No fundo delas existe uma única religião, que estabelece um caminho no qual, adaptando-se à psicologia dos povos nas formas do tempo, a ideia de Deus avança. Avança da Atlântida à Índia, ao Egito, à Grécia, chegando ao monoteísmo da intuição de Moisés, imposto ao povo de Israel, com a finalidade de conservar a ideia até Cristo, que deveria continuá-la e fecundá-la no Seu Evangelho de amor.

Todos os grandes criadores do pensamento humano atingiram por inspiração a mesma e única fonte, expressando-a progressivamente, de modo cada vez mais perfeito: Krishna, Zoroastro, Hermes, Moisés, Buda, Orfeu, Pitágoras, até Cristo, que supera todos. A verdade é uma só. As aproximações humanas é que são diversas, sucessivas, proporcionadas ao progressivo desenvolvimento da evolução psíquica do homem.

Eis porque a ideia de Deus, em sua essência, é um superconcebível. O homem deve limitá-la, a fim de reduzi-la ao seu concebível, que é para ele a única medida capaz, em seu relativo, de assinalar-lhe os limites. Esse relativo, porém, dilata-se por evolução do sujeito humano, ampliando paralelamente, portanto, aquela ideia. Desse modo, a evolução da ideia de Deus é paralela à evolução humana. O Deus mosaico do poder e da vingança torna-se o Deus cristão do amor e do perdão e se tornará o Deus científico da sabedoria; o Deus terrível, que aparece entre raios no Sinai, inexorável e tremendo em sua justa vingança, completa-se e agiganta-se no gesto mais humano da bondade, aproxima-se da Terra e nela lança, com o Evangelho, a semente da paz de espírito e da convivência social. Hoje, a rude potência da revelação mosaica e a profunda bondade da revelação evangélica se continuam e se fundem na luz da racionalidade científica moderna, que também nos tem ensinado a pensar e que atinge a hora de sua compreensão. Há, desse modo, uma contínua proporção entre a descida das noures, que revelam a Divindade, e a capacidade intelectual humana. Em correspondência a uma ascensão do homem e de sua representação conceptual do Centro, há uma paralela e progressiva manifestação da verdade, por revelação; há uma contínua purificação dos atributos humanos daquele conceito, à medida que o homem purifica seus próprios atributos.

Em pobres palavras: Deus, verdadeiro centro dinâmico e conceptual do universo, conta de Si, através da revelação confiada a poucos escolhidos, aquele “quantum” que a criança humana, à proporção que vai crescendo, pode compreender; dizer-lhe mais, sobre um conceito sem limites, seria inútil e perigoso.

Devo falar a respeito de Deus porque é justamente desse Centro que desce a mais elevada noúre. Assim, a Divindade se avizinha sempre mais do homem, tornando-se sempre mais viva e sensivelmente real em seu coração, despojando-se pouco a pouco de todas as reduções impostas pela representação humana e fazendo-se sempre mais verdadeira, sempre mais transparente, em sua essência, ao espírito humano. Tudo isso é também um engrandecimento seu, porque a visão se torna vertiginosa, sendo justamente esta a razão pela qual ela não é concedida senão gradativamente. A ideia de Deus é necessária ao homem e deve estar-lhe próxima para sua vida; deve, para ser útil, proporcionar-se à sua compreensão e necessidade de ação; deve, como representação, manter-se a uma justa distância, que ilumine sem cegar, que se revele e se esconda ao mesmo tempo.

Assim, o grande conceito desce ao mundo por sucessivas aproximações. Inspirados e revelações se encontram unidos em cadeia, na expressão progressiva de um pensamento único e contínuo que governa o mundo. Existe uma grande noúre que desce contínua, através de diversos instrumentos, sendo essa divina unidade de princípio que mantém a continuidade de pensamento através dos ciclos das várias civilizações, ciclos que se rompem e se reatam. É essa unidade originária, ramificada no pensamento humano, que mantém uma linha verificável e evidente de desenvolvimento lógico através das vicissitudes históricas do mundo. Isso prova que é idêntico o centro irradiante e animador dos vários instrumentos registradores, grandes e pequenos, todos coordenados no tempo, sob o mesmo impulso, para a execução da mesma obra da revelação progressiva do pensamento divino. Cada um diz, frequentemente sem saber tudo, um tipo de frase propriamente sua, mas, da união de todas essas frases, sairá composto depois um discurso cheio de sabedoria.

Assim, fundiram-se num só corpo as vozes dos profetas do povo de Israel na ideia do Messias. Também assim, em expressões mais vastas, a visão mosaica (na qual a fragmentação da unidade divina no politeísmo foi reduzida ao monoteísmo) reúne-se novamente, através de todo o cristianismo, ao atual monismo, que nos apresenta a Divindade não só como

única, justa e boa, mas realmente palpitante, qual sensível psiquismo animador, presente em todas as coisas.


Moisés teve que imprimir com um ferrete de fogo, na alma de seu povo, a ideia de um Deus terrível, que, para nós, é absurda e repugnante, pois fomos acariciados pela piedade de Cristo.

Hoje, embora ainda subsista o mistério, o terror desapareceu, em razão da grande mitigação daquela vingança, que não conhecia piedade. Assim, uma vez que a revelação da bondade é continuada na revelação dos mistérios, cada vez menos se pode impor uma fé aterrorizando a mente e mutilando o conhecimento. Hoje não se eleva mais apenas o gesto do profeta que diz: “Penitência, para aplacar a ira de Deus”, nem apenas o gesto de piedade que fala: “Bem-aventurados os que sofrem”; dá-se, porém, em termos precisos de razão e de ciência, a explicação da inflexibilidade da justiça divina e da redenção cristã através da dor. O pensamento precedente não foi modificado em nada, mas sim apenas continuado. O mesmo e perfeito pensamento, após milênios, é novamente trazido à luz da consciência humana, atualmente saída da menoridade, não mais apenas como ato de fé e estado de graça, mas também como uma imprescindível necessidade racional, “imposta” pela própria doutrina para os novos caminhos, que, em tempos de perda de fé, são os únicos a permanecerem ativos. E estes são os caminhos da racionalidade, que é justamente a forma mental do nosso momento. A noúre, em sua profundidade, traz de novo à luz, mas agora em forma de ciência, o Evangelho, que foi substancialmente esquecido.

Esta é a necessidade dos tempos, a fim de que o Evangelho seja de novo sentido. Para que a moderna concepção do saber não se extravie, ela é chamada às origens, fundida com as antiquíssimas intuições dos iniciados e utilizada, no momento da maturidade espiritual atingida, como meio de revelação dos mistérios, em meio aos quais já não é mais permitido hoje esconder a verdade.

Unidade – diz hoje a grande noúre, unidade de religiões e de ciência na descoberta de uma consciência unitária da humanidade em torno de um Deus único. Esta é a ideia central que deverá salvar e dirigir o mundo na nova civilização do Terceiro Milênio. Assim, com a Síntese, a ciência é retomada totalmente no ciclo evolutivo das revelações, para preparar no seio da humanidade a maturação de uma nova consciência cósmica. O momento histórico é grave, solene, rico de valores em decomposição e de

germens em frenético desenvolvimento, como nos tempos messiânicos. Em meu estado de contínua percepção nouírica, sinto as correntes espirituais do mundo e tenho a sensação viva de iminentes e novas orientações do pensamento humano, que abaterão as resistências de todos os misoneísmos. E me entreguei completamente às forças do Alto, a fim de lançar, entre muitos, uma semente que germinará.

Observando os ciclos das revelações do passado que mais proximamente se encontram da civilização europeia, vemos de início um período heroico, que é sublimação de potência da vontade, explosão da corrente positiva e masculina da vida – o ciclo mosaico e do profetismo hebreu; depois, o período da bondade, que é sublimação do amor, explosão do oposto princípio da vida, da libertação pelo sacrifício, da redenção pela dor. Na primeira revelação, a voz de Deus, virilmente, diz: “Eu sou”. Na segunda, a mesma voz redime a mulher e eleva a missão criadora do amor. Hoje, a revelação reaparece, equilibrando-se numa pulsação de retorno, para alimentar e impelir para o alto o princípio masculino, que afirma e de novo diz “Eu sou”, mas não com o terror da força e do mistério, e sim com a potência luminosa da sabedoria. 

Jamais na história do mundo, a inspiração se apresentou em proporções tão gigantescas como em Moisés, no momento da promulgação da lei no Sinai. A voz emerge de um fragor de batalha, em meio a um terrível desencadear de forças naturais, como condutora de povos e dominadora de paixões; emerge do caos das vicissitudes humanas num ímpeto de potência esmagadora. A luta entre as forças do bem e do mal assume um aspecto concreto, descendo até à alma dos fenômenos físicos. Então a terra treme e abrem-se as águas dos mares. Deus é força, ante a qual vacilam céu e terra. Indubitavelmente, Moisés transferiu à religião hebraica a sabedoria da iniciação egípcia, que levava consigo como esteio. Mas foi a grande voz interior da inspiração que o sustentou e guiou nos grandes momentos. O pensamento era, então, densamente revestido de ação e se expressava súbito, em ação nos acontecimentos; deveria, portanto, possuir em suas origens a violenta potência energética que lhe permitisse penetrar as densas camadas da matéria e do espírito humano. A verdade devia ser simples e precisa, mas lançada como um projétil e cortante como uma espada, para poder penetrar no duro coração do homem. O profeta tinha de ser um condutor de povos, e seu pensamento deveria estar armado de potência humana e sobre-humana. A lei de um Deus único devia impor-se, por seu

poder, no seio da idolatria dos vários cultos; devia imprimir-se na consciência de um povo, em meio à anarquia das nações. A solitária e dolorida sublimação mística dos santos do cristianismo ainda não nascera; antes da sutilização na pureza, importava trovejasse a força, para desbastar o espírito humano.

A cosmogonia mosaica é uma rude e imensa construção ciclópica, que foi reduzida a linhas essenciais, para poder ser compreendida; permanece verdadeira até hoje, embora lhe faltem pormenores de desenho arquitetônico. O gesto criador de Deus é material como o gesto do homem, que projetava no Céu a multiplicação infinita dos próprios atributos, não sabendo dizer de Deus senão o que a própria evolução psíquica lhe permitia compreender. Aquele gesto se espiritualiza hoje na voz que desce para iluminar e animar a ciência, e o pensamento da Gênese retorna num mais elevado plano de conhecimento.

A Gênese é o primeiro livro do Pentateuco, a que se seguem: o Êxodo, o Levítico, os Números e o Deuteronômio, e foi escrito sob a inspiração de Moisés, enquanto ele vagueava no deserto com o povo de Israel. Começa com a criação, descreve depois o dilúvio (submersão da Atlântida), a torre de Babel e a história dos patriarcas até José.

O Êxodo é a saída do povo de Israel do Egito e a promulgação da lei no Sinai. O espírito de Deus é presente a cada momento. No Cap. XIX do Êxodo, descreve-se um continuo colóquio entre Moisés e Deus:

01. Ao terceiro mês da saída de Israel da terra do Egito, nesse mesmo dia, chegaram à solidão do Sinai.

02. Por isso, partidos de Rafidim e chegados ao deserto do Sinai, estabeleceram nesse lugar os alojamentos, e aí Israel esperou, diante do monte.

03. E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do alto do monte, dizendo-lhe: Estas coisas dirás à casa de Jacó e anunciarás aos filhos de Israel. (...)

09. O Senhor lhe disse: Virei logo a ti na obscuridade de uma nuvem, a fim de que o povo me ouça a falar contigo e creia em ti perpetuamente. Pois Moisés havia anunciado ao Senhor a palavra do povo.

10. Ele lhe disse: vai ao encontro do povo e faz com que todos se purifiquem hoje e amanhã e lavem suas vestes.

11. E estejam preparados para o terceiro dia, porque no terceiro dia descera o Senhor, aos olhos de todo o povo, sobre o monte Sinai. (...)

16. E, ao despontar o terceiro dia, à claridade da manhã, principiaram a ouvir-se trovões e resplandeceram relâmpagos; e uma densíssima névoa cobriu o monte, e o vibrante som da trompa retumbava fortemente; e o povo, que se encontrava nas tendas, se atemorizou.

17. E havendo-os Moisés conduzido para fora dos alojamentos, ao encontro de Deus, pararam ao pé do monte.

18. E todo o Monte Sinai fumegava, porque o Senhor aí descera em meio ao fogo; e o fumo dele saía como de uma fornalha, e todo o monte infundia terror.

19. E o som da trompa pouco a pouco se fazia mais forte e mais penetrante. Moisés falava e o Senhor lhe respondia.

20. E desceu o Senhor ao Monte Sinai, sobre o próprio cume do monte, e chamou Moisés àquele cume. (...)

25. E Moisés desceu e contou todas as coisas ao povo.

E assim nasceu o Decálogo, da palavra pronunciada por Deus, Cap. XX:

01. E o Senhor pronunciou todas estas palavras: (...)

02. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão.

03. Não terás outros deuses diante de mim. (...)

18. E todo o povo percebia as vozes, e os raios, e o som da trompa, e o monte que fumegava; e o povo, assustado e tomado de medo, pôs-se de longe.

Eis a narrativa do momento culminante da mais poderosa recepção noutrica que o homem conhece.

E o espetáculo é verdadeiramente de uma grandiosidade terrível. A mole imensa, severa e selvagem do Sinai, a recordar o Brocken¹⁶ goethiano, a grande montanha de granito, nua e escura, cujo cimo é o trono de Eloim, circundada de lendas pavorosas, ecoando estrondos de trovões; os cumes escondidos nas tempestades de nuvens a rugir, coruscantes de raios; as faldas do monte enegrecidas de massas humanas, efervescentes de paixões, lançadas à conquista do próprio destino. Eis o quadro grandioso, o ambiente de sintonização em que se realizou o diálogo entre o profeta e a voz de

Deus e entre o profeta e seu povo. A vibração se mantinha na desnuda potência das coisas primitivas. Era o primeiro grande choque cósmico das forças espirituais e se converteu numa atmosfera de revolta e de sangue, sob um céu negro de tempestade, com a matança dos rebeldes idólatras, desobedientes à lei, diante dos quais a ira do profeta quebra as tábuas de pedra, convicto do direito absoluto da verdade, da comunhão com o Alto, da proteção das forças supremas. Sem essa presteza e prepotência de ação, jamais Moisés teria imposto sua autoridade e a nova lei de Deus. A ferocidade humana impunha os caminhos do terror.

O contato com a divina fonte se estendeu continuamente, no seio do povo hebreu, através do profetismo.

Este meu pobre estudo sobre o fenômeno inspirativo manifesta-se, sem que eu o quisesse, com força interpretativa e demonstrativa deste grande fenômeno histórico e teológico, que foi considerado pelos apologistas, ao lado dos milagres, como a coluna probatória da verdade do cristianismo. E aqui a ciência, finalmente não mais inimiga, dá sua contribuição.

Se a arte divinatória é comum a todos os povos da Antiguidade, o profetismo, entre os hebreus, potencializando-se na concepção monoteísta, eleva-se a meio de comunicação direta com a Divindade, prossegue e traduz o pensamento da eternidade na maturação do destino de um povo e, na espera do Messias, do destino do mundo.

Após o Pentateuco, a Bíblia continua e, no livro de Josué, escrito pelo mesmo Josué, sempre por divina inspiração, prossegue a história do povo de Deus. Moisés morreu, mas o divino colóquio não cessa.

Nos quatro livros dos Reis falam Samuel e os profetas Gade e Natã. Precisamente no terceiro desses livros, Cap. XIX, há uma referência ao profeta Elias, que, internando-se no deserto, desejava a morte e disse:

“Basta, ó Senhor, toma minha alma”. E se lançou por terra e adormeceu; mas eis que o anjo do Senhor o tocou e lhe disse: “levanta-te e come”. Voltou-se ele e viu, perto de sua cabeça, um pão cozido sob as cinzas e um vaso de água. Então, comeu e bebeu. Fortificado com esse alimento, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até um monte de Deus chamado Horebe. Lá chegando, abrigou-se numa caverna. E logo o Senhor lhe falou dizendo-lhe: “Que fazes tu aqui, Elias?...”.

E se desenvolve o colóquio. Mais adiante, ainda de Elias fala o livro IV dos Reis¹⁷, Cap. II:

11. E enquanto caminhavam e conversavam juntos, subitamente um carro de fogo, com cavalos de fogo, separou um do outro; e Elias subiu ao céu num turbilhão.

O primeiro livro de Esdras foi por este mesmo, que era de linhagem sacerdotal e doutor da lei de Deus, escrito sob inspiração.

Também o livro de Judite, que se lhe segue, é considerado divinamente inspirado.

No livro de Jó, este frequentemente profetiza a respeito de Cristo.

No livro dos Salmos, o rei Davi, instrumento do Espírito, profetiza sobre Cristo e escreve hinos maravilhosos, que são poesia, profecia, sapiência, oração. Em Davi, o pressentimento do novo pensamento de Cristo é vivo. Ninguém, antes dele, havia ousado falar de Deus com tanto amor e confiança, no seio do povo hebreu, que entendia a proteção divina como um domínio severo, cheio de terríveis punições. Davi cantava com sua harpa não mais um Deus que subjugava pelo pavor de suas cóleras e vinganças, mas um Deus doce e bom que se aproxima do homem no esplendor de suas obras:

“Os Céus narram a gloria de Deus e o firmamento anuncia Suas obras. Um dia dirige a palavra a outro dia e a noite a outra noite a relata. Sem palavras, sem discursos, entende-se a sua voz, que se expande por toda a terra e ressoa até aos confins do mundo”.

Inspirado é o livro dos Provérbios, ditado pela sabedoria de Salomão, livro cheio de sentenças sublimes.

Inspirado foi o livro da Sabedoria, atribuído ao mesmo Salomão.

Inspirado também é o chamado Eclesiastes.

E eis que surge, na Bíblia, Isaías, o primeiro dos grandes profetas, majestoso nas suas predições referentes ao Messias. Após, fala Jeremias, profeta desde os 15 anos, até depois da destruição do templo e da cidade de Jerusalém, quando, prostrado sobre as ruínas da Cidade Santa, deixou rebentar sua dor nas Lamentações. Vem a seguir seu discípulo Baruque, também profeta. Ezequiel começou a profetizar no quinto ano de seu cativeiro na Babilônia; foi o inspirado misterioso, taciturno e terrível, que viu a destruição de Jerusalém, a dispersão dos hebreus e, após, sua volta, a reconstrução da cidade e do templo e o Reino do Messias.

Profecias relativas ao Messias contém o livro de Daniel, por ele mesmo escrito na corte dos reis caldeus. Seguem os profetas menores: Oséias, Joel, Amós (talvez também mártir), Obadias; Jonas, o náufrago vomitado pela

baleia; Miquéias, a quem se deve a célebre profecia sobre Belém-Efrata, onde deveria nascer o Messias; Naum, que predisse a destruição de Nínive e viu sobre os montes “os pés Daquela que anuncia a boa nova”; Habacuque, que, conforme se crê, foi transportado por um anjo até a Babilônia, para dar alimento a Daniel, prisioneiro na cova dos leões; Sofonias; Ageu, também profeta do Messias; Zacarias, em quem a profecia da vinda do Cristo se faz sempre mais clara, precisando seu ingresso em Jerusalém, sua morte, os trinta dinheiros como preço da traição, a destruição de Jerusalém e a perseguição; finalmente, Malaquias, que anuncia claramente a vinda do supremo Mestre.

Por oito séculos, a ideia viva de Deus assim resplandece na alma de um povo, e a mesma luz desce sempre ao mundo, colorindo-se diversamente, através de personalidades diversas, mas nunca deixa de ser a voz com que Deus clama, chamando os homens extraviados.

A inspiração se faz auditiva ou visual conforme as disposições do ambiente, mas a corrente é uma só, embora assuma diferentes formas de vibração. Existe um pensamento constante, desenvolvido através de recursos diversos e fragmentado no tempo, mas, apesar disso, coerente e contínuo, testemunhando uma fonte única em sua origem. Essa unidade de ideia manteve coeso um povo, elaborado pelas mais venturosas vicissitudes, até ao surgimento de sua flor magnífica: Cristo, após o que este povo se dispersa.

A Bíblia é o mais vasto documento de recepção noutrica mundial, atingindo as mais elevadas fontes. O povo hebreu nos dá o exemplo de um fenômeno inspirativo gigantesco, prolongando-se por séculos e séculos, funcionando como preparação do evento que daria origem à civilização destinada a governar o mundo. Não é possível a dúvida nem a negação em face de fatos históricos de tal importância. O cristianismo foi esperado e preparado por essa elevadíssima mediunidade inspirativa, que agora estudamos e que desses contatos superiores continuamente se tem alimentado e fortalecido no seu exaustivo caminhar.

Em face da narrativa bíblica das visões dos profetas, como a de Isaías, que vê a Babilônia destruída, recordando as de São João; em face das visões terríficas de Ezequiel, bem como outras, feitas de luz e de bondade, todas grandiosas; em face dessas figuras pensativas de profetas, prostrados diante do Infinito, invocando luz e paz para a alma humana em tempestade, eu, que escrevi a demonstração científica da realidade dessas forças

tremendas e que as sinto agitarem-se em mim e no mundo, ouço estranhas ressonâncias nas profundezas de minha consciência, sentindo-me sacudir por um calafrio de temor. A sabedoria moderna, que matou essa sensibilidade, poderá sorrir ceticamente. Mas, nas lágrimas de Jeremias, no gesto solene de Ezequiel, profetizando nessa voz concorde que, desde Isaías até Malaquias, fala de Cristo e prossegue até à voz de Joana D’Arc, criando uma mártir e salvando a França, sinto algo de tão terrivelmente poderoso, que não encontro outra postura de espírito além da oração. Tudo mais é inconsciência. Inconsciência num momento em que a Europa inteira se arma, embora trema diante do espectro de uma guerra que sente seria o fim de sua civilização¹⁸. Cada gesto profético é dirigido pela mão de Deus. E a Europa será dividida, ao longo de uma frente mediana, em duas partes, a da ordem e a da desordem, em que lutarão objetivamente as forças cósmicas do bem e do mal. Se as forças desagregantes do mal chegarem a vencer as forças construtivas do bem, então as portas da Europa desorganizada se abrirão de par em par diante da ameaça imensa da Ásia, do dragão gigantesco e terrível, que já levanta a cabeça, mirando a presa succulenta. Enceguece-o, porém, uma luz que se irradia de Roma, centro espiritual do mundo. Na Terra e no Céu irrompe uma vastíssima tempestade de pensamento que, em grandes correntes, luta e se lança à conquista da unidade espiritual do planeta.



A principal ideia desenvolvida pelo profetismo hebreu, num ascensional movimento de evidência e poder, foi a ideia da centralidade espiritual de Jerusalém e da vinda do Salvador do mundo. Sempre mais nítida se faz essa visão, descendo a pormenores, e nela, na contemplação da doce figura do Cristo, se acalmam as tempestades angustiosas do espírito. Alimentada pela vibrante palavra dos profetas, a imagem messiânica se grava e se agiganta na consciência, até aos últimos tempos, em que se sentia por toda parte, vaga, mas seguramente próxima, a realização tão esperada e predita.

A história, na plenitude da hora romana, continha os germes do desfazimento e da ressurreição, como hoje. Os deuses pagãos vacilavam, e o equilíbrio do mundo se deslocava para um novo eixo. Algo abala a civilização até aos fundamentos, e também o mundo pagão desperta ao primeiro choque, que é sempre de almas, e o manso Virgílio vê:

*Ultima Cumoei venit jam carminis actas,
Magnus ab integro soecolorum nascitur ordo,*

*Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia, regra;
Jam nova progenies coelo demittitur alto.
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet, ac toto surget gens aurca mundo,
Casta, fave, Lucina; tuns jam regnat Apollo.
... Aspice, convexo nutantem pondere mundum,
Terrasque, tractusque maris, coelumque, profundum;
Aspice venturo laetantur ut omnia soeclo*¹⁹

(VIRGILIO, Écloga, IV)

Com Cristo surge, em sua plenitude, um conceito que parece preparado de há muito, no passado de toda a evolução espiritual da humanidade. Esta já está amadurecida para subir mais um degrau em sua ascensão espiritual, e a revelação inicia um novo ciclo. O conceito de bem e de virtude adquire um novo valor, e a dor se sublima na cruz como meio de redenção. É anunciada a boa nova de um novo Reino dos Céus, que está, antes de tudo, no coração dos homens. Atinge-se um novo poder, que Moisés não possuía: o poder do amor. “Não penseis que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim aboli-los, mas completá-los”, disse Cristo (Mateus, V, 17). A revelação continuava.

Seria absurdo querer reduzir a ideia de Cristo a um fenômeno inspirativo, de tanto que o transcende, de tão inadequados que são os recursos da observação e da compreensão humanas, de tão profunda e completa que foi Sua unificação com o centro conceptual do universo. Devido à fraqueza humana, temos necessidade, para nossa compreensão, de fenômenos mais acessíveis, mais mitigados de potência, menos transparentes de Divindade, a fim de que não pareçam cegar.

Tenho sentido em meus profundos estados inspirativos a proximidade de Cristo, não o Cristo reduzido à imagem humana, mas o Cristo real, cósmico, um espírito radiante, centro de atração espiritual, em torno do qual gravitam os mundos; um Cristo que me inflamou e me tem dado força para viver e trabalhar e a Quem tudo devo. Ele me atrai da vertigem dos céus, para onde me arrasta, de esfera em esfera, fustigando minha carne, para que eu possa aligeirar-me e subir, numa visão de sabedoria e de bondade na qual minha mente se perde. Outra coisa não sei dizer de Cristo, outra coisa não sou digno de dizer e calo-me.

Sinto que se aproximam para o mundo acontecimentos enormes e terríveis; sinto um distante fragor de tempestade, um vagalhão que ameaça a

grande civilização. E são pouquíssimos os que veem e sabem. Tenho implorado para que se veja e se saiba. Neste ambiente pesado de ameaças em que louqueja o mundo, meu espírito oprimido não repousa senão na doce visão do Cristo, que acalma as águas enfurecidas e salva o barco da ameaça do naufrágio. Cristo é verdadeiramente uma força real, sempre presente, a guiar os centros espirituais do mundo, irradiando Sua luz. Conforto-me com Suas palavras, citadas pelo Apóstolo João: “Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas, por enquanto, estão acima de vossa compreensão” (João, XVI, 12). “Tenho-vos dito estas coisas por comparações. Mas vem a hora em que não vos falarei mais por parábolas, mas abertamente vos falarei acerca do Pai” (João, XVI, 25). Eram as palavras de adeus. Mas, antes, havia dito: “Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que permaneça para sempre convosco, o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós, porém, o conheceis, porque ele habitará convosco e estará em vós. Eu não vos deixarei órfãos; voltarei a vós” (João, XIV, 16, 17, 18).

Qual será o sinal dos tempos? O descobrimento completo dos mistérios, que a revelação dá à mente humana, já amadurecida pela ciência. Porque, como já dissemos, a revelação é progressiva e proporcionada ao desenvolvimento da inteligência humana, estando o Cristo com ela sempre presente. É chegada a hora em que a mudança da civilização impõe um passo à frente na lenta e progressiva realização do Reino de Deus na Terra, do qual o Evangelho não foi senão o anúncio; impõe sua atuação individual e coletiva na organização social humana, o advento de Cristo à sociedade, a descida do espírito da verdade, do amor e da justiça às instituições e à vida dos povos. O Pentecostes, outrora limitado aos escolhidos, estende-se agora a todos os dignos pela bondade e maduros pelas forças intelectivas.

O primeiro gigante da revelação cristã é o próprio São João. João, alma profunda, intuitiva e ardente, enamorada e triste, impetuosa e sonhadora; João, que inclinava a cabeça no peito do Senhor, perdido nos silêncios da contemplação, e penetrava o pensamento profundo de Cristo por um estado de graça que o amor lhe dava. E, mesmo muito depois, até aparecer São Francisco, nenhuma força aproximou tanto de Cristo o homem, abrindo de par em par as portas de seu coração, quanto este amor.

O Apocalipse do apóstolo João foi por ele escrito depois de seu Evangelho, pelo ano 96 de nossa era, no seu exílio da ilha de Patmos. O nome grego “Apocalipse” significa “revelação”. Esta, que havia tomado o

homem pela mão, desde o princípio, para acompanhá-lo até ao nascimento de Cristo, agora continuava predizendo os destinos da Igreja, desde seus primeiros combates na Terra até ao seu último triunfo no Céu. É uma visão grandiosa, cheia de mistério:

Cap. I

01. Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe concedeu, a fim de fazer conhecer aos seus servos as coisas que cedo devem acontecer e que Ele, enviando-as por intermédio do Seu Anjo, significou ao seu servo João.

02. O qual testificou a palavra de Deus e tudo quanto viu de Jesus Cristo. (...)

09. Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, no reino e na paciência de Jesus Cristo, estive na ilha que se chama Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

10. Fui arrebatado em espírito num dia de domingo e ouvi por detrás de mim uma forte voz, como de trombeta.

11. Que dizia: escreve o que vês num livro.

12. E voltei-me para ver quem falava comigo, e voltado vi sete candelabros de ouro. (...)

13. Escreve, pois, as coisas que viste, as que são e as que devem acontecer depois destas.

A percepção, a princípio auditiva, se transforma em visual. De quando em quando diz: “Eu vi”. A fonte da grande corrente nouírica, porém, é a mesma, não importando em que forma de vibrações sensoriais se materialize, para ferir os sentidos. Há um comando explícito da voz: “Escreve”. Há um aturdimento de sentidos que faz João cair como morto, mas a voz lhe diz: “Não temas, sou eu, o primeiro e o último”.



Passam-se os séculos. A voz que havia detido São Paulo na estrada de Damasco repercute numa multidão de mártires. Os primeiros séculos do cristianismo ecoam de vozes, mas, depois, a tenebrosa Idade Média trabalha duramente, para reencontrar as fontes do espírito, e a tradição se quebra.

Assim como Sócrates tinha o seu gênio, a voz superior que ele ouvia falar-lhe interiormente, dando nobilíssimos conselhos, o filósofo Filon também tinha o seu. Porfírio e Plotino declaram possuir num espírito familiar sua fonte de inspiração. Assim como Maomé ouve a voz do seu

arcanjo, igualmente Alarico, rei dos Visigodos, dizia-se inspirado pela voz de um espírito que o excitava a marchar contra Roma. “Um gênio”, dizia, “sempre me guia: Avante! Avante! Destrói Roma!”. Esta última voz talvez fosse barôntica, que não se eleva pela nobreza de objetivos morais e sociais nem por uma pureza de inspiração, não merecendo, pois, atenção.

As vozes elevadas só se encontram no seio de uma grande fé, quando a inspiração é também missão, apostolado, muitas vezes martírio. Só estas são dignas e me interessam.

Se o fio da revelação se rompera, talvez por razões profundas, ou talvez só aparentemente, a fé em Cristo não fora destruída. A ascensão espiritual, culminando nas figuras dos santos que iluminam em multidão a Idade Média, era contínua e laboriosa. As correntes desciam sempre do Alto para os desposórios com a Terra, fecundando-a. E germinavam exemplos de holocaustos no esforço por abraçá-las. A grande emanção do Cristo jorrava ora aqui, ora acolá, como revelação não mais heroica e guerreira, apocalíptica e tonante, mas apaixonada e gentil, amansando a ferocidade dos tempos com a doçura do amor evangélico. E surgem almas novas, ardendo em paixões mais elevadas. A força se desmaterializa num perfume de sentimento. A voz não mais troveja o fragor das batalhas nem o terrível destino dos povos, mas canta as harmonias da criação.

E desponta Francisco de Assis, qual diferente cantor de Deus, que já não é como o rude Moisés, nem o tempestuoso Isaías ou o terrível Ezequiel, nem mesmo o apocalíptico João! Verdadeiramente, com o Cristo, o mundo do espírito se transformara. A fé se dulcifica como o cântico de um poeta ou a visão de um artista, como se transmuda em beleza a própria verdade que se eleva a um plano mais alto. A fé canta e sorri entre os doces pintores das escolas umbra e toscana, gorgearde de crianças graciosas e perfumosas dos suaves semblantes das Madonas. Mas, seja atingindo poetas, artistas ou santos, é sempre a mesma fonte inspirativa, que desce do Alto e faz do “Trecento” o século das mais puras criações espirituais. Que importa a forma com que essa inspiração se imprime na matéria? Grande inspirado foi Dante, como foi Giotto e depois Rafael. Sempre, onde se manifesta um pensamento novo, profundo e nobre, o Alto vibra e se dá. O “Trecento” parece uma descida de anjos para rasgar as trevas de um milênio. Foi a primeira dulcificação de costumes na fé cristã, a primeira grande onda de preparação do Reino dos Céus. Falo a respeito de forças reais, presentes e

decisivas na evolução da civilização. Falo da minha mística Úmbria, onde, com tanta suavidade, floresceu aquele sonho de fé!

A voz falou pela primeira vez a Francisco (1182–1226) em São Damião, em Assis. Assim relata o acontecimento o Pe. V. Vacchinetti em sua “*Vida de São Francisco*”:

“Existia então, como ainda há hoje, no declive da montanha (o Subásio, próximo de Assis), uma capela dedicada a S. Damião. São Francisco gostava de recolher-se na penumbra daquela igrejinha abandonada, a orar diante de um crucifixo. Um dia, estava ajoelhado diante daquela imagem do Redentor... e suplicava poder conhecer, finalmente, qual fosse a vontade divina a seu respeito. Eis que, então, ainda banhado em lágrimas e com o coração agitado pelo ardor da oração, tendo os olhos fitos no crucifixo, ele o vê avizinhar-se de si e de seus lábios divinos percebe sair uma voz que lhe diz: “Não vês que minha igreja está a desabar? Vai, pois, e restaura-a para mim!”. E por três vezes se repete o amargurado apelo, a divina oração: “*Vade igitur et repara illam mihi!*”²⁰ (aquela imagem conserva-se ainda hoje na Basílica de Santa Clara, em Assis). A essa voz, Francisco, tremendo de espanto e comoção, respondeu com entusiasmo: “Fá-lo-ei de boa vontade, Senhor!” (“*Liberter faciam, Domine*”). E logo se levantou, para iniciar o trabalho”.

Esta é a narrativa:

A voz do Alto a descer para salvar os destinos da Igreja. O impulso de Cristo volta a manifestar-se presente. Esses fenômenos de exceção não sucedem ao acaso, mas em momentos particulares, com objetivos excepcionais. As correntes puras não descem ao nosso plano para curiosidade científica, mas obedecem a equilíbrios profundos, que as guiam para alimentar os valores espirituais do mundo, quando estes vacilam.

De há muito, Francisco procurava, mas ainda não se havia encontrado a si mesmo. Esquecera-se na quadra alegre da juventude, mas era momentâneo o esquecimento; ao primeiro choque, sua alma desperta, e do íntimo se elevam as realidades do espírito, para as quais estava amadurecida. Na prisão dos perusinos e, depois, na enfermidade em Spoleto, as primeiras visões revelam a Francisco o seu verdadeiro ser. Creio que esses primeiros contrastes interiores sejam o momento psicológico mais decisivo para a compreensão daquele tipo de personalidade e de toda a fenomenologia supranormal que se lhe formou em torno. Esses deslocamentos de equilíbrio interior, que conduzem uma alma do mundo a

Deus, projetando-a na vertigem da inspiração mística, têm raízes profundas, onde se encontra a chave do mistério. Essas súbitas crises psicológicas não são senão a precipitação do equilíbrio biológico normal, em consequência de impulsos amadurecidos na eternidade. E, como sempre, é necessário estudar e compreender o sujeito, para entender o fenômeno. Francisco se isolava no silêncio dos bosques e dos montes, para orar e ouvir; essa necessidade de solidão, própria dos inspirados, foi para ele fundamental, especialmente nos mais importantes momentos de sua missão.

“Vade igitur et repara illam mihi!”. Nas vizinhanças de S. Damião, o céu e a terra, tudo sorri numa nova luz, como que impregnado da grande emanção espiritual do santo. A beleza natural parece brilhar numa mais profunda beleza de alma. Toda a criação em torno se vivifica no espírito e também ora num impulso de fé, dobrando-se em sintonia para alimentar o fenômeno de Francisco e de sua vibração de amor a Deus. Nos momentos de sua grande inspiração, a natureza também é chamada a colaborar, em harmonia de fé e amor, como uma realidade viva, ardente, também enamorada de Deus, pois a grande recepção nouírica é um concerto imenso, onde toda a criação canta em Deus. A inspiração dulcíssima do amor de Cristo se verifica aqui não mais entre as tempestades do Sinai, porque a nota de sintonização é completamente diversa, mas na musicalidade doce da paisagem úmbrica, que ainda hoje canta e sobe, simples e mansa, como por humildade, perdendo-se nos esplendores azuis do misticismo. Verdadeiramente, jamais encontrei mais apropriado ambiente de sintonização espiritual que esta paisagem úmbrica.

Francisco, entretanto, não havia compreendido bem. O despertar de uma alma imersa na carne, embora ela seja forte, não pode ser instantâneo. Seu olhar é, a princípio, exterior também nos conceitos, está materializado pelas sensações e, só mais tarde, atinge os profundos significados do espírito. Também com Joana D’Arc aconteceu o mesmo. Mas, depois, o ambiente se purifica, o contato se faz mais vivo, a percepção mais transparente. Aqui também, embora preso num turbilhão, o fenômeno é progressivo. Não era, pois, a restauração material da igreja de S. Damião, obtida com o transporte de pedras, mas a restauração espiritual de Sua Igreja o que Cristo indicava. “Eu não vos deixarei; voltarei a vós”, Ele já havia dito. Voz universal, ativa e presente, que se infiltra no mundo através dos caminhos de quem sente, responde e fala, segundo o poder de cada um para ouvi-la. Que evidência deveria, pois, atingir através de uma alma como a de Francisco!

Tudo está em relação à capacidade individual, à sensibilização espiritual, e esta se relaciona com o grau de purificação atingido. Aqui, ressalta em primeiro plano a relação, já notada, entre elevação moral e potência perceptiva da alma, pois importa um estado de afinidade vibratória, para poder obter-se a sintonização. Compreendem-se, assim, os três votos franciscanos – pobreza, castidade, obediência – que azorragam no corpo e nas paixões toda a animalidade humana.

Para sentir a palavra de Cristo, Francisco devia tornar-se semelhante a Ele na dor e no amor, e tão intensamente os teve unidos a Ele, que se imprimiram em seu corpo com os estigmas, no incêndio espiritual da Verna.

No espírito franciscano existe um conhecimento profundo dos caminhos desse laborioso esforço da ascensão espiritual. Basta recordar o episódio da perfeita alegria, em que, diante dos ataques mais cruéis e dos decepamentos mais radicais impostos à natureza humana, Francisco conclui sempre com um crescendo impressionante de exemplos: “Ó Irmão Leão, escreve que nisso está a perfeita alegria” (*Florinhas*, VII). Mas uma verdadeira técnica de ascensão espiritual, uma descrição dos métodos usados pelo destino para impô-la ao homem, é descrita no Cap. XXV de *“Fioretti”*. Encontra-se aí narrada, na forma simbólica da época, o esforço do processo evolutivo do psiquismo humano, que, em *A Grande Síntese*, é explicado cientificamente; concordâncias que reciprocamente se iluminam. Um frade sonha que:

“... ele foi arrebatado e conduzido em espírito a um altíssimo monte, junto ao qual se via um precipício muito profundo; e, aqui e ali, penhascos fendidos e lascados, rochas desiguais que se elevavam da massa de pedra; era pavoroso o aspecto do precipício. E o Anjo, que conduzia esse frade, empurrou-o, lançando-o precipício abaixo. E o frade, bamboleando e ferindo-se de pedra em pedra, de calhau em calhau, finalmente caiu no fundo do precipício, completamente desmembrado e despedaçado, conforme lhe parecera. E, jazendo, assim desacomodado, em terra, aquele que o conduzia disse:

– Levanta-te, que te é necessário fazer ainda uma viagem maior.

Respondeu o frade:

– Pareces-me um homem imprudente e cruel; vês-me quase morto pela queda que me despedaçou e ainda dizes que me

levante!

O Anjo, porém, aproximou-se dele e, tocando-o, ligou com perfeição seus membros, curando-o completamente. E depois lhe mostrou uma grande planície, coberta de pedras pontiagudas e cortantes, de espinhos e sarças, e disse-lhe que seria necessário atravessá-la descalço, até ao fim, onde existia uma fornalha ardente, em que ele deveria entrar.

Tendo o frade transposto toda a planície, com grande angústia e pena, ouviu do Anjo:

– Entra nesta fornalha, porque assim te é necessário!

Respondeu o frade:

– Pobre de mim! Que guia cruel me tens sido! Vês-me quase morto por atravessar esta planície e agora por repouso me dizes para entrar na fornalha ardente!...

E, olhando, o frade viu em torno da fornalha inúmeros demônios, que seguravam forquilhas de ferro e com estas, porque ele demorava a entrar, o arrastaram subitamente para as chamas...

... E o Anjo que o conduzia, impeliu-o para fora da fornalha, dizendo-lhe:

– Prepara-te para uma horrível viagem, que ainda tens de fazer!

Recomendando-se, disse o frade:

– Ó duríssimo condutor, que nenhuma piedade tens de mim! Vês como me queimei na fornalha e ainda me queres levar a uma viagem perigosa e horrível!

O Anjo, porém, tocou-o, e ele se tornou são e forte. Conduziu-o, depois, a uma ponte, onde não se podia passar sem grande perigo, porque era muito frágil e estreita, muito escorregadia e sem parapeitos; por baixo passava um rio terrível, cheio de serpentes, dragões e escorpiões, que exalavam muito mau cheiro. E disse-lhe o Anjo:

– Passa esta ponte. De qualquer modo deverás atravessá-la.

– Como poderei transpô-la sem cair neste perigoso rio?

Respondeu-lhe o Anjo:

– Vem após mim e põe o pé onde eu puser o meu e assim passarás bem.

E o frade acompanhou o Anjo como este lhe havia ensinado e chegou até ao meio da ponte, quando, então, o Anjo ausentou-se num voo e se postou no cume de um monte elevadíssimo, muito longe da ponte. Examinou bem o frade o lugar para onde voara o Anjo; viu-se, assim, sem guia e, olhando para baixo, viu os terríveis animais que, do seio das águas, levantavam suas cabeças e abriam as bocas, como se preparando para devorá-lo, se ali ele caísse. Estava tão amedrontado, que não sabia o que fazer ou dizer, porque não podia recuar nem avançar. Vendo-se em tão grande tribulação e concluindo que não teria outro refúgio senão somente Deus, inclinou-se e, abraçado à ponte, e de todo o coração e com lágrimas, suplicou a Deus que, por Sua santíssima misericórdia, o socorresse. Feita a oração, pareceu-lhe que lhe nasciam asas, e esperou com imensa alegria que elas crescessem, a fim de poder voar até onde se encontrava o Anjo. Depois de algum tempo, pelo grande desejo que tinha de abandonar a ponte, pôs-se a voar. Como as asas, porém, não eram suficientemente grandes para o voo, ele caiu sobre a ponte como também caíram as penas. Novamente abraçou a ponte e, como já havia feito, recomendou-se a Deus. Terminada a oração, de novo percebeu que lhe nasciam asas; mas, como antes, não esperou que elas crescessem perfeitamente; pondo-se a voar, uma vez mais, antes do tempo: caiu outra vez sobre a ponte, e igualmente caíram as penas. Percebendo que a pressa de voar sem que houvesse chegado o tempo próprio era a causa das quedas, começou a dizer a si mesmo: “Quando me nascerem asas pela terceira vez, esperarei até que sejam bastante grandes para que eu possa voar sem cair de novo”.

E, estando assim a pensar, notou que lhe nasciam asas pela terceira vez, mas esperou que elas crescessem suficientemente. Pareceu-lhe que, desde o primeiro surgimento das asas até ao terceiro, haviam decorrido bem cento e cinquenta anos. Finalmente, dessa terceira vez, levantou voo com todas as suas forças e chegou até onde estava o Anjo e, batendo à porta do palácio que atingira com seu voo, começou a olhar as paredes maravilhosas do palácio; e eram estas tão transparentes, que ele claramente podia ver os coros dos santos e tudo que lá dentro se fazia... E, logo que entrou,

sentiu tanta doçura, que esqueceu todos os sofrimentos por que havia passado, como se jamais os tivesse sofrido”.

Eis o caminho da sutilização espiritual, eis o gabinete de experimentação em que se prepararam os estados de ânimo para a recepção das mais elevadas correntes nouíricas. Atrás da narrativa cheia de imagens, sente-se o esforço, a luta, o caso vivido, a percepção direta das forças espirituais da vida, ouve-se o eco das assustadoras provas da iniciação egípcia, realizadas nos grandes templos de Tebas ou de Mênfis pelos sacerdotes de Osíris; há nela um senso difuso da ciência do bem e do mal, que a alma dolorosamente aprende, como já narravam os mistérios de Elêusis na queda da virgem Perséfone, por obra de Eros, no tenebroso reino de Plutão. E, verdadeiramente, a divina Perséfone, caída no sofrimento do inferno, era o símbolo da alma humana, que expia na vida e na luta pela sua redenção, que cai e se purifica das baixas paixões e reencontra a visão da verdade. Como já disse e repito, o fenômeno nouírico que estamos estudando não é senão o fenômeno da evolução, o fenômeno da ascensão da alma humana. Que a ciência não o isole, mas compreenda que é fenômeno de imensa vastidão, em que se precipita o equilíbrio biológico de todo um passado, estabilizando-se num mais elevado equilíbrio de forças espirituais; compreenda que a alma não atinge a percepção inspirativa senão através da dolorosa elaboração dos milênios. Esse lampejo de intuição, que lhe permite sentar-se no Alto, diante do trono de Deus, finalmente digna de conhecer a verdade, está no ápice da escala da evolução humana. Concluo com as “Florinhas” de São Francisco:

“A águia voa muito alto, mas, se ela tivesse ligado algum peso às suas asas, não poderia voar muito alto”.

A apoteose de Francisco é no Verna. A corrente divina desce na nova forma de amor, desejada por Cristo, e a alma de Francisco não a alcança completa senão na plenitude de sua maturidade, no fim de seu caminho terrestre:

*“Na dura pedra,
Entre o Tibre e o Arno,
Recebeu de Cristo o último sinal,
Que seus membros por dois anos levaram.”* ²¹

Eis, brevemente, a viva narrativa das “Fioretti”:

“... e São Francisco, de manhã bem cedo, antes do despontar do dia, põe-se a orar diante da porta de sua cela, volvendo o rosto para o nascente... E, estando assim, inflamando-se nessa contemplação, nessa mesma manhã, viu vir do céu um Serafim com seis asas resplandecentes e flamejantes; e o Serafim, num voo veloz, aproximou-se de São Francisco, tanto que este o pôde discernir, percebendo claramente que tinha diante de si a imagem de um homem crucificado... E, estando assim admirado, foi-lhe revelado por aquele que lhe aparecia que, pela divina providência, aquela visão lhe surgia de tal forma a fim de que ele compreendesse que, não por martírio corporal, mas por incêndio mental, teria ele de ser completamente transformado na positiva semelhança de Cristo crucificado.

“Nessa aparição admirável, todo o monte do Verna parecia arder em brilhantíssimas chamas, que iluminavam todos os montes e vales em derredor, como se o Sol houvesse descido à Terra; e os pastores, que velavam nessas redondezas, vendo o monte incendiado e muita luz em torno dele, tiveram grande medo, conforme depois contaram aos frades, afirmando que aquelas chamas duraram sobre o monte do Verna por espaço de mais de uma hora. Igualmente, ao esplendor dessa luz, que atravessava as janelas das hospedarias da região, alguns tropeiros que iam para Romagna se levantaram, crendo que já fosse dia, e carregaram seus animais, e, após iniciarem a viagem, no caminho, viram cessar aquela luz e levantar-se o Sol.

... “Nessa aparição seráfica, Cristo, que se tornou visível, falou a São Francisco certas coisas elevadas e secretas, que jamais em vida o santo quis revelar a ninguém... Desaparecendo a admirável visão, após falar durante muito tempo e em segredo, deixou no coração de São Francisco um ilimitado ardor de amor divino e, na sua carne, deixou um maravilhoso sinal e imagem de paixão de Cristo...”

O fenômeno foi tão forte, que assumiu forma visual e auditiva, atingindo efeitos físicos permanentes. O espírito do cristianismo alcançou no Verna um dos mais elevados vértices de sua realização.

Chegando ao seu ápice espiritual, a vida de Francisco não mais tinha motivo de continuar sobre a Terra e cede ao cansaço do corpo, esgotado pelo grande incêndio, extinguindo-se no cantar das harmonias da criação.

No “Cântico das Criaturas”, a unificação é atingida, a alma se harmonizou com a sinfonia do universo, tudo revive no espírito, e à grande corrente espiritual do amor de Cristo que desce ao coração humano responde, em sintonia, o cântico de toda a criação:

“... Louvado sejas meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão Sol que nos dá o dia e nos ilumina...

Louvado sejas meu Senhor, pela irmã Lua e pelas estrelas, que no céu formaste claras, preciosas e belas.

Louvado sejas meu Senhor, pelo irmão Vento e pelo ar, nublado ou sereno, e por todo tempo, pelo qual a todas as criaturas sustentas.

Louvado sejas meu Senhor, pelo irmão Fogo, com que iluminas a noite. E ele é belo, alegre, robusto e forte.

Louvado sejas meu Senhor, por nossa irmã e mãe Terra...

Louvado sejas meu Senhor, por nossa irmã, a Morte corporal, da qual nenhum homem pode escapar...”

Os laudes do Senhor por suas criaturas são o último canto do grande inspirado, com que a voz interior se cala. A emanção radiante do divino centro do universo, as vibrações espirituais cheias de reflexos do princípio animador de todas as criaturas e de todas as coisas se fundiram numa harmonia única, no espírito daquele que foi, a um só tempo, grande sensitivo, artista, poeta e santo. E o encanto dessa harmonia, na qual toda a criação canta em Deus, terá tido seu paraíso no Céu como o fora na Terra.

Falei sobre Francisco com a alma trêmula de veneração e amor, como quem olha um gigante que se encontra na vanguarda do caminho da vida, que se move nos cimos vertiginosos da perfeição que desejaríamos atingir, mas em face dos quais as pobres forças humanas caem prostradas.



Falar sobre todos os inspirados desde a Idade Média até nossos dias seria um enorme trabalho, que não poderia caber nas breves páginas deste volume; seria um inútil alarde de erudição, fácil de adquirir, de resto, nas páginas de uma enciclopédia, além do que, seria ainda um tratado demasiadamente denso para o leitor. Prefiro vaguear de braços dados às

atrações de minha simpatia, que garante, aliás, minha compreensão, permitindo-me uma visão mais cálida e mais íntima.

Apareceu, pouco depois de Francisco, em Foligno, uma mulher admirável pela sua inspiração, tanto que foi chamada “magistra theologorum”²², embora desfavorecida de estudos: a bem-aventurada Ângela de Foligno (1249-1309). Diante de certas verdades elevadíssimas, muitas vezes é melhor sonhar, porque as descobre mais facilmente o poeta que o cientista, ou então o cientista deve fazer-se poeta, para saber olhar o mundo com a ingenuidade de uma criança.

Há também na vida de Ângela um período preparatório de maturação, feito de dúvidas e contrastes, da vida mundana que, numa curva do destino, se modifica em vida de perfeição moral. E, nesse momento, também uma voz fala, produz um choque, e o ser se transforma. Existe sempre um momento crítico na evolução das almas, em que os equilíbrios precedentes se precipitam, para se restabelecerem novamente num plano mais alto. O despontar do estado inspirativo parece ser a nota fundamental do fenômeno da gênese mística; sempre o encontramos ligado à aparição de estados morais de elevada perfeição. Reaparecem aquelas relações que já, de início, observamos. Ângela ouviu a voz da inspiração na igreja de São Francisco, em Foligno, a poucos passos de distância de seu palácio, enquanto orava. Aquela voz a inflamou de divino amor e assinalou a mudança de sua existência para uma vida de pobreza e contemplação. A recordação de Francisco, falecido há pouco, era próxima; próxima estava também sua Assis. A vida mundana se transforma em vida de penitente, e, paralelamente, explode a inspiração. Diz-se que se dirigia habitualmente à famosa basílica de Frei Elias em Giotto, realizando a pé um trajeto de cerca de quinze quilômetros, sempre absorta em meditação. Retornando certa vez a Assis, pouco além de Spello, onde a estrada começa a subir, ouve o espírito dizer-lhe: “Acompanhar-te-ei até São Francisco, falando contigo, fazendo-te provar divinas alegrias... Eu sou aquele mesmo que falava aos apóstolos... sou eu, o espírito... não temas...”. Despertando de seu êxtase ao ingressar no templo, pôs-se a clamar em presença de todos sua sobrevivida visão. Depois concluía como São Paulo, que, arrebatado ao terceiro Céu, confessava: “o olho não viu nem o ouvido jamais ouviu as misteriosas palavras...”²³; o conceito expresso na tradicional terminologia religiosa permaneceria verdadeiro, embora traduzido para a moderna nomenclatura científica, demonstrativa e exata.

Sempre mais purificada pelo sofrimento e pela renúncia, Ângela se torna mulher famosa, como Rosa de Viterbo e Catarina Benincasa, filha de Jacó, tintureiro de Fontebranda (S. Catarina de Siena). São inúmeros os casos de pessoas que, sem a mínima preparação cultural, muitas vezes analfabetas, sabem argumentar acerca de altos problemas de teologia.

Novamente penso em S. Félix de Cantalice, em S. João de Cruz; em Santa Brígida, que afirma haver recebido da voz do Cristo as regras da ordem por ela fundada em S. Agostinho, que, nas suas “Confissões”, assevera também a presença de uma voz que o guia. Penso em tantos, que é impossível enumerá-los.

Certos caminhos que se abrem aos humildes parecem estar fechados aos sábios. *“Há verdades que se recusam a quem as investiga, para se concederem a quem as sente”*, disse Carlos Delcroix. A verdade não se conquista por violência de vontade, mas por estados de sutil penetração de alma. Acrescenta Schuré, em sua obra *“Grands Initiés”*, em uma nota à pág. 649:

“Les annales mystiques de tous les temps démontrent que des vérités morales ou spirituelles d'un ordre supérieur ont été perçues par certaines âmes d'élite, sans raisonnement, par la contemplation interne et sous forme de vision. Phénomène psychique encore mal connu de la science moderne, mais fait incontestable. Catherine de Sienne, fille d'un pauvre teinturier, eut, dès l'âge de quatre ans, des visions extrêmement remarquables”²⁴.

Esses seres excepcionais se elevam na graça divina, absorvem-lhe a essência e, depois, descem até junto dos homens, para dar-lhes a sabedoria e a felicidade de que se inundou seu ser. Tudo isso foi chamado histerismo. Sabe, porém, a ciência o que é histerismo? Se o soubesse, curá-lo-ia. Isso chamo de simplismo. Se desse suposto mal patológico provêm produtos tão elevados, que se impõem à atenção e veneração do mundo, ofuscando a sabedoria humana, e se tudo isso é desequilíbrio, então bendita seja essa doença e bendito seja esse desequilíbrio, pois são os caminhos daquela luz que não é atingida pelos sentidos dos sãos e dos normais. Pelo contrário, veem-se aqui os sinais de verdadeira maturidade de espírito, que significa a conquista realizada dos mais elevados valores morais, individuais e sociais, aqueles por cuja conquista a humanidade, ainda involuída, vive sofre e trabalha; tudo isso significa a evolução realizada nos mais altos níveis biológicos, que são os do espírito, de que o homem comum, ainda muitíssimo próximo da animalidade, está imensamente distanciado.

A alma de Ângela maturou-se não no estudo, mas na dor. Analfabeta, talvez, não deixou ela diretamente nenhum escrito. O evangelista do verbo de sua alta intelectualidade foi o irmão Arnaldo, franciscano de Foligno. Em estado de êxtase, ela lhe falava das coisas elevadas que ouvia e que a palavra não lhe era suficiente para traduzir. Arnaldo escrevia, buscando atingir-lhe o pensamento sem consegui-lo e, quando apresentava a Ângela o escrito, esta se surpreendia, quase não o reconhecendo, e dizia: “Disse eu isso? Não te disse isso. Não reconheço haver pensado como está escrito”. Frequentemente, ficava absorta durante dias em suas visões. Também neste caso, Cristo é o centro de irradiação; Cristo, que, no profetismo hebraico, foi precedido por uma corrente na qual Ele era esperado, agora, no Cristianismo, é seguido por uma corrente que o recorda e na qual Ele revive. Assim, essa insigne mulher da Itália alcançou, por elevação de conceito, os mais árduos campos especulativos; raciocinava, com engenho sutil e com tranquila sublimidade, sobre a essência da Divindade e sobre Seus mistérios; alcançava no campo teológico uma orientação que os sábios não possuíam; navegava, segura, num mar de abstrações conceptuais que estavam absolutamente acima de seus normais poderes psíquicos. Voava, assim, por intuição, constituindo-se modelo vivo, ela que era mulher inculta, de teologia mística, de coisas transcendentais do espírito, tanto que foi chamada “*magistra theologorum*”, sendo considerada como grande exemplo de sabedoria mística. Em vida, muitos vinham de longe para conferenciar com ela a respeito de difíceis problemas do espírito e da fé, e, depois de sua morte, recebeu a homenagem da ciência e das letras da Itália e da Europa.

Outra grande mulher apareceu logo após, no cenário da vida, para influir e impor-se à atenção do mundo: Catarina de Siena (1347-1380). Muitíssimo conhecida, não havendo necessidade de se repetir sua história, faz pensar na coroa de delicadas flores que a Idade Média soube produzir. Ávida de solidão desde criança, nela se refugiava para deliciar-se em suas visões. “*O beata solitudo! O sola beatitudo!*”, dela também se poderia dizer. Mas esse isolamento não é vazio, é apenas a busca de um ambiente apropriado à percepção interior. Aos 16 anos, tomava ela o hábito de São Domingos; iniciada uma vida de sacrifício, a potência visual se apura, intensificando-se as místicas visões. Alimentada por estas, desce depois ao mundo para fazer o bem. Sua personalidade começou então a ser compreendida, formando-se em torno dela uma coroa de compreensão e de admiração. Ela se dá

totalmente à obra de conforto material e espiritual; ensina, defende, encoraja. Dilata-se assim sua vida pública, nascendo daí um vasto epistolário, endereçado a papas, cardeais, reis, príncipes, capitães mercenários, homens de estado, nobres, homens do povo, grandes damas e humildes religiosas. Não escreve, embora o houvesse aprendido miraculosamente, mas dita, como era uso em seu tempo. Nasce, desse modo, uma volumosa correspondência, que, juntamente com o “Diálogo”, todo escrito em êxtase, forma um monumento, admirável pela pureza de linguagem, beleza de imaginação, profundidade de conceito e nível de perfeição moral. Propaga em torno de si o incêndio de sua elevada paixão e, finalmente, induz o pontífice, exilado na França, a retornar para Roma, realizando assim uma missão política semelhante à de Joana D’Arc, que a biosofia venera como sua patrona.

Catarina pronuncia mais tarde um discurso no Consistório, em presença do colégio dos cardeais, para salvar a Igreja do cisma. Viveu uma vida de lutas e esforços imensos, em que era sustentada pelos seus íntimos contatos com o Alto. Cristo é sempre, como para Francisco, o grande animador dessas vidas que se movimentam como uma emanção de sua força e de seu pensamento. Dessa vez, a corrente de pensamento e de paixão desce para salvar a Igreja em perigo. O fenômeno obedece sempre a uma lei lógica de finalidade, à qual se proporciona. Como se pensar, então, em histerismos, se estes casos tiveram uma missão social, inspiraram a arte, forneceram uma produção literária, interessaram o mundo e são venerados pelas multidões nos altares entre as coisas santas?

Há um fato que ressalta evidente em todos estes casos, mas especialmente neste: as correntes nouíricas não se manifestam jamais através daqueles que, por serem poderosos e sábios, parecem os mais preparados, mas preferem os simples e os humildes, escolhendo para instrumento aqueles considerados os últimos dos mortais. Trata-se de uma característica do fenômeno, que tem seu significado, porque a cultura é um preconceito e o poder é uma vontade rebelde, que obstam ao livre fluir das correntes e sua aceitação.

Há uma necessidade de solidão para a busca da sintonização receptiva; há necessidade de silêncios do mundo, para que neles se possa ouvir a voz da alma; é a solidão dos anacoretas no deserto, dos eremitas nos montes, dos monges nos claustros. Vêm depois a dor e a renúncia, que distanciam o espírito da Terra, seguidas geralmente por uma progressão de potência

receptiva e de clareza perceptiva, proporcionais à purificação atingida através da dor e da renúncia. Existe na alma um senso de missão que justifica a dor, o esforço, a vida; que anima e sustém o árduo trabalho do apostolado; que tudo guia ao plano da ação.

Aparece, então, frequente e evidentemente, o momento crítico da crise espiritual, no qual a voz se faz ouvir distinta, inflamando a vida e jamais se calando. Verifica-se simultaneamente uma ascensão moral contínua, e, no fundo de tudo, a grande força animadora que fala, vibra e inflama é Cristo. De Moisés aos nossos dias, temos visto sempre idêntica essa potência de divino pensamento descendo e governando o mundo. É uma realidade histórica que não se pode destruir. Há frequentemente, em face dessa grande força, uma imolação de todo o ser, um martírio breve ou demorado, de uma vida inteira. Sempre a mesma dor e a mesma consciência de vencê-la num mundo mais elevado, que a mediania não vê. Somente isso parece dar o direito e a coragem suprema de falar em nome de Deus. Saberá, então, a evolução, sozinha, resolver o grande problema e obter a vitória sobre a eterna inimiga do homem: a dor?

É grande o número dos místicos, e, quando dizemos místicos, dizemos inspirados; de Santa Clara a Santa Gertrudes, a Santa Teresa (a carmelita de Ávila, reformadora de ordens, célebre por suas visões místicas: 1515-1582), à extática de Paray-le-Monial, comparada ao extático de Patmos, o apóstolo da doçura, João, que havia repousado ao peito do Cristo; à mística esposa Margarida Maria Alacoque (1647-1690). Nesta, o colóquio com Cristo é contínuo, intenso, dorido e inefável de alegrias espirituais. Tal como os profetas e apóstolos, Margarida Maria fala com Deus e recebe uma revelação, que ela transmite à humanidade; mas tudo isso faz humildemente, silenciosamente, em afetuoso tom menor. Sua ascensão se gradua por colóquios sucessivos, nos quais se revela o plano de sua missão. Por inspiração, recebe mensagens e as transmite, entre as quais uma para o Rei Sol, Luís XIV, que não a escuta. É uma característica desses séculos, especialmente na terra latina, essa florescência de mulheres *místicas*, às quais parece confiada a divulgação do novo sentido de amor trazido por Cristo. Então a mulher, que não havia aparecido no seio do severo e tempestuoso profetismo pré-cristão, pode agora fazer brotar sua flor de delicadíssima fragrância. O poema gentil de Francisco continua, estendendo-se através dos séculos, com uma sinfonia de almas harmonizadas em torno de um pensamento único e de uma missão

constante: fazer reviver o Cristo na Terra e mantê-lo presente, a fim de que sua palavra se realize: “Eu não vos deixarei órfãos; voltarei a vós” (João, XIV, 18). É o novo cântico que continua o profetismo hebreu, o cântico da realização, na Terra, do Reino dos Céus.

Assim, chegamos aos tempos modernos, quando o fenômeno assume novos aspectos. Poderia referir-me a muitos outros, como Catarina Emmerick, a grande vidente alemã do século XIX. E que dizer da famosa vidente bávara de Konnersreuth, Teresa Neumann, a estigmatizada, que, nas suas visões, segue a paixão de Cristo e revive-a no seu corpo, ouvindo e repetindo palavras em grego, hebraico e aramaico, línguas que ela não conhece? Também neste caso, há paixão, amor e dor, sublimação no espírito, o elemento moral elevado a primeiro plano, a virtude heroica do sacrifício para o bem dos outros. O contato espiritual com Cristo é tão profundo, que constitui para Teresa sua principal nutrição, substituindo o alimento de que, por lei orgânica, todos têm absoluta necessidade de ingerir para viver.

O fato, que é tendência geral dos místicos, de descuidar-se do alimento material, preferindo o espiritual, faz pensar que, nos mais elevados graus de evolução, o ser possa conseguir seu reabastecimento dinâmico diretamente de fontes imateriais, sem ter de percorrer o longo caminho dos órgãos digestivos. O estudo, porém, destes problemas colaterais nos levaria a grande distância.

Omiti, para sobre ela falar agora, particularmente, pois que se eleva como cimo solitário entre a multidão dos inspirados, quer pela potência da percepção, quer pela vastidão da missão e tragédia do martírio, a grande inspirada, heroína da França, Joana D’Arc (1412-1431). Seu caso, que é inspirativo por excelência, distingue-se sobre o mesmo fundo místico pelo caráter heroico que lhe confere a particular missão imposta pelos tempos. Essa distinção nos é necessária para traçar, com exemplos, as notas fundamentais do fenômeno, as mesmas que nos darão a expressão de sua lei.

Observemos como, neste caso, as forças superiores organizaram a missão e dispuseram os elementos decisivos na estratégia do destino de Joana. São estes, queiramos ou não, os elementos que individualizam o fenômeno e lhe acompanham o desenvolvimento. Somente a uma consciência das causas, constituídas por essas correntes que iluminam, guiam e querem, pode-se atribuir a lógica e inegável concatenação dos

efeitos. Essa história interior que eu vejo, esse drama que se agita nas profundezas da trama histórica externa, conhecida por todos, é o fator ao qual dou a maior importância. Lendo novamente a vida de Joana, desse modo, nos planos mais elevados do espírito, podemos compreendê-la. Para entender esses fenômenos, é necessário haver penetrado a personalidade e toda a vida espiritual do sujeito; é preciso, quando se afrontam essas vidas de missão e de martírio, possuir uma alma sensível a esse mundo de sutis vibrações. De outro modo, seremos incompetentes como um matemático que quisesse resolver problemas sem possuir o senso da matemática. Em tal engano enquadrou-se Anatole France na sua “*Vie de Jeanne D’Arc*”. Nesses casos, o pensamento permanece negativo e não atinge senão a destruição. Reservamo-nos, porém, para o trabalho mais difícil, que está em afirmar e criar.

Encontramos novamente aqui, como já vimos em muitos outros casos, os elementos do fenômeno inspirativo, que o preparam e o acompanham. Para compreendê-lo, eu o reduzo à sua estrutura essencial, que é um cálculo de forças imponderáveis e reais, provenientes de centros superiores de emanção nouírica, os quais descem para unir-se e combinar-se com as correntes espirituais da história e do destino individual.

A elevada origem dessas forças, sua proveniência dos mais altos planos espirituais, não padece dúvida no caso de Joana D’Arc. Ela havia feito pintarem em sua bandeira, de um lado, as palavras: “De la part de Dieu”, e do outro o moto “Jhesus-Maria”²⁵. Este moto ela escrevia em suas cartas, como fazia Santa Catarina de Siena. Isso demonstra que, também aqui, o pensamento de Cristo era dominante no espírito de Joana. Ela amava imensamente sua bandeira e a quis a seu lado na catedral de Reims, na plenitude do cumprimento de sua missão política e guerreira, quando da coroação de Carlos VII. Do seu estandarte dizia: “Il avait été à la peine, c’était bien raison qu’il fut à l’honneur”²⁶ (Proc. 1, 187). A última palavra que Joana pronunciou na fogueira, em face da morte, quando já não se pode mentir, foi: Jesus. Além disso, aquele “Venho da parte de Deus” é a invocação suprema que traz Deus como testemunha, é o juramento que empenha toda uma vida até ao martírio. Um instintivo terror impede de mentir, de falar em nome de Deus, quando disso não se é digno. Joana, que era uma inspirada e deu sua vida para testemunhar a verdade de suas vozes, não poderia deixar de sentir quão tremenda é esta expressão: “Falo em nome de Deus”.

A Igreja, que jamais, nem sequer no momento de maior cegueira, quando Joana foi condenada à fogueira (grande responsabilidade moral para a Universidade de Paris), cogitou de qualquer mutilação das capacidades intelectivas humanas, recorrendo à tese de sugestão, histerismo ou neurose na interpretação do fenómeno de Joana, teve apenas uma preocupação, que se resumia em saber se as correntes provinham do Alto ou do baixo, de Deus ou de Satanás, se eram, portanto, da verdade e do bem ou do erro e do mal. Essa é a questão fundamental. Se, num primeiro momento, durante o processo de condenação de 1431, o sereno julgamento é ofuscado por ódios de facção, por interesses, por invejas, por erros do clero local, que se impõe, enquanto o papado (Eugénio IV) está longe e não informado, já em seguida, talvez na própria impossibilidade de salvar Joana, a Igreja se dispôs à mais completa e explícita reparação no processo de reabilitação, empreendido quase imediatamente, em 1456. Esse processo de revisão, iniciado quatro anos antes por vontade do Pontífice Calixto III, do Rei Carlos VII e da mãe de Joana, é encerrado com uma sentença de reabilitação, na qual a inspirada já aparece em sua linha de santidade, que a coloca nos elevados níveis da inspiração cristã. Finalmente, a própria Igreja, após a beatificação (1909), proclamou a canonização em 1920, e Pio XI, em 1922, a declarou santa.

No fenómeno inspirativo de Joana D'Arc refulge logo, e sempre mais intensa, esta característica, que considere fundamental para a pureza da revelação: a elevação espiritual da fonte. Não nos admiremos da diferente compreensão daquele tempo. Uma ideia não poderá ser compreendida no seu século, se este é surdo às ressonâncias que ela excita. Quando as almas são surdas a esse género de vibrações, então a maioria nega, enquanto o fenómeno se refreia numa aparência de falsidade, desaparecendo no silêncio, para levantar de novo sua voz mais tarde, quando as almas souberem responder. Nem todos os tempos são capazes de compreender. Assim, Joana dormiu quatrocentos anos e depois despertou; foi esquecida pela frivolidade do Século XVIII, negada pelo materialismo, mas despertou na religião e desperta na ciência, que já não pode negar. Quando os tempos são surdos à compreensão, o fenómeno sabe esperar a época de sua ressonância, quando, finalmente, a vagarosa alma coletiva haja sabido atingir o correspondente nível, condição necessária para o contato da compreensão.

Esse lado moral, de que a ciência prescinde, é para mim fundamental nesses fenómenos, porquanto é ele que define o timbre das vozes e

estabelece o seu valor. A elevação moral da fonte encontra-se espelhada toda no sujeito, no gênero de vida que lhe é imposto pela inspiração; projeta-se, desse modo, também em nosso mundo, em atos que são garantia de pureza nouírica, dando-nos a certeza de estarmos longe daquelas horríveis comunicações barônticas, das quais tenho horror como de um incubo. E a grandeza moral de Joana é triunfante em todos os momentos. Sozinha contra todos, ela impõe à França sua salvação. É humilde e obediente às suas vozes. Jamais solicita coisa alguma para si, mas dá-se em abnegação completa à sua missão e, para não renegar sua verdade, afronta o martírio. As próprias forças do Alto a mantêm nesse caminho de pureza, mas, tão logo é realizado o esforço da vitória e dominada a ameaça de um repouso entre glórias humanas, elas se ausentam de Joana, fazendo-a cair numa prisão. A ascensão moral lampeja mais intensamente na última fase da missão de Joana, que, logo após a apoteose do triunfo heroico na Terra, é subitamente lançada à conquista da vitória espiritual no Céu. É lei das elevadas correntes dar sempre ao espírito, negando tudo ao corpo. No nível humano, Joana, combatendo os ingleses, que eram a injustiça e a opressão, combatia pela legalidade, pois esta era, então, a base do poder e a forma que naquele tempo assumia a justiça, razão pela qual faz consagrar Carlos VII em Reims. Só um rei assim coroado poderia, conforme o conceito da época, governar legitimamente diante de Deus e dos homens. Joana usa e suporta a guerra como um recurso indispensável e um mal inevitável em face da justiça de seus objetivos. Guerra pela salvação da pátria, pela glória de Cristo, pelo triunfo de um princípio de bem coletivo. Joana não é partidária da guerra até ao extermínio; embora sendo hábil estrategista, ágil inovadora e inteligente comandante, não amava a guerra, mas sim a paz. Guerra justa e oferecimentos de paz – é o seu sistema. Em suma, embora no inferno guerreiro a que teve de descer para o bem de sua pátria, sua posição moral encerra sempre o máximo de altitude que as condições do trabalho imposto permitiam. Elevação que foi de todos os instantes, jamais desmentida, coerente e imutável, elevação que avança até à paixão e ao martírio. Há também uma progressão ascensional no caminho espiritual de Joana, assinalada pela intensificação de sua dor. Sofrimento e desapego, também neste caso, paralelizam com o avanço da perfeição espiritual. Sempre o mesmo processo de purificação, que é sublimação de espírito. É sempre a dor que põe em relevo a intervenção do Alto, proporcionada, em sua intensidade, à altitude da fonte. Superando as quedas da fragilidade

humana, a dor é a garantia indiscutível do valor da inspiração, pois o espírito só se aformoseia quando é flagelado. A ascensão é o esforço de sua reação, a dor é a força que o desnuda e o purifica, dando-lhe brilho como a um diamante.

Uma vez demonstrado este ponto da elevação inspirativa de Joana D'Arc, da progressão de sua ascensão moral, fenômeno paralelo a uma intensificação de sua dor, e depois de haver recordado, também no presente caso, a relação já descrita anteriormente entre sofrimento e progresso espiritual, observemos agora como se comportam as suas vozes e como estas agem quais forças conscientes. A técnica científica da descida delas constitui outro problema, do qual cuidaremos posteriormente.

No caso que estamos examinando, as correntes nouíricas revelam uma consciência do momento histórico; sua intervenção supranormal é justificada por uma necessidade excepcional e impelente; sua ação direta, que guia uma camponesinha, uma criança quase analfabeta, é proporcionada aos eventos, oportuna e vitoriosa. A causa, portanto, é extremamente inteligente, possuindo uma potência volitiva e compreensiva superior aos homens, inclusive o escol da época, que formam o fundo cinzento e baixo de vileza sobre o qual se move o destino radioso de Joana.

O momento histórico não poderia ser mais trágico para a França. Existem uma proporção e uma tempestividade entre ele e a obra de Joana, embora o quadro histórico completo de seu tempo ela não o pudesse ver, não só porque ignorante, mas também porque nele estavam contidos germens de longínquos desenvolvimentos, para cuja compreensão seria necessário distanciar-se do momento contemporâneo e obter aquela visão de conjunto que somente à distância de séculos se pode possuir. De fato, a missão histórica de Joana não foi compreendida senão muito mais tarde. Os contemporâneos, atentos às coisas próximas, em geral veem pouco ou nada desses destinos de vanguarda.

Naquela época, a civilização europeia, que é civilização cristã, ameaçava ruína. Da Itália, da Alemanha e da Espanha nada se podia esperar. A Europa estava desorganizada pelo cisma e por contínuas guerras, enquanto os infiéis ameaçavam do Oriente. A França, esgotada pela Guerra dos Cem Anos, entre heresias e pilhagens, estava material e espiritualmente prostrada. Importava restituir a paz à Europa, fazendo cessar a invasão inglesa, que, submergindo a França, ameaçava seu destino e sua missão de desenvolvimento da civilização europeia. Essas coisas os contemporâneos

não poderiam enxergar. As almas, prostradas por longuíssimas e extenuantes lutas, encontravam-se abatidas, e a anarquia triunfava. Faltava a centelha que reacendesse a esperança e a coragem. Joana responde à necessidade premente de arrastar para o Alto a alma coletiva. A história não é feita pelo homem, mas sim pelas forças imponderáveis que a guiam. Elas intervêm de maneira evidente, quando existe um grande motivo. E, no caso aqui examinado, urgia salvar uma civilização que, tendo sido criada pelo Alto, foi sempre pelo Alto guiada e protegida.

Olhemos mais de perto o momento histórico.

Desposada com Carlos VI, Isabel de Baviera, ávida, viciosa e traidora, tanto quanto louco era o rei, impõe a este o tratado de Troyes, que, em 1420, abre as portas da França aos ingleses. O rei é abandonado, e Carlos VII, seu filho, vem a ser o Delfim da França em 1416. Basta olhar-lhe o retrato. Por amor à vida tranquila, faz-se rebocar, como um peso morto, pesadamente por Joana, pondo a perder o fruto das conquistas da heroína.

Em 1415, Henrique V da Inglaterra pretende o trono da França e se prepara para conquistá-lo, a fim de fazer dele um só reino com a Inglaterra. A alma da França está dividida por rivalidades e discórdias de partidos. Os ingleses avançam. Em 1420, Carlos VI firma o tratado de Troyes, pelo qual a coroa da França passa ao Rei da Inglaterra. Em 1422 Carlos VI morre e Carlos VII torna-se rei, mas não ainda legitimado pela coroação de Reims, que será obra de Joana. Os pequenos senhores estão divididos, inconscientes do momento, ambiciosos, passivos diante do perigo. Quem salvará a França, governada por um rei irresoluto, empobrecido, abandonado? Urgia uma ação guerreira e política, um impulso que mudasse o curso da história. Esse impulso não poderia provir de nenhum recanto da Terra.

Joana nascera em 1412. Aos 13 anos, em 1425, ouve as primeiras vozes. Por quase quatro anos, de 1425 a 1429, escuta-as, amadurecendo a própria preparação espiritual. E, ao despontar de 1429, a heroína de dezessete anos entra em ação. São quatro rápidas e progressivas etapas: encontro em Vaucouleurs com o capitão Roberto de Baudricourt, encontro em Chinon com o Delfim, libertação da cidade de Orléans dos ingleses, coroação de Carlos VII em Reims. Foi em julho que se deu essa consagração. Três anos e meio de incubação do fenômeno, cinco meses e meio para traduzir o pensamento em realidade. O impulso, que não poderia originar-se da Terra, desce do Céu. A centelha que faltava à consciência nacional Joana a

encontra no espírito, cuja força é grande também nos eventos políticos. Políticas e guerreiras eram as necessidades do momento, e essa é a forma que assume a inspiração. A fonte das correntes inspirativas não é apenas moralmente elevada, mas também supremamente inteligente.

A obra de Joana, assim, é aqui sentida como uma força ativa que intervém e atua na história. As noúres, que eram bondade e justiça, pensamento e consciência, eram também vontade e energia de ação. E o caso de Joana não é único. A história, como todos os fenômenos, tem sua meta e se desenrola segundo um princípio lógico de desenvolvimento. Vejo nesse desenvolver-se de todos os fenômenos, inclusive no histórico, um último termo substancial, que é a força pela qual eles são movimentados. Existe uma lei de equilíbrio entre os impulsos de todos os fenômenos, e todos estes impulsos são imateriais, conexos e obedientes a uma única lei central, que é Deus. Nos momentos de depressão nas forças diretivas dos acontecimentos humanos, o vazio do inferior na Terra atrai por equilíbrio uma corrente espiritual do Céu, e esta desce por vias inspirativas. Os impulsos do mal têm de ser equilibrados com os do bem. Esta é a lei que faz nascerem os heróis, os gênios, os santos, quando urge uma missão redentora. No momento decisivo de uma crise na qual estão ameaçados os sagrados valores do espírito, que sintetizam uma civilização, alguma coisa “tem” de nascer. Por isso nasceu Joana.

Cristo, a grande força que havia fundado a civilização cristã, velava sempre presente pela sua conservação. Desperta, então, o destino e sacode as almas adormecidas. Carlos VII, embora rei, era substancialmente um nada; Joana, não obstante ser uma pastorinha, era substancialmente a força que explodia a seu lado.

Na história entra em ação, nos momentos decisivos, a realidade do valor, e não a aparência da posição social. E que diferença de armas e de métodos! Joana caminha rápida, reta e seguramente, porque maneja as forças do bem, da justiça e da verdade; o rei e seus cortesãos vão pelas estradas tortuosas da dúvida e da traição, incertos, vazios, desunidos. O espírito e o bem governam tudo, e Joana os possuía ambos. Ela era uma chama viva; os outros, um archote apagado. Eis o segredo de seu triunfo.

A inteligência do centro inspirativo, neste caso de Joana, é provada não somente pela tempestividade da intervenção e pela ação proporcional aos acontecimentos da época, mas também pelo desenvolvimento lógico inegável que aquele centro imprime ao destino de Joana. A inspiração tinha

uma finalidade exata e constante, um plano de ação complexo, que muda de natureza ao longo de seu desenvolvimento, estabelecendo um período de preparação para a formação gradual do instrumento.

Observemos de perto como nasce e se desenvolve a inspiração de Joana, a fim de determinar o motor espiritual de toda a sua missão ativa. Reencontraremos aí muitos dos conceitos já observados. A forma imposta pelas circunstâncias ao desenvolvimento dessa missão, que é confiada a uma adolescente, não poderia permitir os longos períodos de maturação através da dor, que achamos em outros casos. A distribuição das fases é invertida, e o fator dor é todo condensado no final. Isso acontece porque o primeiro escopo, em ordem de tempo, é a salvação da França, sendo o segundo a purificação espiritual da heroína. A dor atinge, pois, somente a segunda fase do desenvolvimento individual da missão, quando o remate da obra política já ocorreu.

Aos treze anos, no verão de 1425, Joana ouve as vozes no jardim da casa de seu pai. Essas vozes são o “leitmotiv” da vida de Joana, estando sempre presentes, sobretudo nos momentos mais decisivos. Elas se encontram à retaguarda dos fatos, constituindo o centro motor de toda a sua missão. O período de preparação do instrumento dura três anos e meio, dos treze aos dezessete anos, do verão de 1425 ao fim de 1428. Foram três anos e meio de elaboração, para que a inspiração se apoderasse inteiramente daquela alma. O fenômeno é progressivo. Antes que a luta se exteriorize na Terra, através de fatos concretos, ela deve completar-se no espírito. É necessário que, primeiro, esteja solidamente estabilizado o equilíbrio interior das forças motrizes do fenômeno. Eis como Joana descreve sua primeira percepção das vozes:

*“Losque j’avais 13 ans, j’ai eu une Voix de Dieu pour m’aider à me gouverner; et la première fois, j’eus grand peur. Cette Voix, vint vers midi, en été, dans le jardin de mon père; je n’avais pas jeuné la veille. J’ai entendu cette Voix sur la droite, du côté de l’église, et je l’entends rarement sans voir une clarté. Cette clarté est du côté où la Voix se fait entendre et elle est habituellement très vive”*²⁷ (Proc. 1,52).

O primeiro sentimento é de medo, ocorrendo, também aqui, a primeira advertência da voz, que diz: “*não temas*” (“ne crains rien”). Mais tarde, quando o costume já houver tranquilizado Joana, a voz se fará mais forte e segura, iniciando seus apelos de comando: “*Va, va, fille de Dieu, va...*”²⁸ e acrescenta: “a missão vem de Deus” (“de la part de Dieu”) ²⁹.

As vozes são diversas. A primeira é de São Miguel, o anjo guerreiro, o santo das batalhas, que guia os exércitos. Chegam-lhe depois, em auxílio, como que para proporcionar-se melhor, ameigando-se à feminilidade de Joana, outras duas vozes: Santa Catarina e Santa Margarida. Existem também aí razões de simpatia, de atração e de afinidade de missão.

Esta última santa era representada na capela de Domremy, terra natal de Joana, por uma estátua que ela venerava. A voz guerreira de São Miguel desaparece depois, nos fossos de Melun, ao término da missão guerreira da heroína, cujo destino, então, eleva-se pelas vias místicas do martírio. Daí em diante, somente falam as duas santas do sacrifício e da virgindade.

Joana vê também um resplendor na direção da voz. Ouve, vê, tem até sensações táteis e olfativas; as correntes assumem as mais diversificadas formas de vibrações sensórias, mas, acima de tudo, ela ouve. O ambiente de sintonização está inundado de uma paz idílica, de singela musicalidade campestre, cheia de poesia. Nesse ambiente, as correntes espirituais saturam com suas energias a alma de Joana, o veículo que devia, depois, comunicar a transfusão espiritual à alma da França.

Os bosques deviam ser seu ambiente de sintonização preferido, porquanto, durante o processo de seu julgamento, imersa em vibrações mais baixas e opacas, Joana despendeu maior esforço para ouvir, chegando mesmo a dizer numa sessão: “Se fosse num bosque, ouviria minhas vozes”. Joana, naqueles três anos e meio de sua preparação espiritual, como camponesa que era, vivera no ambiente rural, entre bosques e igrejinhas de aldeias tranquilas, na mais harmoniosa atmosfera vibratória. Nesse ambiente, ela assimilava as correntes, aperfeiçoando sua afinidade com as mesmas, através da intensificação em si das qualidades de ressonância, até fundir-se e tornar-se, ela mesma, o impulso que lhe foi transmitido.

A primeira voz se manifesta no jardim da casa paterna. Mas o contato continua, dando prosseguimento à iniciação, não mais com interrupções, e sim constantemente, várias vezes por semana, um pouco em toda parte: pelas colinas do Mosa, aonde Joana conduzia seu rebanho para pastar; sob a árvore chamada “das fadas”; pelos bosques que cobriam a região; junto das fontes, entre o canto dos pássaros e o perfume das flores, ao som dos sinos, que Joana muito amava e que verdadeiramente, especialmente se grandes, são dotados de uma extraordinária potência de harmonização vibratória. Eram estas as doces vibrações que as correntes espirituais seguiam como vias de descida, como fundo de ressonância, constituindo o harmonioso

motivo de matéria sobre o qual se apoiava a sinfonia divina. O concerto devia ser perfeito, sem dissonâncias, até seus ecos longínquos no mundo físico.

Assim descia a noíre ao espírito de Joana, através da voz interior das coisas boas e doces que se lhe inclinavam em torno, em coroa, oferecendo-se como canais de sintonia. Assim se escondem na humildade as grandes coisas.

O ambiente das vozes é, portanto, quase sempre nos campos e em lugares solitários distantes, onde Joana gostava de refugiar-se. E a campina de Domremy, onde vivia Joana, é ainda hoje verdadeiramente sugestiva pela sua tranquilidade e silêncio.

As vozes, entretanto, falam também na igreja, outro ambiente místico excelente, manifestando-se na igreja de Domremy e no vizinho santuário de Nossa Senhora de Bermont. Na primeira havia a estátua de Santa Margarida, diante da qual Joana orava. O santuário de Bermont, isolado em silêncios, entre árvores, era o ambiente afastado ideal para suas inspirações. A solidão daqueles silêncios era necessária a Joana, pois lhe permitia ouvir melhor, condição que ela buscava para sua preparação. Ocupada em seu profundo trabalho interior, sua alma tinha necessidade de paz no exterior. Nesse ambiente, a camponesinha da Lorena teria feito sua promessa solene, aceitando sua missão e comprometendo-se com o Céu a segui-la até ao fim. A história não assiste a essa íntima cena, na qual a alma de Joana deve ter falado e talvez também lutado longamente com suas vozes. Certamente elas estavam presentes, assim como estiveram no Sinai, em Patmos e em São Damião. Existe na capela de Bermont um Cristo dorido e amargurado, a cujos pés a juvenzinha deve ter pronunciado o seu sim, um voto solene, que foi recolhido pelo Cristo moribundo e do qual não mais poderia afastar-se. Aquele voto era também de dor e de paixão.

A lei de Deus desce e se humilha perante o consentimento da alma, porque, respeitando a liberdade desta, respeita a si própria. Somente agora, Joana, desenvolvida antes de tudo interiormente, poderia lançar-se pelos caminhos do mundo. O doce período das efusões espirituais está terminado. Inicia-se então a grande batalha da conquista e do martírio.

Mencionei a frase: “lutando com suas vozes”, pois isto mostra que Joana não aceita passivamente, mas discute e frequentemente resiste às suas vozes. Ela lhes opõe os raciocínios do seu bom senso, que calcula não somente as dificuldades mas também as próprias forças. As vozes eram

sempre distintas do seu eu, com o qual jamais se confundem e, às vezes, até colidem. Dá-se um encontro entre sua vontade humana e a vontade superior, uma espécie de progressiva tomada desta sobre aquela, mas não existe qualquer violência que anule a vontade ou a liberdade. Se Joana obedece, é porque anteriormente discutiu, compreendeu e convenceu-se. Forma-se um pacto entre dois seres livres, conscientes e consencientes. As forças do Céu e da Terra são distintas, encontram-se e lentamente se fundem numa força única. Para isso, foi necessário um longo período de incubação, muito mais longo que o da conquista guerreira e do martírio; um período de preparação invisível, antes que o fenômeno pudesse explodir em sua maturidade; um processo de progressivo desenvolvimento, para ele atingir sua plenitude.

Se as duas vontades se põem de acordo, permanecem, todavia, distintas, como distintos são os trabalhos a realizar. A vontade mais alta e mais sábia permanece na direção e guia; a outra a segue. No caso de Joana, as vozes, embora demonstrando conhecer todo o plano completamente, não o revelam, mas apenas comunicam a ela, nos momentos oportunos, a parte dele que interessa à sua execução. O inspirado é, portanto, sempre guiado pela mão, como uma criança. A missão é revelada aos poucos, e a comunicação se limita ao mínimo necessário. Parece quase que as vozes, amorosamente, escondem no silêncio o que a alma não teria força para aceitar, guiando-a docemente, com o menor dispêndio possível de energias.

Observemos como as vozes se comportam na vida de Joana. Concluída a tarefa de preparação, Joana é lançada pelas vozes em sua missão, partindo no momento justo. Ela não sabe outra coisa senão isso: “*Va, va, filie de Dieu, va...*”. As vozes, porém, sabem e definem imediatamente quatro objetivos: Vaucouleurs, Chinon, Orléans e Reims, conexos entre si por uma proporção e lógica de desenvolvimento que ascende a uma única meta. Quando as vozes não têm de ser precisas, não o são. Há um acordo entre a sabedoria do Céu e as exigências dos acontecimentos.

Elas sabem que Orléans é a chave de toda a posição e que, se esta fosse perdida, desabaria a missão, cujo escopo é salvar a França do domínio inglês. Orléans está sitiada desde outubro de 1428. Ao iniciar-se 1429, Joana já se acha em movimento. Reims é o objetivo político que não se pode atingir senão numa segunda fase. Primeiro, a vitória que permita a legitimação; depois, a legitimação que confirme a vitória.

A marcha heroica se desenvolve com uma segurança de guia que os grandes chefes daquela época não possuíam. Tudo é predito. Joana, em

meio ao caos, segue reta como uma flecha. “*Mau grado os inimigos, o Delfim se tornará Rei, e sou eu quem o conduzirá à consagração*” (Proc. II, 450). Assim afirmou a pequena pastora. Como podia uma tão humilde criatura afirmar isso sem ser louca e como poderia, se fosse louca, ter acertado com tamanha precisão?

Em março, Joana está em Chinon e reconhece o Delfim entre a multidão dos cortesãos... “*par le conseil de ma voix, qui me le révélait*” (Proc. I, 56); “*Quand j'ai vu le Roi pour la première fois il y avait là plus de 300 chevaliers et de 50 torches sans compter la lumière celeste. E j'ai rarement des revelations sans qu'il y ait de lumière*” (Proc. 1, 75). “*Je l'entends rarement sans voir une clarté...*”³⁰, já havia dito Joana a respeito de sua primeira aparição. Ao falar com o Delfim, ela lê no íntimo de seu espírito, atingindo as secretas dúvidas que ele alimentava em relação a ser ou não filho legítimo de Carlos VI e Isabel. E Joana lhe diz que, justamente por sê-lo, ela o fará consagrar em Reims.

Outro sinal se acrescenta ainda. O miraculoso encontro da espada enterrada de S. Catarina, coisa que Joana não podia saber e que lhe foi indicada pelas vozes³¹. Em Orléans, a inspiração sustenta a estratégia e a técnica militar com uma capacidade que Joana não podia possuir e que superava a dos chefes de seu tempo. Em poucos dias, uma camponesa de 17 anos consegue o que não puderam fazer, em vários meses, os homens aguerridos da época. Orléans é libertada. As vozes tiveram uma confirmação exata. Joana, porém, sabia que era preciso realizar tudo rapidamente e tem pressa de concluir sua missão guerreira. Importava consagrar no rei a vitória conseguida, completando-a ao nível do direito. E ela avança contra Reims. Na tarde de 16 de julho, Carlos VII entra na cidade, como as vozes haviam predito. Imediatamente, no dia seguinte, um domingo, é realizada a coroação.

“*Gentil Rei*” – diz-lhe Joana – “*acaba de realizar-se a vontade de Deus, cuja vontade era que o sítio de Orléans fosse levantado e que vós fosseis conduzidos a esta sagrada cidade de Reims, para receber a Santa Consagração, mostrando, desse modo, que sois o verdadeiro rei a quem o reino da França deve pertencer*” (Proc. IV, 186).

A França estava salva. As vozes, que haviam atingido seu primeiro objetivo, já não têm, por algum tempo, a precisão e a potência de Domremy. De fato, com que proveito, se seu objetivo é outro? A pucela havia despertado a alma nacional. O desforço francês por ela preparado avançará

e libertará sua pátria. Todas as suas profecias se cumprirão. O ânimo de Carlos VII ressurgirá, e a França, quatro lustros mais tarde, será livre. Era suficiente aquela centelha. As forças haviam limitado sua intervenção ao mínimo indispensável.

Depois de Reims, é outro o objetivo das vozes, que se dirigem para essa nova meta e com ela se harmonizam. As vozes permanecem em seu método de dizer, guiar, encorajar e promover acontecimentos, parceladamente. Aí começa para Joana um novo destino, que elas não lhe revelam, para somente virem a falar claramente na Páscoa de 1430, em Melun. O seu destino sobe lenta e inadvertidamente dos triunfos humanos aos triunfos divinos; já não se trata da salvação da França, mas sim da sublimação da alma de Joana através da dor. Então sua paixão começa. É uma vitória maior, que deve consolidar a primeira e fazer de Joana uma santa. Ocorre uma progressão ascensional do fenômeno, que o conduz a um limite imensamente mais elevado, no qual o sofrimento, como já vimos, é o fator fundamental. Para Joana, era necessário consolidar e consagrar no martírio a sua ideia, cujo conteúdo era algo maior que a salvação da França e devia, no testemunho da morte, estender-se ao mundo inteiro. A fim de que Joana, entretanto, pudesse realizar sua ascensão, era indispensável, para ela, a falência de seu triunfo humano; importava que sua grandeza terrena naufragasse na traição e no abandono por parte dos ingratos, em favor de quem ela havia lutado. Não devia ser ela a pessoa que colheria para si as glórias terrestres. Sua glória devia ser seu puríssimo sacrifício pela França. Recompensas e gozos humanos teriam dissipado completamente essa sutil fragrância do espírito.

Uma vez mais vemos, no fundo de todas as missões, Cristo a resplandecer, Cristo, que atrai para si, na renúncia e no martírio, as almas eleitas. Há, pois, um desenvolvimento lógico no íntimo progredir do fenômeno. O primeiro cuidado das forças superiores foi, assim, despojar a pucela de todos os triunfos humanos, que naturalmente estavam para envolvê-la, ameaçando seu triunfo maior. Importava avançar ainda mais. As vozes, porém, guiam com delicadeza, sem esmagar seu espírito com uma perspectiva imediata, demasiadamente vasta, que a desorientaria, excitando revolta ou temor. Elas a encaminham para a inevitável estrada e, embora, às vezes, pareçam ausentes, conservam-se sempre presentes, usando, porém, apenas a inteligente estratégia do silêncio.

Na vida eterna de Joana, era chegada a hora da grande vitória, e importava afrontá-la com uma grande prova, porque é esta a lei das almas maduras. Até o fim, as vozes usam a piedade do mistério, fazendo-a entrever a libertação – que era, porém, num sentido espiritual – e não lhe revelando quão horrível morte a esperava, justamente a mais temida por ela. Falam-lhe, mas suavizam os caminhos da dor. O Alto, diferentemente dos planos inferiores, conhece essa piedade e, se não pode evitar o sofrimento, é porque este constitui uma parte essencial e integrante da ascensão que, por ser o caminho da felicidade, é desejada pelo próprio Alto. Quantas coisas sutis e profundas nos ensina esse ponderado avançar das vozes pelos caminhos do Senhor!

Somente quando a alma adquiriu a força de olhar face a face o martírio, é que as vozes falam mais claramente. Quando Joana foi capaz de compreender o verdadeiro sentido da sua libertação, só então as vozes lhe disseram: *“Encara tudo isso com bom ânimo. Não te preocupes com teu martírio. Entrarás, finalmente, no reino do Paraíso”*. E isso porque o profundo significado do fenômeno que estamos estudando se acha na evolução do espírito, no trabalho de sua potencialização que lhe permita, como vimos nas *“Florinhas”* de Frei Francisco, levantar voo para superiores planos de vida.

Vejamos, porém, mais de perto os acontecimentos. Depois de Reims, a estratégia de Joana é deixada aos seus recursos humanos. Ela havia trabalhado no baixo mundo humano, que deveria reagir segundo a lei de seu próprio nível. O triunfo dela havia sido demasiado, e isto não poderia deixar de excitar ciúme e inveja de muita gente. A grandeza a isolava. É rara no mundo alguma aliança por um ideal, pois os níveis de consciência humana comuns são baixos, condição na qual os homens não sabem aliar-se senão por interesse. É natural que o conhecimento limitado de Joana, não sendo mais sustentado pelas forças superiores, tivesse logo que despedaçar-se de encontro às astúcias de gente dada a todo tipo de insídias. E, assim, ela cai vítima da traição. Os homens nada enxergavam, a não ser seus interesses mesquinhos, que eram imediatos e individuais. Somente as potências do Alto haviam demonstrado uma superior consciência do momento histórico, dominando no espaço e no tempo. Os homens inferiores, contudo, armados de vontade, de astúcia e de mentiras, eram tenazes. O plano lógico de Joana era avançar logo sobre Paris e lá concluir a paz, como vencedora. Carlos VII, por quem ela lutava, pessoalmente lhe frustra os planos, preferindo um

armistício com Paris e uma paz acomodatória. É quebrado todo o impulso moral dado à França por Joana, que acaba sendo traída pelo seu próprio rei. No momento da ação decisiva, que deveria recolher todos os esforços anteriores, o rei vadia e espera. Em setembro, Joana ataca Paris. Aí se dá a primeira traição. Vários comandantes, não desejando a vitória de tal intento, retiram-se da luta. No dia seguinte anuncia-se que, por expressa vontade do rei, a ofensiva deve ser abandonada.

E a traição continua. A primeira derrota ofusca a auréola da heroína. O povo quer o triunfo, a esmagadora persuasão do fato concreto, que tudo justifica, tanto o delito como o milagre. Em face da derrota, a santa é transformada em feiticeira. Joana permanece cada vez mais sozinha, contra todos. O rei, que nada mais quer senão mandriar, não cuida de Joana, sonhando apenas com a paz. Naqueles tempos, ninguém desconfiava das demolidoras hipóteses do materialismo. Hoje, Joana estaria entre os loucos. Naquela época, porém, ela somente poderia ser feiticeira ou santa. Para os franceses, ela, enquanto lhes foi útil com suas vitórias, era naturalmente uma santa. Para os ingleses, ela, por ser inimiga dos seus interesses, era uma bruxa, tese esta que eles adotaram e fizeram triunfar. As nações, assim como os homens, acreditam que Deus esteja sempre do lado delas, imaginando sempre ser este o lado do direito e da justiça. O pior foi que, por inveja, os franceses, desde a primeira derrota, começaram a considerá-la uma feiticeira, apertando em torno dela um círculo total e fatal, que finalmente a estrangularia. Entretanto, se os séculos se recordam daquele tempo e de todas aquelas personagens insignificantes, isto acontece unicamente em função da heroína perseguida que eles quiseram esmagar. Somente a dor, e nunca a astúcia ou a força, cria as coisas eternas.

Porém a hora da maior traição se precipita. O destino tomou resolutamente um novo caminho, e as vozes voltam a falar. Até então haviam-se calado. Em face da derrota de Paris, silêncio: “*Quando caminhava para Paris, não tive revelações de minhas vozes*” (Proc. 1, 146), diz Joana, acrescentando: “*não foi nem a favor nem contra a ordem de minhas vozes*” (Proc. 1, 169). As vozes permitiram, portanto, o cumprimento de seu destino de mártir, deixando que a traição, pela qual este era condicionado, prosseguisse, assim como também Cristo deixou que Judas o traísse por ocasião da Ceia. Existe, desse modo, um senso de fatalidade no destino, que, uma vez fixado em suas causas, não pode mais ser interrompido.

As vozes encontram de novo a potência de Domremy, numa nova curva decisiva. *“Na semana da Páscoa, quando me encontrava nos fossos de Melun, foi-me anunciado pelas vozes, isto é, por Santa Catarina e Santa Margarida, que eu cairia prisioneira antes da festa de São João e que assim deveria suceder; que eu não me surpreendesse, mas recebesse tudo de bom ânimo, porque Deus me ajudaria”* (Proc. 1, 115-116). Estávamos em abril de 1430. Esses períodos de silêncio são um fato verificado. Parece que as vozes se ausentam e se extinguem; todavia, no momento oportuno, elas ressurgem vibrantes. Compreende-se, então, que elas, embora não se revelando, estiveram sempre presentes, guiando tudo. Trata-se de silêncios necessários, que fazem parte do plano diretivo, da estratégia dos repousos e dos retornos, nos quais são amadurecidos os impulsos mais elevados. Joana, portanto, deveria cair prisioneira, pois esta era a vontade de Deus. É requerida uma nova aceitação, mas, ao mesmo tempo, encoraja-se e promete-se um divino auxílio, que, depois de Orléans, vai operar o segundo milagre da inabalável firmeza de Joana até à fogueira.

De fato, Joana foi feita prisioneira em Compiègne, devido a uma nova traição. Ela entra na cidade sitiada, sem suspeitar de nada, mas, ao fazer uma incursão nos arredores (o inimigo talvez estivesse mancomunado com os próprios chefes da cidade), os ingleses lhe cortam a retirada. Nesse ínterim, Compiègne levanta as pontes e fecha as portas. Joana foi obrigada a se render, terminando aprisionada em virtude da traição dos próprios franceses. Diz-se que a traição foi regamente compensada.

Prisioneira! Assim, de mãos em mãos, ela é entregue aos ingleses, vendida para eles, que pagam um alto preço pela rica presa. Os acontecimentos se aceleram. Joana arrasta sua paixão, de cárcere em cárcere, até que se inicia seu processo. Nas mãos dos ingleses, Joana deveria ser considerada uma feiticeira, conclusão preposta a todo processo, pois este deveria servir ao interesse de anular a consagração de Reims, a qual ficaria reduzida então a um sacrilégio, destruindo assim, através desse novo juízo de Deus, a autoridade conferida a Carlos VII. Na incerteza das vicissitudes humanas, o povo havia percebido essa milagrosa intervenção divina, que era garantia da legitimidade real. Entretanto os trezentos homens do processo, tão aguerridos em sabedoria, não compreendiam uma verdade elementar, ignorando que, embora todas as suas astúcias e violências pudessem levar à aniquilação de Joana, o rei e a França não tinham o poder de violentar Deus e, muito menos, aqueles que, sendo

protegidos por Ele, estavam ligados ao círculo das forças superiores da Divindade. Os juízes, ao buscarem o ponto de contato entre Joana e Satanás, assinalaram, ao contrário, o ponto de contato entre a santa e Deus. Contra ela foram utilizadas as palavras de São Paulo, considerando-se a sua perseverança como pecado de orgulho. Não haveria melhor maneira para se mentir! Não obstante tanta dialética, tanta pompa de encenação judiciária, tanta fúria de força e astúcia, não puderam cancelar uma única sílaba da simples e sublime verdade de Joana. Para destruir o que representava a salvação da França, os juízes procuraram aniquilar a heroína e a santa, colocando em seu lugar a figura de uma feiticeira. Importava inverter a situação e substituir Deus por Satanás. Pobres míopes, que não viam na inversão destes valores justamente o pedestal da grandeza da santa, pois esta era a condição de seu martírio! Eles eram apenas a força ignara que o Alto utilizava para a vitória de Joana!

Na Idade Média era fácil a acusação de feitiçaria. A atmosfera parecia estar saturada da ideia do demônio e, de fato, com todas aquelas mortes violentas e cruéis, com tantos ódios e vinganças, devia estar espiritualmente irrespirável, profundamente impregnada de emanções barônticas.

Joana está sozinha, oprimida, privada até do conforto da religião; sozinha diante dos insultos dos carcereiros e dos ataques à sua pureza; sozinha diante de uma terrível assembleia de juízes inteligentes e de má-fé, que tentavam, por todos os meios, arrancar-lhe a renegação de suas vozes, para obter assim o meio legal de condená-la, a fim de que a forma da justiça fosse salva. Eles acreditavam que aquela ilusão da forma pudesse bastar para sustentar um fato que era mentira e hipocrisia. As forças reais da vida, porém, depois se levantam e impõem a reabilitação. Quando se compreenderão essas leis?

No caso presente, estamos vendo, no entanto, a que extremo de injustiça pode chegar a justiça humana.

As vozes, porém, falavam com Joana, e ela respondia a todos, simples e sublime. Esta é a grande força sem armas, a força do justo e do verdadeiro. Quando são iniciados certos caminhos, não mais se pode retroceder. Dois dramas se desenrolam nesta última fase. De um lado, há o drama exterior, que é desempenhado pelo processo, no qual a autoridade cega, cheia de ideias preconcebidas e de má-fé, precipita-se de erro em erro, até bater a cabeça na fogueira, perante a qual um dos juízes ingleses gritará: “Nós nos enganamos! Queimamos uma santa!”. O bispo Cauchon, juiz no processo, a

quem Joana havia admoestado mais de uma vez, chorará. De outro lado, desenrolando-se em paralelo a tudo isso, há o drama interior de Joana, que resplandece sobre o fundo cinzento de tantas baixezas. Neste drama se agiganta a grandeza do Céu, e Joana, destruída, fulgura repleta da potência do infinito. Está sozinha, mas suas vozes estão com ela. Isso lhe basta. A unificação se completou em Vermont e não mais poderá romper-se, nem sequer na hora do Getsêmani e do Gólgota. São liames que não se desatam no tempo e permanecem além da morte.

As vozes são piedosas; amparam, não amedrontam. Prometeram a libertação e não mentiram, porquanto se referiam à libertação maior. Para não afligirem Joana antes do tempo, elas não lhe tiravam a esperança de uma libertação humana, oferecendo-lhe uma oportunidade de compreender seu novo esforço e amadurecer, gradativamente, para a grande ideia do martírio. A busca de uma fuga na esperança da salvação material é a interpretação que lhe é deixada como uma doce piedade, para mitigar sua paixão. Muitas vezes, é benéfica a ignorância das disposições do destino; certas ilusões da alma são frequentemente necessárias para fazê-la afrontar situações que a amedrontariam. As vozes a encorajam a resistir até à libertação. Só mais tarde Joana haveria de compreender o que elas haviam dito desde o princípio: “Ne crains rien”.

Era necessária a prova suprema, para dar ao mundo o testemunho da origem divina das vozes. A meta que o destino de Joana tinha de atingir era não somente salvar a França e santificar sua alma, mas também afirmar ao mundo a verdade do espírito. Joana deu a vida por essa afirmação. Jamais renegou suas vozes e sempre repetiu seu moto: “*De la part de Dieu*” (venho da parte de Deus). E repete no final: “Se eu dissesse que Deus não me enviou, eu me condenaria. Verdadeiramente, Deus me mandou”. Somente na jornada do cemitério de Saint Ouen, ela tem um momento de fraqueza humana. Seu cansaço cedeu em face de tantas pressões e astúcias; talvez tivesse sido enganada com substituições de textos ou talvez se houvesse enganado, pensando que aquela fosse a esperada libertação. Vacilou um momento, vencida pela tenacidade de seus juízes, cuja vontade, porém, nada mais era do que forçá-la a uma retratação, para condená-la de qualquer modo. São bem humanos esses desânimos que obscurecem o senso de responsabilidade. Joana, porém, tão logo readquiriu alguma força, temeu em face de suas vozes, por havê-las, ainda que por um momento, desmentido, e imediatamente recobrou ânimo. Seu último grito, o maior

lançado ao mundo, entre as chamas da fogueira de Ruão, foi: “*Minhas vozes vinham de Deus*”.

Testemunho solene, feito em face da morte, quando não se pode mentir; relâmpago de verdade eterna, descida como sempre de uma cruz; verdade provada com o martírio.

Que diz a ciência dessa espécie de provas? Na apoteose do sacrifício, Joana reafirma, dando por isso a própria vida, as supremas verdades do espírito, testemunhando que elas existem e são atingidas através da dor.

No momento supremo, a Pucela de Orléans encontra o ponto de contato que a une a Cristo; novamente penetra e se fixa, como força palpitante de vida, no plano divino da Sua redenção. E Cristo é seu derradeiro grito, que é de vitória.

Jamais na história, como neste caso, as forças do espírito desceram tão perto da Terra e, numa luta corpo a corpo, tão resolutamente se impuseram aos acontecimentos humanos; jamais foi tão vivo o contraste e tão evidente a intervenção; jamais os acontecimentos foram tão intensamente violentados pelos impulsos do imponderável. Os dois mundos se defrontaram e olharam face a face, desafiando-se. E o espírito venceu!

V. TÉCNICA DAS NOÚRES

Quando, a partir do estudo de meu pequeno caso, nos elevamos à interpretação dos gigantescos casos da inspiração, devíamos ter percebido que a ciência, com suas concepções, é muitíssimo pequena para contê-los, pois eles envolvem algo de sobre-humano, sendo indispensável para sua compreensão fatores transcendentais que a ciência ignora. Existem no fenômeno elementos substanciais e determinantes, que encontramos em todos os casos e que representam, portanto, suas características fundamentais. Ainda que imponderáveis, tais elementos nem por isso são menos reais, embora a ciência moderna, por suas premissas e orientações, tenha-se tornado incompetente para apreciá-los.

Para trazer o fenômeno aos termos da psicologia científica moderna, impõe-se uma redução, quase uma mutilação, do próprio fenômeno ao seu aspecto técnico e mecânico, adotados pela psicologia. É este lado particular, técnico e científico, do problema que vamos aprofundar neste capítulo. Buscaremos, simultaneamente, elevar a ciência, infantil neste campo, até à compreensão destes fenômenos e das forças imponderáveis que os governam.

Temo-nos movido, até agora, num campo supercientífico, num mundo de sonhos, de emoções e de esperanças: o mundo do espírito. Para quem o sente, tudo isso já é por si mesmo supremamente persuasivo. Agora vou mudar a engrenagem do meu pensamento e falar a quem não sente, a quem, para convencer-se, tem necessidade de tocar, medir, experimentar. É necessário, porém, considerar aqueles fatores espirituais – embora exista quem os negue, por não possuí-los na própria consciência – porquanto constituem fatores integrantes do fenômeno, fundamentais na definição de seu desenvolvimento. De resto, como já afirmei, eles são produto de estados evolutivos que se elevaram além da mediania. É óbvio, portanto, que, somente através de uma descensão, é possível reduzi-los aos limites da psicologia normal da realidade sensória.

Assim, pois, ao falarmos sobre vibrações e ondas, recordemos que apenas tocamos a fase perceptiva humana do fenômeno, a última e mais baixa zona da transmissão nouírica, seu termo inferior e seu momento final de chegada, que é o mais compreensível, por ser o mais próximo da fase

sensória que chega ao contato humano. A fase mais elevada é uma emanção abstrata, supersensória e superconceptual, a qual se verifica numa outra dimensão de consciência e num outro plano de evolução, fase que a ciência e a própria psique humana normal, por falta de meios, não podem perceber e conceber, a não ser quando há uma redução dimensional, sendo esta justamente a operação realizada nas correntes nouíricas pela recepção inspirativa.

Quando, na fonte, nos encontramos num nível evolutivo supertemporal e superespacial, é absurdo pretender compreendê-lo inteiramente nos termos de uma pura questão técnica. No seu estado de emissão, a noure ainda não é pensamento, como normalmente o concebemos. Para falar nos termos da psique normal, eu mesmo tenho de operar uma redução da emanção originária e de minha percepção dela à dimensão pensamento, que é um estado vibratório muito mais denso; tenho de operar um regresso involutivo ao mundo mais concreto das oscilações da matéria, vestindo a irradiação primitiva de um invólucro físico que lhe permita estimular a reação sensível da psique imersa nos centros cerebrais. Recordemos, pois, que este estudo do fenômeno, no seu menor aspecto técnico, o abrange apenas no plano humano de chegada, e não no sobre-humano de partida. Neste estudo, a fim de atingir a solução desses inexplorados problemas, para a qual não encontro no conhecimento humano elementos orientadores, servir-me-ei, quando não me bastarem cultura e razão, do método intuitivo e da pesquisa por captação de correntes nouíricas. Neste momento, sinto que apenas possuo uma ideia vaga e inicial do assunto, mas sei que, ao escrever, irei tendo resposta a cada interrogação.

Ao estudar o fenômeno em seus casos grandes e pequenos, já delinee uma sua interpretação sumária. Nas suas características, que vimos retornarem com constância, revelando um significado, traçamos uma linha fundamental de sua figura. Entre essas características, vimos estar em primeiro lugar a progressividade, pela qual defini o fenômeno inspirativo como um caso normal de sensibilização por evolução biológica, continuada nos superiores estados de evolução psíquica e ascensão espiritual. O caso, como evolução, é normal, mas, como posição, em face da relativa mediania, é supranormal. Trata-se de um processo evolutivo de desmaterialização do ser em planos superbiológicos, de um processo de purificação psíquica e orgânica, cujos fatores são dor, renúncia, regime de purificação passional e

dietética. A esse respeito já falei nos capítulos: “O Fenômeno” e “O Sujeito”.

Encontramos esses elementos na história dos grandes inspirados. Suprimindo-se esses fatores determinantes, naturalmente o fenômeno se detém ou retrocede. Estes conceitos, embora conduzam a um campo supercientífico, possuem bases científicas, pois representam a continuação da evolução biológica darwiniana, evolução orgânica que, se deve continuar, como a lógica impõe, já não pode ser senão psíquica e espiritual.

Se a ciência materialista quiser continuar seu progresso, é necessário que ela compreenda justamente este problema da desmaterialização do organismo humano, obtida lentamente por progressiva atrofia de funções orgânicas e hipertrofia de funções psíquicas. Refiro-me a posições relativas ao momento evolutivo atual. Também isso é lógico, e sobre o assunto já falei. Esses princípios gerais, como sempre sucede na natureza, passam por adaptações no caso particular, que se aplica a um tipo especializado, mas permanecem verdadeiros, embora não apareçam no breve âmbito de uma vida.

Falei em progressividade de sensibilização. Mas o que é a evolução senão um processo de sensibilização contínua? Num primeiro plano, temos o mineral, que, sentindo a resistência do ambiente, também sabe modelar-se nas formações cristalinas; depois a planta, com uma sensibilidade que abrange a vida vegetativa; em seguida, o animal, que vê e ouve, delineando-se nele o mundo sensório; logo após, o homem, que, da síntese sensória, eleva-se a uma interpretação racional da vida; depois, o super-homem, que, com a capacidade da intuição, supera os limites da razão e sente diretamente o universo. E poderíamos continuar com os seres incorpóreos, chamados anjos, através de toda a hierarquia de sua elevação.

O mineral se orienta, a planta sente, o animal percebe, o homem raciocina, o super-homem conhece por intuição: eis a evolução da sensibilidade.

Se, com a civilização, diminui a ferocidade, é porque aumenta a sensibilidade, à qual ela é inversamente proporcional. Assim como se cultivam as plantas, também se domesticam os animais e se aprimoram os espíritos. A planta cultivada abandona os espinhos; o animal domesticado perde os instintos ferozes; os homens civilizados se enobrecem nos pensamentos e nos atos. Trata-se de um idêntico e universal processo de sensibilização, que absorve a ferocidade. Por isso a sensibilidade dolorífica

dos animais e dos selvagens é muito menor que a do homem civilizado. A reação investe sempre mais os estratos profundos. Os limites do universo são dados unicamente pela capacidade perceptiva, dilatando-se à medida que essa capacidade aumenta.

Notamos também outra característica do fenômeno inspirativo, comum a certos inspirados, que é a crise espiritual na qual o fenômeno explode após uma longa e invisível maturação. Essa explosão se liga a profundos deslocamentos nos equilíbrios evolutivos e a novas estabilizações em planos mais elevados. Vimos, depois, o problema das melhores condições de ambiente e a importância deste para a pureza da recepção. Existe sempre, para todos os inspirados, não apenas uma necessidade de solidão, que funciona como isolante, mas também de oração, que eleva o espírito e põe a psique em estado de receptividade, por meio do qual se estabelece a corrente elétrica negativa e passiva, necessária para fechar o circuito com a corrente das noures, que é positiva e ativa. A prece pode ser também um desejo que auxilia a elevação da tensão nervosa necessária para atingir os planos superiores de consciência, que, sendo mais sutis, porém mais potentes, representam, portanto, em face das correntes nervosas no estado normal, correntes de alto potencial. Tudo que eleva o potencial nervoso facilita a recepção nouírica, porquanto dinamiza. Na evolução, a desmaterialização é proporcionalmente compensada por esta sua inversão dinâmica. A percepção nouírica, de fato, dá uma sensação de alegria e de potência ao espírito, verificando-se em organismos purificados da animalidade e representando, em si mesma, um raio de ação e sensibilização muito mais vasto que o normal.

Descrevi minhas progressivas posições até alcançar a sintonização com a emanção nouírica, no processo de adormecimento da consciência em seu potencial normal e de ativação da consciência num potencial elevado, que momentaneamente neutraliza e reabsorve o funcionamento da outra. Começam a delinear-se aqui o significado e o porquê das condições do fenômeno.

Nesta primeira parte do capítulo, procurei eliminar os aspectos mais espirituais e menos técnicos da questão, a fim de sondar o fenômeno até seu aspecto esquemático mais simples e, portanto, mais facilmente analisável. Das outras características, sumariamente indicadas nos primeiros capítulos, como a captação consciente e ativa das noures, a individualidade e a natureza de sua fonte, a minha capacidade de oscilação entre consciência e

superconsciência, a sintonização por afinidade entre o centro transmissor e o meu centro psíquico registrador, etc., falaremos no estudo técnico a seguir, que não poderia ser feito na primeira parte, preponderantemente descritiva, mas somente agora, quando já expus e fixei os elementos de fato.

São dois momentos estes, que tinham de ser bem distintos: primeiro, a descrição e, depois, a interpretação dos fatos; observação exterior de conjunto, a princípio, e penetração do significado, no final. Compreender-se-á, então, a necessidade de um ambiente bem sintonizado, como o encontrado nos bosques e montanhas, num templo ou no próprio gabinete saturado de emanções nouéricas; a necessidade de estados de ânimo de paz e do afastamento de interferências de vibrações psíquicas baixas, que perturbam a pureza da regisração; a necessidade da purificação orgânica e psíquica, processo evolutivo que leva à afinidade com a fonte, possibilitando, portanto, a sintonização com ela do instrumento de ressonância, que é toda a personalidade do médium. Compreender-se-á o paralelismo que existe entre ascensão espiritual e sensibilização receptiva. Compreender-se-á como o instrumento, à semelhança do que tem acontecido com alguns místicos, possa a princípio interpretar mal, se ainda não se encontra bem maduro; como se realiza, no meu caso, a transformação progressiva da minha mediunidade, que, inicialmente passiva e inconsciente, vai-se tornando depois cada vez mais ativa e consciente; como todos esses fenômenos nouéricos, não obstante a diferenciação individual que os separa, encontram sua unidade na grande corrente central, que se chama DEUS.

Aprofundemos, então, o aspecto técnico do fenômeno, focalizando novamente nossa atenção. Qualquer fonte de emanção irradia em torno de si um impulso que se transmite. Chamemos essa fonte de centro transmissor. Verifica-se por lei geral, em todos os planos de evolução, inclusive nos superpsíquicos e, portanto, superespaciais, este fenômeno de expansão cinética, que é o princípio de unidade e amor pelo qual está coligado em suas partes e elementos todo o universo. Faltam-me palavras superespaciais, supertemporais e superconceptuais que me permitam exprimir-me, por isso evito qualquer referência às dimensões espaço e tempo, que, no centro transmissor, já não existem mais. Para entender também este aspecto técnico, é importante haver compreendido que o universo esciona-se em fases evolutivas, cada qual correspondendo a um plano ou nível de existência, de sensibilidade e de concepção. As fases mais

concebíveis e mais próximas de nosso universo são matéria, energia e espírito; o universo físico evolui para universo dinâmico e o universo dinâmico evolui para universo psíquico, que, mais além, evolui para planos superpsíquicos, os quais, atual e normalmente, constituem para o homem um inconcebível. É preciso haver compreendido e ter presente a teoria da evolução das dimensões, desenvolvida em *A Grande Síntese*, pois a passagem, por evolução, de um plano a outro acarreta a mudança de sua respectiva dimensão ou unidade de medida. Voltando ao conceito inicial, aquele princípio de irradiação lança nas várias dimensões da evolução emanções que, ao encontrarem um centro sensível, podem ser registradas. Veremos, depois, se isto constitui uma recepção passiva ou uma captação ativa. Este segundo centro é o instrumento receptor.

Estão assim determinados os dois termos do fenômeno, que, sendo essencialmente um fenômeno de transmissão e recepção, tem sua correspondência, no plano inferior do universo dinâmico, na transmissão acústica e, num nível relativamente mais elevado, na transmissão radiofônica por meio das ondas hertzianas, forma de energia mais evoluída das ondas acústicas.

Trata-se sempre de oscilações no centro transmissor, comunicadas por vibrações do meio (ar ou éter) ao receptor (ouvido ou aparelho radiofônico). As variações ou modulações do impulso originário são repetidas exatamente pelo órgão de chegada, pois os dois centros distantes são aproximados pelo meio, que os torna realmente comunicantes e fundidos numa união de movimento. O símile acústico ou radiofônico não prejudica a espiritual imaterialidade do transmissor, porquanto, efetivamente, o universo, nos seus vários planos, responde a um princípio único, que, embora no Alto seja um inconcebível, reflete-se em nosso universo físico, manifestando-se, porém, numa forma mais rude, devido ao seu revestimento mais denso. No Alto, apesar de nos movermos em dimensões superespaciais, permanece idêntico, mesmo quando destilado como pura emanção cinética, o princípio que, nos planos inferiores, é transmissão espacial por ondas esféricas. A analogia implica uma redução de potência e de pureza, mas é exata, considerando-se que a vibração ondulatória é a forma de chegada (pensamento), e não a forma de partida da noúre. Por isso chamamos apenas de emanção, a fim de exprimir o mesmo princípio de difusão, recordando, entretanto, que estamos além do plano espacial, dinâmico e do próprio plano psíquico.

Existe, todavia, uma grande diferença entre o caso inspirativo e o exemplo de radiofonia análogo. Neste, transmissor e receptor se localizam ambos no mesmo plano de evolução (dinâmico), ao passo que, no caso inspirativo, os dois termos comunicantes estão situados em dois planos diversos de evolução e, portanto, em duas dimensões diferentes. Na recepção radiofônica, o período final é acústico como o inicial; a vibração acústica originária é transformada em vibração elétrica, para retornar no fim à forma acústica, sendo a recepção tanto melhor, quanto mais o fenômeno final se identificar com o inicial. Ocorre apenas uma transformação do som – forma dinâmica menos evolvida e, portanto, mais lenta, menos ágil e veloz, porque mais aprisionada na matéria – em ondas elétricas, que, sendo uma forma mais evolvida, mais rápida e mais livre da dimensão espacial, domina um campo espacial muito mais amplo. É nisso justamente que consiste a utilidade e o progresso desta descoberta.

Na recepção ultrafônica, temos muito mais. Não existe apenas uma transformação temporária, com o objetivo único de transmissão, para voltar ao ponto de partida. Em radiofonia há uma permanência no âmbito da dimensão espaço-tempo do mundo dinâmico. Em ultrafonia atravessa-se uma mutação muito mais substancial e profunda, que não é uma simples transformação de ondas acústicas em elétricas e vice-versa, nem uma simples transmissão espacial. A fonte inspirativa se localiza numa outra dimensão, razão pela qual a transmissão não se dá num sentido espacial, contida no campo da mesma dimensão espaço, mas sim através de diversas dimensões.

Como já disse, os conceitos científicos não bastam aqui, fazendo-se necessário que a ciência utilize estes conceitos transcendentais, indispensáveis à compreensão também do aspecto técnico do fenômeno.

O centro genético das emanções nouíricas não possui os caracteres ondulatórios do mundo dinâmico nem conceptuais do mundo psíquico humano, mas está situado numa dimensão superconceptual de caráter abstrato, onde se encontram os princípios universais. A fonte não vibra, não irradia vibrações no sentido por nós conhecido, embora elas sejam de pensamento; não transmite ondas-energia na dimensão espaço-tempo, mas emana um quid absolutamente imaterial, um impulso, uma potência que não se pode definir com os atributos das dimensões do nosso universo. Dessa sua dimensão mais elevada, a emanção deve descer, fazendo essa potência

precipitar-se sobre a dimensão conceptual do pensamento humano, pois a chamada recepção não pode realizar-se senão em virtude dessa descida.

É justamente esta característica muito mais complexa do fenômeno da inspiração que a distingue da radiofonia. Os dois termos do circuito estão qualitativamente distantes, razão pela qual a comunicação que determina a repetição do impulso originário no receptor não se pode estabelecer senão através de um processo de transformação dimensional. Este processo noutrico poder-se-ia comparar ao de um transmissor cujo pensamento se formulasse “diretamente” em ondas hertzianas, que, para serem percebidas no plano sensório, devem sofrer uma transformação involutiva até se tornarem energia mecânica (vibração da membrana microfônica) e, finalmente, sonora.

Para unir os dois polos do circuito, é necessário realizar esta inaudita operação, na qual se realiza a passagem de um plano evolutivo a outro, o que significa mudança de uma para outra forma de substância. Em outros termos, para exprimir a emanção originária como pensamento, dentro do concebível humano, é necessário operar uma redução de dimensão. Esse processo de descida à Terra significa que aquela potência tem de percorrer um regresso involutivo, sendo esta a condição para que ela possa manifestar-se na dimensão humana do inteligível. Essa redução de dimensão e esse regresso involutivo constituem um processo de íntima transformação da substância cinética da forma radiante, que se realiza não no espaço, mas atravessando várias dimensões de diversas fases evolutivas, para, ao termo de sua transformação, chegar isolado à nossa dimensão e fase de evolução. O caminho, portanto, não é percorrido em sentido espacial, mas sim em sentido evolutivo, de modo que, ao percorrer a dimensão evolução, evoluindo, ascende-se para o transmissor, e, envolvendo, desce-se para o receptor.

Como vemos, não obstante a correspondência entre os vários planos, inevitável num universo orgânico regido por um princípio unitário, o fenômeno inspirativo é bem mais profundo e complexo que o fenômeno radiofônico. Se, por exemplo, em telepatia pode-se falar de ondas-pensamento, porque existe pensamento, na inspiração, falar de vibrações é um absurdo, porquanto a dimensão da zona psíquico-conceptual foi superada. Expressando mais exatamente, não encontramos no fenômeno inspirativo a forma vibratória da onda-pensamento senão na extremidade da fase da recepção, no final da redução involutiva, como último produto

derivado, por continuidade, da emanção original, traduzida em termos do pensamento humano. Por tudo isso, compreende-se quanto estes fenômenos superam a psicologia experimental de gabinete e como é necessário, para seu estudo, que a ciência se afine e faça seus esses elementos do transcendental.

Temos, portanto, duas estações, uma do lado humano, situada na fase evolutiva do plano dinâmico (no caso de mediunidade à base de percepções sensórias) ou então do plano psíquico (no caso de conceitos como na mediunidade intelectual-inspirativa), e outra do lado super-humano, situada na dimensão superconsciência, que supera a dimensão do psiquismo humano. Não me refiro à mediunidade barôntica ou física, na qual o transmissor pode encontrar-se em um nível também humano ou até mesmo inferior a este. Se evolução é desmaterialização e espiritualização, a comunicação entre o transmissor evoluído e o receptor humano relativamente involuído não se pode realizar senão materializando a emanção, o que significa reduzir a potência e revestir o conceito abstrato, sintético e instantâneo com a forma do pensamento objetivo, analítico e progressivo humano, através da palavra.

Vejamos, agora, como se pode estabelecer a comunicação entre os dois centros. Sendo o universo sempre todo presente em suas várias fases evolutivas e dimensões, atravessadas pelos seres no infinito, é evidente que o limite do perceptível somente existe nos meios individuais de percepção, e não nos fenômenos. Assim, por exemplo, o ouvido humano é sensível somente a uma determinada faixa de frequência de vibrações dos sons, além da qual não há percepção. É óbvio também que, assim como, através da criação de novos instrumentos e recursos de pesquisa, alcançou-se a revelação de um novo mundo, qualquer expansão de capacidade sensorial também desloca o limite do cognoscível, que, sendo um relativo suscetível de contínua evolução, é justamente uma função desta sensibilidade. O perceptível, portanto, não tem fronteiras em si mesmo, mas apenas na relatividade de nossa posição evolutiva, em proporção à elevação da qual ele, automaticamente, também se dilata.

Como já expliquei, a evolução é um processo de sensibilização progressiva. A percepção e a concepção do universo, portanto, são relativas à sensibilidade individual e se modificam, dilatando-se com o progresso desta. Amplia-se a visão do universo à medida que a consciência evolve. Assim o concebível também é progressivo, razão pela qual a visão da

verdade é relativa à potência individual, não podendo ser atingida senão por sucessivas aproximações. Se quisermos traduzir graficamente o conceito, podemos graduar a sensibilidade progressiva do ser em evolução ao longo de uma escala, nesta ordem: mineral, planta, animal, homem e super-homem, cada tipo sendo capaz de responder a uma gama de radiações sempre mais vasta e profunda. Isso equivale ao processo de exteriorização cinética, que, sendo a substância da evolução, é constituído simultaneamente pela dilatação da consciência ao longo da linha da sensibilização psíquica e pela manifestação progressiva da Divindade, duplo processo de aproximação dos dois extremos, através do qual a criatura volta ao Criador.

Pode-se, pois, estabelecer para todo indivíduo, conforme o ponto mais elevado que alcançou na escala, uma amplitude de capacidade perceptiva que compreende todas as menores, mas da qual se excluem as mais amplas. Para que dois seres, inclusive no mundo humano, possam comunicar-se, ou seja, compreender-se mutuamente, é necessário que ambos utilizem a mesma linguagem e expressem a mesma sensação do universo, condição na qual a sensibilidade de cada um deve abranger o mesmo campo de capacidade perceptiva. A compreensão só é possível dentro dos limites de sobreposição do campo de percepção, onde houver coincidência de amplitude. Assim, o mais pode compreender o menos, mas não o contrário. Se tentarmos explicar um conceito abstrato a um ignorante, ele não o compreenderá, a não ser que saibamos reduzir a ideia abstrata à sua dimensão conceptual de representação sensória. Esta é a condição da comunicação.

Tudo isso também pode ser dito de outro modo. Se dispusermos próximos entre si dois diapases vibrantes à mesma nota e percutirmos um deles, fazendo-o vibrar, o outro também entrará em vibração, emitindo o mesmo som. Este princípio de ressonância é universal e verdadeiro tanto no campo acústico e elétrico quanto no psíquico e superpsíquico. O contato da consciência com o mundo exterior pelos caminhos dos sentidos é devido justamente a um fenômeno de ressonância, sendo essa a base para a radiofonia e a telepatia. Muitas vezes, quando uma pessoa está para nos dizer uma coisa, nós já a sentimos no próprio pensamento. “O fenômeno de ressonância consiste no fato de que dois órgãos suscetíveis de oscilações, tendo a mesma característica ou frequência (no caso de um diapase, o número de vibrações por segundo), podem influenciar-se reciprocamente, se

um deles, mediante as próprias oscilações, produz ondas num meio que abranja ambos” (Eng. E. Montú, “Rádio”, pág. 31). Também o pensamento pode transmitir-se por ressonância, quando os centros cerebrais, nos movimentos atômicos de sua estrutura celular, sejam suscetíveis de oscilações que possuam idênticas características. Então, os dois centros psíquicos podem influenciar-se mutuamente, através de um meio comum que receba e transmita suas vibrações. É indubitável que o pensamento seja uma vibração, porém reduzida a sutilíssima e evolvidíssima forma dinâmica, em vias de superar a dimensão espaço-tempo. Na verdade, a psique humana é um órgão capaz de vibrar e de entrar em ressonância, de transmitir e registrar normalmente correntes psíquicas, porquanto esse é o modo pelo qual se forma, se projeta, se comunica e se recebe o pensamento, que, como a luz, circula por toda parte na atmosfera humana e além dela. Assim se transmitem não somente conceitos, mas também estados de ânimos e sentimentos. O segredo dos oradores, dos caudilhos que arrastam as massas, está em saber despertar essas ressonâncias. O pensamento vibra no universo, repercute, reage, retorna à fonte, une em sintonia os centros distantes, anula-se, acumula-se, soma-se, desintegra-se. Nós emitimos e recebemos irradiações do ambiente humano, dos planos inferiores e do Alto, num mar de núres, em infinitas vibrações. Enquanto cada um entra em sintonia como sabe e como pode, conforme sua respectiva capacidade, a consciência do sensitivo é uma caixa harmônica fremente de todas as irradiações do universo.

A telepatia nada mais é do que um fenômeno de ressonância. Ressonância significa sintonização no mesmo estado vibratório, que é a base da percepção sincrônica; significa simpatia, afinidade. Por ressonância não apenas se transmite, mas também funciona o pensamento, que é levado a mover-se por conexão de ideias, condição na qual encontra sua forma de menor resistência. As ideias se atraem espontaneamente, por afinidade. Sua reaparição na consciência se deve à excitação de um estado vibratório que se propaga para as formas semelhantes, capazes de ressonância. Os caminhos da mnemônica são os caminhos dessa ressonância por conexão. As estradas reais da consciência coletiva são as da ressonância. A compreensão é um fenômeno de ressonância. O pensamento, finalmente, tende, como todas as formas menores do mundo dinâmico, à difusão e, uma vez projetado, é indestrutível.

Tudo isso nos conduz às mesmas conclusões do início. Para que se efetue a comunicação entre os dois centros, é indispensável a mesma capacidade de ressonância, ou seja, é imprescindível que eles sejam suscetíveis a deslocamentos cinéticos dotados das mesmas características. Ora, para obter isso, é necessário que se baseiem no mesmo equilíbrio cinético, ou seja, que se encontrem no mesmo grau de evolução e de sensibilização, abrangendo o mesmo campo de capacidade perceptiva ou conceptual. Só então pode realizar-se a sintonização. A base desta, portanto, é a afinidade. Para que se possa estabelecer a comunicação, é necessária uma sintonização entre a consciência do médium e o centro de emanção, um estado de simpatia que permita a atração, um estado complementar e de semelhança que estabeleça a fusão. As leis de afinidade se encontram na base de todos os fenômenos de atração psíquica, inclusive daqueles comumente controláveis. Eis porque tanto tenho insistido sobre o paralelismo entre sofrimento e mediunidade inspirativa, justamente porque o primeiro é instrumento de evolução e evolução significa sensibilização, que conduz à afinidade com os mais altos centros transmissores. A recepção nouírica, que é comunicação com centros superevoluídos, exige a ascensão espiritual até àquele nível. Para tornar possível o estabelecimento do contato com a fonte, é necessário que a consciência se sensibilize por evolução, até ao ponto de atingir uma amplitude de capacidade perceptiva que se sobreponha à da fonte. A condição necessária para a compreensão é adquirir, através da ascensão de espírito, a capacidade que lhe permita responder às sutis emanções nouíricas. “Para comunicar-se, o espírito desencarnado identifica-se com o espírito do médium, e esta identificação não se verifica senão quando existe entre eles simpatia, pode dizer-se mesmo afinidade”, diz Allan Kardec no seu *Livro dos Médiuns*, Cap XX: “A alma exerce sobre o espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou diferença entre eles; ora, os bons sentem afinidade pelos bons, e os maus, pelos maus, de onde se segue que as qualidades morais do médium têm uma influência essencial sobre a natureza dos espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se ele é vicioso, em torno dele se agrupam espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar dos bons espíritos que foram chamados. As qualidades que atraem, de preferência, os bons espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais; os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o

ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões por meio das quais o homem se prende à matéria. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas que dão acesso aos maus espíritos”.

Temos, portanto, dois centros, transmissor e receptor, situados em planos diversos de evolução. Ambos se comunicam pelo princípio de ressonância, que ocorre somente quando existe capacidade de vibração em uníssono, condição esta, por sua vez, somente possível quando os dois centros se encontram no mesmo nível evolutivo, ou seja, de sensibilização, perfeição moral e potência perceptiva conceptual.

Kardec considera particularmente o lado moral da afinidade, mas evolução é ascensão de todo o ser e implica também uma sensibilização às ressonâncias mais sutis, uma expansão perceptiva e uma potencialidade conceptual. O fenômeno da mediunidade intelectual inspirativa é, pois, um fenômeno de sintonização, cuja condição é a afinidade. O problema da comunicação reside, portanto, na afinidade. Há uma distância qualitativa, de capacidade de correspondência, entre os dois centros, e é preciso superá-la. Para que eles possam se unir em sintonia, impõe-se então uma transformação, e são dois os casos. No primeiro caso, a transformação se processa por obra do transmissor, que envolve suas emanções (os dois centros são ativos e conscientes) até ao nível perceptivo sensório do receptor, sendo este o caso das audições acústicas, das visões óticas e de outras percepções sensórias de vários místicos, cuja fonte, embora manifestando efeitos físicos, distingue-se sempre das produções barônticas pela elevação da proveniência, demonstrada através do tipo de aparição e do seu elevado conteúdo moral. O encontro pode, assim, dar-se também no plano sensório humano, se esta é a via de menor resistência, dadas as características do médium. Este, no primeiro caso, pode ser um santo do sentimento e da bondade, e não da intelectualidade, não sendo especializado, portanto, no lado psíquico até à superconsciência. Já no segundo caso, a transformação se efetua por obra do receptor, que, pelo seu grau de evolução, sabe elevar-se por si mesmo até ao plano conceptual do transmissor. Este é o meu caso de mediunidade intelectual inspirativa e consciente, cuja estrutura e complexo funcionamento começam agora a ser compreendidos.

Neste caso, sabendo a distância que o separa da fonte inspirativa, a capacidade do médium consiste em ascender ele mesmo a escala evolutiva e, no campo particular (moral, intelectual, artístico, heroico) que diz

respeito à comunicação, alcançar a afinidade, que é a base do fenômeno da ressonância. O inspirado deve saber emergir ativa e conscientemente na dimensão conceptual própria do centro transmissor e, para atingi-lo, deve haver atravessado todo o tormento de sua purificação, pois somente esta pode sensibilizá-lo até à captação das noures mais elevadas. Se, por um lado, após atingir a imersão numa atmosfera rarefeita, a recepção é espontânea, agradável e dinamizante, por outro lado, todo o esforço, não apenas aquele longo, de percorrer a maturação evolutiva, mas também o imediato, de colocar-se em estado de alta sintonização e de atingir a necessária tensão nervosa em alto potencial, é do médium. E ele tem de manter-se demorada e normalmente, em casos de registrações volumosas, naquele estado de tensão; tem de suportar sozinho, na solidão, sem conforto e sem compensações humanas, a exaustão orgânica subsequente e a tristeza que sucede ao esforço supranormal. Ao atingir a noure, ele deve manter o contato em perfeita consciência, relacionando tudo e conservando completamente a própria lucidez e potência de análise. Finalmente, embora imergindo numa diversa localização da fase de consciência, o inspirado não deve fechar as pontes atrás de si, mas sim manter unidas sua superconsciência e sua consciência normal, a fim de que seja possível, após haver subido evolutivamente, descer involutivamente, para transmitir à sua consciência comum, e através desta aos seus semelhantes, o conteúdo de sua visão.

É indispensável saber, portanto, não apenas manter desperta a consciência nos diferentes planos – tanto nos superiores, como nos inferiores – mas também saber sustentar as já referidas união e comunicação, para poder sempre emergir à superfície da consciência humana normal. Faz-se continuamente necessário o dinamismo dessas deslocções, que permitem a tradução das sensações e concepções de um plano para outro. O inspirado tem, portanto, não apenas que dominar uma amplitude perceptiva amplíssima, na qual sua sensibilidade é posta a dura prova, ou seja, seu ouvido psíquico não deve captar somente uma gama musical imensamente mais ampla que a do concebível humano, mas também possuir rapidez de mutação interior, agilidade de deslocção ao longo da linha da evolução e presteza de adaptação às sucessivas focalizações das várias perspectivas de visão. Sem essas qualidades, seu trabalho seria impossível. E essas deslocções ele tem de efetuar sem descontinuidade e sem zonas de inconsciência, sempre consciente. Deve

movimentar-se comodamente de um a outro extremo, seja na pequena consciência sensória e racional, apropriada aos conceitos analíticos e ligados à vida humana, seja na consciência intuitiva, adequada aos grandes conceitos longínquos, abstratos e sintéticos do absoluto. Somente neste caso se pode falar de mediunidade inspirativa consciente, que domina o fenômeno, sente, joeira e escolhe as correntes, controlando, julgando e, só então, aceitando seu pensamento. Quando o grau evolutivo do ultrafano é inferior ao da noúre captada, então a redução dimensional não pode efetuar-se em sua consciência, condição esta característica da mediunidade mais comum, passiva e inconsciente, na qual o sujeito é um mero instrumento que registra sem compreender. O verdadeiro ultrafano consciente tem de realizar, nas profundezas de seu eu, um laborioso esforço, pois ele funciona como transformador de emanções nouíricas em vibrações-pensamento, como instrumento de redução do superconsciente inconcebível ao consciente concebível. Se não executasse essa descida psicológica, ele não saberia exprimir-se e, se tentasse expressar-se, seria julgado um louco. Além de tudo isso, ele deve possuir também a memória exata de seus complexos estados, para poder oferecê-los como elementos de observação; deve ter igualmente qualidades de autoanálise e introspecção, que lhe permitam analisar e interpretar o fenômeno, para poder apresentar e usar o método intuitivo na pesquisa sistemática científica do inexplorado.

No meu caso, a registoação dos conceitos não é recepção passiva, mas sim captação ativa; não é de sinal negativo, mas sim positivo. Minha inspiração pode ser definida, então, como mediunidade intelectual (registoação de conceitos), inspirativa (proveniente dos mais elevados planos de evolução), ativa (por captação) e consciente (nos vários planos e dimensões). Tudo isso se torna para mim um método normal de pesquisa por intuição, uma verdadeira técnica de pensamento, um sistema intelectual e cultural que domino perfeitamente.

Já descrevi os meios através dos quais consigo e conservo este método. Se particulares condições são requeridas no processo, isso não tira o valor dos resultados práticos que com ele obtenho e que constituem um fato.

Nos descritos estados de adormecimento da consciência normal, eu realizo, por iniciativa e com esforço próprios, a transformação acima descrita, que faz ascender meu eu consciente a uma dimensão superior. E, quando a visão superespacial, instantânea, abstrata, atravessa minha sensibilidade, devo saber descer novamente ao nível psicológico normal,

realizando a transformação em direção inversa, porquanto, sem isso, não me seria possível comunicar-me nem me fazer compreendido. Devo, assim, saber oscilar ao longo da escala da evolução e da involução, com diferentes focalizações de consciência, que me permitam exprimir, em termos racionais e de análise, a intuição sintética, cujo significado em sua forma originária é inexprimível.

Foi descrita aqui, sobretudo, a técnica funcional do meu fenômeno, que ninguém conhece tão profundamente quanto eu. Assim, confiando-me, nos pontos mais salientes, à intuição, defini o problema, para mim também incerto até agora, de minha inspiração.



Estabelecida assim a estrutura central do fenômeno, completemo-lhe a interpretação em seus outros aspectos.

O pensamento é, como já vimos, todo ele uma noúre, comunicando-se e ecoando de centro a centro. O universo está saturado de emanções conceptuais, que são percebidas tão logo o ser, por evolução, tenha alcançado o grau de sensibilização suficiente para entrar em ressonância com as mesmas. No plano dinâmico e psíquico, o universo aparece ao sensitivo como um oceano ilimitado de irradiações de todo gênero. Essas emanções, cada uma em seu nível e em formas diversíssimas, obedecem ao mesmo princípio universal de expansão e, coligando o universo em todas as suas partes, representam o órgão de sua sensibilidade física e psíquica. Quanto mais o ser ascende evolutivamente, mais sutilmente sente o universo e mais claramente percebe e concebe a si mesmo. A consciência altíssima, que conhece e dirige todo o funcionamento do grande organismo universal, é o pensamento de Deus. É este o centro em direção ao qual ascendem os vários planos da evolução, a meta longínqua para a qual tendem esses sobrepujamentos de consciência e de dimensões. Eis porque o conteúdo da mediunidade inspirativa é a revelação, eis porque ela conduz à unidade e à verdade.

Isso nos faz compreender como, somente em nosso mundo involuído, onde o pensamento é continuamente estorvado em sua circulação pelas resistências da matéria, seja possível concebê-lo aprisionado, separado na forma da individualidade humana. Somente nesses planos mais baixos, o pensamento pode permanecer diferenciado entre barreiras pessoais; mais no alto, ele circula livremente, fundindo com facilidade, na mesma ressonância, os centros hipersensíveis, que assim se unificam no mesmo

modo de ser, cujo timbre é definido pela corrente de seu plano. Nesses níveis elevados, a forma do ser é psíquica, e não mais física; é um estado de consciência, e não mais um corpo, sendo definida pela irradiação naturalmente dominante naquele plano, em que os seres automaticamente se equilibram, pelo seu peso específico, na escala da evolução. Como estamos vendo, é possível enfrentar e resolver problemas de alta teologia com os conceitos mais exatos da psicologia científica.

Pode-se, agora, melhor compreender o que já foi dito sobre o problema da individualidade do centro transmissor, como já foi percebido por Ferder em *“O Ciclo Progressivo das Existências”*, no sentido de que essa voz inspirativa “não deve ser entendida como um ser invisível individual, mas sim como uma emanção de energias espirituais fundidas num feixe”.

Quando a inspiração toca certo nível, não se pode mais falar de uma entidade como centro psíquico, num sentido pessoal humano, não se pode definir nem limitar a fonte a um nome; pode-se apenas indicar a direção de proveniência e falar de planos de evolução e de correntes nouíricas que os percorrem e definem.

Foi nesse sentido que falei de Cristo como centro de emanção, fonte de revelação, corrente de pensamento sempre presente que governa o mundo. Somente esta concepção cósmica do Cristo, muito superior à histórica e humana, pode dar-nos o sentido de sua divindade, assim como de sua presença, atividade e função histórico-social. A imprensa sul-americana, com muita precipitação e simplicidade, atribuiu precipitadamente a Cristo as *Mensagens* e *A Grande Síntese*, pelo seu sabor evangélico. É preciso, porém, compreender quão perigoso e anticientífico é definir, de forma tão categórica, uma proveniência que reduz o Cristo à comum concepção histórica humana; é preciso entender que o Cristo real não pode ter, em Sua essência, nenhuma forma em nosso concebível, que não o alcança nem o contém senão reduzidamente. No meu caso, portanto, só se pode falar sobre a direção da qual descem as noures; pode-se dizer que, desta direção, cujo início está em Cristo e na Divindade, procede, ninguém sabe de quão longínqua e vertiginosa altura, uma noure que, atravessando não se sabe quantos planos e sofrendo desconhecidas reduções de adaptação, desce até ao plano no qual minha mais alta consciência inspirativa, após fatigosa ascensão, pode captá-la, para realizar o último e certamente mais breve caminho, para levá-la à forma da psicologia humana.

“A vós venho do Alto e de muito longe”, diz *Sua Voz* na *Mensagem do Perdão*. “Não podeis perceber quão longo é o caminho que nós, puro pensamento, devemos percorrer, a fim de superar a imensa distância espiritual que nos separa de vós, imersos na terra lodosa. Vossas distâncias psicológicas são maiores e mais difíceis de serem vencidas do que as distâncias de espaço e de tempo”.

Isso significa distância conceptual da fonte e longo caminho percorrido, implicando, portanto, uma redução dimensional, efetuada para superar aquela distância e descer daquela altura ao nosso plano de evolução. Trata-se de distâncias psicológicas, evolutivas, de dimensão conceptual. Somente agora, após havermos delineado este estudo técnico sobre as noures, podemos compreender quantas reduções estão implícitas neste processo de descida das correntes espirituais; a série de filtrações necessárias através de vários planos, para que a luz seja perceptível e a irradiação acessível; quantos intermediários de gradual transparência espiritual devem colaborar, para que a cegueira espiritual do receptor possa alcançar o alto e, assim, a potência conceptual possa chegar límpida, sem ofuscar-se, ao plano terreno. Nesse complexo processo, muitos auxílios são necessários ao lado de meu esforço. Assim, não obstante minha forma de mediunidade inspirativa consciente, grande parte da transformação tem de se realizar fora de minha consciência, em planos superiores aos que me são acessíveis. Um trabalho de preparação, que ignoro, tem de realizar-se acima de mim, para trazer a noure até ao plano de minha captação. O fenómeno é vasto, feito de diversas colaborações, através de gradações de pureza e elevação, ao longo das quais eu sou apenas o último termo, o mais baixo e involuído. No alto, percebida por mim como realidade objetiva e científica, encontra-se uma estrutura de hierarquias que gravitam, de esfera em esfera, na grande luz de Deus, prolongando-se até aos planos inferiores, onde Terra recebe as irradiações do Alto e é por Ele guiada.

Após tudo isso, compreende-se sempre melhor que o problema fundamental para mim, como primeira condição para minha captação nouírica, é a ascensão espiritual; compreende-se como, para mim, as questões da mediunidade e do aperfeiçoamento espiritual devem coincidir.

Se a fonte da inspiração está no alto, eu devo viver sempre estirado para o alto, a fim de poder atingi-la. Sou uma antena sensibilizada pela dor, que deve elevar-se o mais possível aos planos superiores, a fim de captar suas concepções e trazê-las ao nosso. Quanto mais me purificar, mais alto

poderei subir e mais se ampliará meu raio de sintonização e captação. Em ultrafania vigora a lei de afinidade. Trata-se de um princípio geral, segundo o qual cada médium não pode entrar em sintonia consciente senão com a noúre do próprio nível evolutivo. Isso porque a recepção inspirativa não se deve a uma transmissão individual, mas sim a uma imersão da consciência numa determinada corrente de pensamento, ou atmosfera conceptual, sintonizada com a forma determinada pela própria consciência. Por isso, se eu descer moralmente, então me dessensibilizo e perco a consciência daquele plano de noúres, densificando meu peso específico e perdendo a capacidade de mover-me naquelas alturas. Devo afinar diariamente o delicado instrumento da minha ressonância no sofrimento e no desapego, a fim de poder facilmente superar, não entrando em sintonia com elas, o mar de noúres involuídas e barônticas que me circunda. Devo sensibilizar cada dia o ambiente, para que este, pelo contraste de sua natureza, permaneça surdo às vibrações mais baixas e se lance, pelo contrário, para o alto, somente vibrando quando percutido por emanções elevadas. Assim como a onda elétrica, por ser mais evoluída, é também mais potente e mais livre que a onda acústica, abrangendo um raio de ação mais vasto e chegando mais depressa e mais longe, porque tem maior domínio na dimensão espaço-tempo, também a emanção ultrafânica captada pela minha recepção, quanto mais no alto estiver situada evolutivamente, tanto mais poderosa e livre é, tanto mais amplamente supera os limites das dimensões inferiores e tanto mais expande o campo conceptual que domina. De qualquer modo, quanto mais elevada for, mais poderosa será. Quanto mais eu subir evolutivamente, mais potente será a fonte que poderei atingir, mais se dilatará o raio de minha captação conceptual e mais profunda será minha visão das verdades absolutas. O progresso e o fortalecimento de minha inspiração provém inteiramente de meu progresso espiritual, porquanto basta subir para saber. Eu não estudo em livros, mas leio na vida. *“Há mais coisas no livro de Deus que nos vossos”* – dizia Joana D’Arc – *“e eu sei ler num livro que vós não sabeis ler”*. A sabedoria mais profunda é dada pela evolução, e não pela cultura. Isso poderá parecer absurdo em face da psicologia prática, mas os fenômenos têm uma lógica, e é preciso segui-la até às profundezas.

Compreende-se, deste modo, como eu situo o problema de minha mediunidade inspirativa e a razão pela qual acredito que assim se deve orientar o estudo dos casos de ultrafania elevada. Enquanto a grande

distinção da mediunidade comum é entre a vida terrena e o além, a minha diferenciação fundamental é entre involuído e evoluído. Meu caso mediúnico é problema ético, estando ligado ao fenômeno da ascensão do universo, e, enquanto imerge suas raízes na mais baixa animalidade, expande suas ramificações no céu das dimensões superconceptuais. Por isso, no meu caso, não tem sentido, deixando-me indiferente, a comunicação com os espíritos de defuntos, pois trata-se de espíritos que, situados mais ou menos no nosso nível, nada sabem e nada têm para nos dizer, senão as velhas e pobres coisas humanas.

A mim urge, ao contrário, superar este plano humano em que vivos e mortos se agitam, no qual se permanece sempre aqui em baixo, na sombra. Hamlet dizia: “*ser ou não ser*”. Eu digo: “*subir para saber, eis o problema*”. Estabelecida a premissa, demonstrada em *A Grande Síntese*, da evolução das dimensões e da ascensão dos seres através de planos de sensibilidade, de perfeição moral e de potência conceptual; estabelecido o monismo – também demonstrado em *A Grande Síntese* – de um universo gerado por um princípio único: Deus; e, finalmente, admitida esta teoria, já agora evidente, da percepção nouírica por mim realizada através da sintonização, compreende-se como minha mediunidade não pode ser senão a forma da evolução psíquica e espiritual do homem, repetindo a aspiração de todo o universo, que se encaminha para seu centro: Deus.

Minha mediunidade ora e adora e, por isso, é religião, mas também coloca-se em face da ciência, porque possui e demonstra a verdade. O fenômeno da minha captação nouírica está aberto diante da eternidade. Sinto que, através dele, de corrente em corrente, de esfera em esfera, eu me remonto àquele divino centro de poder e de conceito. Sinto que Ele me chama das profundezas do meu eu e das profundezas dos seres. Imergindo por meio de minha mediunidade, nos estratos mais íntimos de minha consciência, sinto que, através deles, subo aos vários planos evolutivos e que meu espírito encontra a unidade, o principio, a substância, o absoluto. Nas entranhas do relativo e além dele, sinto a verdade imóvel, em torno da qual ele vai girando no vórtice da evolução, porque a direção das noures está nas profundezas do nosso eu e das coisas, onde se encontra Deus.



Dirijamos agora o olhar para o outro extremo, mais baixo e mais acessível, do fenômeno. É evidente que, em suas zonas superiores, o fenômeno não pode ser alcançado pela observação e que, além destas

declarações, as quais somente eu posso fazer, o fenômeno permanece, em sua fase de origem, cientificamente incontrolável. Se pensarmos na relatividade da nossa posição na escala da evolução intelectual dos seres, veremos que nosso maior gênio representa uma redução de dimensão, um meio denso e material em relação a fases espirituais mais evoluídas. Já nos espantam a instantaneidade do pensamento e a profecia, que domina o futuro, sendo estas apenas as primeiras vitórias sobre a dimensão temporal. A ciência, produto da psique humana, não pode possuir os meios de observação daquilo que supera a capacidade da própria psique.

Em sua origem, a noúre elevada da revelação não é pensamento – o qual se transmite esfericamente, por ondas, embora através de um meio sutilíssimo, situado no limiar da dimensão espacial – mas sim a emanção de um superior estado cinético da substância, que, transportado ao nosso concebível, constitui uma realidade inimaginável, porque estendida numa gama de estados cinéticos com os quais a psique humana normal não sabe entrar em ressonância (compreensão).

A noúre penetra na zona do perceptível normal somente em sua fase de chegada, assumindo a forma vibratória de pensamento apenas depois de concluído o processo de transformação involutiva na consciência do médium. Por isso a ciência, que não possui outro meio de pesquisa, não pode atingir o fenômeno, a não ser utilizando o médium como instrumento. Não existe nenhum veículo mecânico que possibilite a alguém percorrer a dimensão evolução, senão o próprio eu que evolve. Não existem meios para captar o supersensório a não ser esse órgão ultrafônico, que funciona como transformador noúrico ou redutor de dimensões. Não resta, pois, à ciência senão uma observação indireta do fenômeno, tal como ele aparece refletido na psique do médium inspirado. Por isso, quis analisar o meu caso, pois somente eu o tenho, completo e à mão, para as observações. Só reunindo na mesma pessoa a função da ciência que observa e a do ultrafano que sente e registra, pode-se estudar intimamente o problema. Outra pessoa, embora mais sábia, não possui o contato direto com os fatos do meu mundo interior. Somente eu assisto ao processo de minha captação noúrica, não me sendo permitido fazer com que outros assistam a ele senão através destas minhas descrições. Para estes, não existe senão a possibilidade de estudo das minhas declarações e da estrutura psicológica das registrações conceptuais por mim realizadas. Permanecerão de fora, porém, aqueles que não são capazes de compreender, porquanto as mesmas leis do pensamento, que

também agora permanecem reais, não me permitem comunicar minhas sensações senão a quem é capaz de entrar em ressonância com tal ordem de vibrações. É natural, pois, que muitos neguem, porque não acham nenhuma correspondência na própria sensibilidade. Nada posso fazer por eles. Não se pode fazer ouvir o som a um surdo, nem fazer ver a luz a um cego. Os fatos, porém, continuam representando um enigma, pois, com a acusação de desequilíbrio neurótico, ser-me-á atribuída a paternidade absoluta de *A Grande Síntese*, o que desmente com toda a evidência tal julgamento. Para todos, permanece indestrutível o produto do processo inspirativo e a verificação de que é difícil consegui-lo com os recursos culturais normais; permanece a lógica desta minha interpretação, formando uma construção conceptual que se estende através de todo este volume, apenas para sustentar uma inexplicável humildade, pela qual renuncio a fazer meu um produto intelectual que estava a meu alcance.

Desçamos agora da altura da emanção nouírica ao nível humano, onde se detém a transmissão e se fixa a recepção. O último termo da transformação nouírica, o mais baixo do processo fenomênico, a zona de máxima involução, está no organismo nervoso-cerebral do médium. Já mostrei que é preciso elevar o potencial nervoso, para atingir a percepção nouírica. Por isso necessito de um aumento de tensão elétrica que me permita entrar em ressonância com a corrente nouírica, assumindo uma frequência maior (intuição) do que a racional normal. O período de adormecimento da consciência normal, que inicia a recepção, é o trabalho de colocação em fase com uma frequência de percepção superior à normal, saindo da ordem de vibrações comuns, para sintonizar com outra, mais poderosa. A vontade provém de uma frequência vibratória inferior, sendo uma irradiação mais involuída, cuja presença tem um poder destrutivo sobre esses mais evoluídos e delicados estados vibratórios, através dos quais é possível a sintonização com a nouíre. Por isso o inspirado é um sensitivo, e não (exceto raramente) um volitivo e dominador, tipo este que, embora apto para dirigir, é por sua vez impotente diante de tais problemas.

Tudo isso explica não só meu trabalho de sintonização do ambiente, que auxilia minha regização, mas também a minha necessidade de encaminhar esta sintonia a uma harmonização vibratória de meu próprio eu, a qual, quanto mais se eleva, mais tem de ser profunda. Explica-se assim o fato de que um afrouxamento de tensão de minha parte, por cansaço ou por distúrbios no ambiente, pode produzir verdadeiros fenômenos de

esvanescimento, análogos ao fenômeno de evanescência (fading) das radiotransmissões. Em sua zona mais baixa, o fenômeno tem características elétricas, pois é constituído, na verdade, por disposições de cinética atômica no plasma cerebral, e o átomo é um organismo elétrico.

Essa oscilação, pois, que meu ser psíquico tem de realizar ao longo da escala de evolução e involução, para ascender a uma dimensão superior e depois reduzi-la à normal, reflete-se, na sua zona mais baixa, em mudanças de potencial, de tensão e de frequência vibratória no meu sistema nervoso e cerebral. A transformação de dimensão, iniciada pela emanção originária através de processos imateriais supersensórios, incontrolláveis pela observação, vai-se tornando, à medida que desce involutivamente, acessível aos métodos da ciência, porque se manifesta, finalmente, em forma de onda-pensamento no meu cérebro e termina, através de movimentos musculares da mão, sobre a ponta da pena. Esta é a fase final, a mais densa, da materialização da noúre. O pensamento, que era antes móvel e fluido, solidifica-se agora na palavra, cristalizando-se numa forma imutável. O pensamento que, antes, eu sentia completo, instantâneo e contemporâneo, justamente porque situado numa dimensão supertemporal, deve, durante o processo de redução, ser transformado em consecutivo e filiforme, como na palavra, tendo a sua dimensão volumétrica reduzida à linear.

O fenômeno se torna tangível no momento em que ocorre a coagulação da substância mobilíssima e evanescente, que, sendo rapidíssima para escapar, eu trago segura num estado de extrema delicadeza perceptiva, o qual, por ser também de vulnerabilidade nervosa, faz-me estremecer a cada perturbação ou interrupção. Isso se mostra lógico, se levamos em consideração o processo que se tem de realizar em minha psique e no meu cérebro. Acompanho a corrente noúrica como arrebatado em êxtase, mas devo refrear e dominar a contemporaneidade deste estado na gênese filiforme do pensamento; devo fazer transparecer na modulação racional e linguística a modulação da emanção superconceptual originária; devo manter, através da minha tensão, a percepção supersensória anímica e abstrata como uma ligação delicadíssima que, ao mínimo choque, rompe-se. Medite-se em quão imensa distância a emanção de origem está separada da registo final, e no fato de que, apesar disso, elas devem estar unidas em ressonância, para fazer a modulação de chegada, embora reduzida, coincidir, sem distorções, com a modulação de partida. Quanto mais alto se sobe e, portanto, mais próximo se fica da unificação, tanto mais necessário

é o estado harmônico, por isso qualquer choque heterogêneo, acústico ou psíquico, que penetre o ambiente, pode provocar interferência, produzindo distorções. Nesse caso, eu sofro e, numa condição na qual não deve haver cansaço), canso-me, pois tenho de reconstituir a tensão.

Um conceito é um estado vibratório individuado e delicadíssimo, que, uma vez perdido, não pode mais ser encontrado com a lógica e muito menos com a vontade, retornando tão somente quando excitado por conexão de ideias, através de uma nova passagem que se aproxime dele num estado vibratório afim. Por isso eu escrevo rapidamente, deixando a forma aos automatismos. Este é o motivo pelo qual minha cultura se faz necessária, pois certos conhecimentos inferiores, para alcançarem mais depressa o objetivo, devem ser instintivos. Neste caso, as capacidades culturais representam a exercitação e o crisol do instrumento, tornando-se necessárias pela lei do meio mínimo³².

Se a tensão é igual e a sintonização aderente, sem perturbações e interferências, a registo se processa segura, perfeita no conceito e na forma. Por isso tomo as minhas precauções e escrevo à noite, tanto pela ausência de ruídos como pela segurança de não ser interrompido, mas sobretudo pela tranquilidade trazida pelo sono ao estado psíquico geral, que, durante o dia, pelas emanções violentas, é verdadeiramente atordoante para mim. Além disso, sinto que os próprios raios solares têm um poder destruidor.

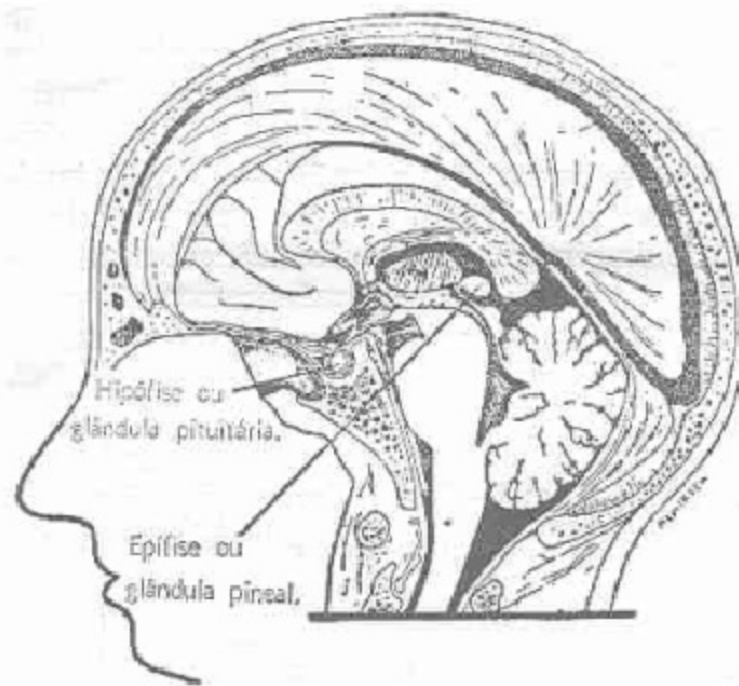
Sei que muitos escritores e artistas trabalhavam à noite (por exemplo, Debussy). Sinto até mesmo os distúrbios elétricos da atmosfera. Tudo que perturba o rádio também me prejudica, embora relativamente, pois as descargas elétricas, apesar de poderosas, provêm de um plano de evolução diferente (dinâmico, e não psíquico), sendo de natureza diversa e, portanto, estando qualitativamente mais distantes de mim, enquanto um estado de ânimo barôntico (involuído) dos meus semelhantes, que apresentam maior afinidade com minha natureza humana, introduz-se mais facilmente em meu estado vibratório. Ferem-me, por isso, um impulso de ira que ocorra nas vizinhanças, assim como as emanções dos alcoolizados e de qualquer ambiente moralmente pouco evolvido. Tudo isso, especialmente se inesperado, constitui para o meu sistema nervoso um choque capaz de produzir agudo sofrimento. Certas músicas, ao contrário, especialmente se de profunda orquestração, têm para mim um poder sintonizante acentuado, como Bach, Wagner, o piano de Chopin e Liszt, Rimsky, Korsakow,

Mussorgsky, Glasunow, Albeniz, Palestrina, Debussy e muitos outros. Por outro lado, Stravinsky, por exemplo, me irrita; a potência de Beethoven, assim como a de Miguel Ângelo, me esmaga; Mozart não sofre e não clama como eu desejaria. Tenho necessidade de compositores cuja noúre se afine com a minha, para que sua música me ajude, fundindo-se em minha sintonização.

Resumindo, quanto mais abstrato é o pensamento, tanto mais desmaterializada pela forma dinâmica é a onda de sua vibração. O conceito – que, em sua origem, nem ao menos se reveste de palavra, não possuindo linguagem – vai envolvendo numa descida cada vez maior, até atingir a percepção sensória e imobilizar-se no escrito.

Quanto mais o fenômeno desce involutivamente, tanto mais se torna apreciável na forma ondulatória de ondas hertzianas, luminosas, sonoras etc., localizando-se também, especialmente, na sede física constituída pelo cérebro. Pode-se buscar aqui o órgão específico da inspiração ultrafônica: a epífise. Esta glândula pode ser definida assim: “o órgão do cérebro, não ainda suficientemente conhecido, que é indicado, ultrafonicamente, como o meio mecânico através do qual as noúres são recebidas pelos hipersensitivos” (Trespioli, “*Biosofia*”, pág. 232). O órgão da sintonização noúrica se encontra no cérebro, constituindo mais particularmente a glândula pineal. Disse “particularmente”, pois devemos desde já entender-nos logo a respeito dos princípios de fisiologia. A ciência materialista teve a mania da localização das funções cerebrais, dando-se à caça da sede fisiológica das funções psíquicas através de experiências de extrações localizadas. Tudo isso é resultado de sua orientação materialista e somente poderia revelar-lhe relações e associações superficiais, mas nunca o princípio funcional do cérebro. Este é somente o órgão das funções psíquicas, cuja estrutura constitui efeito, e não causa de funções. Portanto, ao invés do pensamento ser uma secreção do cérebro, é o cérebro que, se podemos dizer assim, constitui uma secreção do pensamento.

O órgão cerebral é o produto mais elevado da evolução biológica. Trata-se do órgão através do qual a química inorgânica do mundo pré-vital, interiorizando-se, através do processo evolutivo, no complexo metabolismo da química orgânica, atinge o estado de superquímica, em que os íntimos movimentos planetários atômicos se deslocam até à desmaterialização da matéria.



*Secção mediana da cabeça em que se notam
a sede e o volume da epífise e da hipófise.
(Prof. Rouvière)*

A ciência não admite nem possui os recursos de observação para conhecer as formas de vida invisíveis, mas reais, que a evolução biológica, com o desenvolvimento da consciência, produziu após o cérebro. Assim a ciência encontra-se estudando o cérebro nas mesmas condições de um selvagem que observasse um aparelho de rádio sem conhecer seu princípio de funcionamento. É inútil olhar exteriormente o conjunto de fios, lâminas e válvulas, se não se conhece o princípio das ondas hertzianas. Da mesma forma, é inútil pesar o cérebro e medir-lhe o volume, se o que importa é a qualidade, e não a quantidade; é inútil estudar-lhe a anatomia, contar-lhe as circunvoluções, localizar centros corticais, perseguir os circuitos elétricos centrífugos e centrípetos através do sistema nervoso, se o princípio é ignorado. A ciência se achará sempre e unicamente em face dos fundamentos do edifício, não lhe enxergando a superelevação evolutiva no mundo do imponderável, que constitui outro organismo vivo em funcionamento, palpitante de vibrações, mas imaterial, e que, por estar situado em dimensões hiperespaciais, somente pode ter sua anatomia conhecida por outros caminhos e com outros instrumentos. O cérebro é o substrato material destas forças superbiológicas, sendo o ponto de contato destas com o organismo animal; é o órgão por meio do qual o organismo psíquico entra em contato com o mundo sensório da matéria. Portanto o cérebro, que foi meio de construção do psiquismo, é igualmente seu invólucro exterior, constituindo seu apoio material e funcional, e está para a consciência assim como o esqueleto está para o organismo humano, do qual esta estrutura óssea, embora seja seu sustentáculo, jamais poderá revelar nem o princípio nem o complexo funcionamento. Para compreender o órgão cerebral, não basta, portanto, olhar seu exterior com simplismo pueril, mas é necessário penetrar na orientação cinética dos movimentos planetários dos átomos de suas células, observando não apenas as deslocamentos que as vibrações ondulatórias do pensamento operam nessas disposições, mas também as mudanças operadas aí pelas emanções nouíricas, quando chegam, por redução involutiva, a esse plano de oscilação dinâmica. A anatomia precisa descer à análise da natureza magnética dessas correntes imponderáveis que, emanando de todas as coisas, impressionam esses centros, nos quais a sensibilização é máxima, porque se encontram no ápice da evolução biológica.

Compreender-se-á, assim, o motivo pelo qual o cérebro, apesar de ser dela o órgão normal, não pode em certos momentos e casos conter

completamente a consciência, que dele extravasa então, superando as limitações do meio com uma percepção anímica direta, supersensória. E a consciência supera o meio a tal ponto, que sobrevive à destruição deste, conservando o grau de sensibilidade correspondente, como vimos, ao plano de evolução espiritual alcançado em vida, cujo nível é proporcional ao grau de desmaterialização realizado.

Leio, num tratado, que, mesmo com a destruição de um hemisfério cerebral completo, a consciência também pode persistir. Isso demonstra a loucura da teoria das localizações e o absurdo de se pretender estabelecer o lóbulo central da consciência. O cérebro não pode ser reduzido à função mecânica de um órgão muscular. Deve-se levar em conta que ele funciona não somente movido por correntes elétricas nervosas internas, mas também percutido por correntes ondulatórias que percorrem o espaço sem suporte material, ao influxo das quais ele também vibra.

Tudo isso expus para demonstrar que a localização da recepção nouírica na glândula pineal é relativa e aproximativa, sendo melhor dizer que nela o fenômeno é preponderante, pois todo o cérebro vibra em ressonância, todo o sistema nervoso, todo o organismo. A glândula pineal é o órgão central que, de modo análogo a um condensador de sintonização variável, realiza a amplificação da regização nouírica. No entanto o organismo todo colabora mais ou menos diretamente, em conexão, funcionando como uma caixa ressonante na qual as radiações se repercutem e se harmonizam.

Na epífise, a percepção nouírica se realiza através da diversa orientação imprimida pelas vibrações da corrente nouírica, que, investindo em forma de onda degradada os movimentos planetários internos dos átomos das moléculas, é lançada no metabolismo celular da substância glandular pineal. O último termo do fenômeno está sempre na cinética atômica. Todo o cérebro, porém, é sempre percutido e percorrido por correntes psíquicas, pelas quais ele é mantido em contínua oscilação, funcionando constantemente como transmissor de vibrações-pensamento. Assim como o olho sempre vibra à luz e o ouvido ao som, o cérebro também vibra ao pensamento. Este princípio geral se aplica no caso da recepção nouírica, no qual se destaca evidente a ressonância. Na percepção sensória, a ressonância ocorre através de um meio condutor, enquanto, na nouírica, ela se processa livremente. Trata-se sempre, no entanto, de vibração por sintonização. Isso é compreensível hoje, quando também a telegrafia se tornou sem fios.

No meu caso, a epífise deve ter atingido (não como volume, mas sim como orientação cinética atômica) um grau evolutivo de potencialidade e de sensibilização que a possibilita funcionar na dimensão evolução, como antena de captação evolutiva e como transformador de redução involutiva.

O outro problema afim reside em saber como estes órgãos atingem tal grau evolutivo. O funcionamento e o desenvolvimento evolutivo de um órgão é dado pela corrente nervosa que o mantém e lhe excita as trocas, fornecendo-lhe a alimentação dinâmica. Quando essas correntes nervosas não descem mais do centro, ocorre o atrofiamento do órgão, que, de modo inverso, quando elas se intensificam, desenvolve-se.

Essas correntes nada mais são senão impulsos elétricos, cuja atuação modifica a orientação dos íntimos movimentos do átomo, que é um organismo elétrico. Por isso elas alteram toda a química da troca, que pode assim atrofiar-se ou encaminhar-se para superiores formas de evolução.

O centro irradiante destas correntes, estando além do sistema nervoso e do cérebro – dois meios intermediários inferiores – constitui a própria consciência, que, encontrando-se à frente da marcha evolutiva, quanto mais se eleva, tanto mais vai retirando as correntes de seu funcionamento nos níveis inferiores, para centralizá-las num funcionamento evolutivamente mais elevado. Desse modo, no inspirado, o organismo tende ao emagrecimento muscular, pois as funções digestivas não mais admitem labores pesados. Tudo tende, então, à atrofia do que é físico, para alimentar o que é psíquico. É absurdo procurar no intelectual e no gênio um cérebro mais volumoso, quando este se acha justamente no caminho da desmaterialização. Estamos nos antípodas da ciência. No caso do órgão cerebral, a desmaterialização progressiva de funções por evolução é, como já disse, um problema de cinética atômica, sendo este o sentido no qual falei aqui de funções espirituais.

A glândula pineal é, pois, o órgão central da ressonância psíquica e da sintonização nouírica. No meu caso, essa glândula é o órgão principal da ressonância superconceptual e, simultaneamente, da transformação de dimensão pela qual se forma, por deslocções cinéticas na íntima estrutura dos átomos, a redução da emanção nouírica em forma de pensamento.

As ressonâncias, porém, não são todas iguais nos diversos ultrafanos. Alguns deles têm uma extensa gama de possibilidades de sintonização, embora se mantenham num nível mais baixo, havendo muitas vezes, entre todas elas, a sintonização preferida, que é aquela de maior afinidade. O meu

caso, pelo contrário, poderia ser chamado de sintonização fixa ou ressonância única, porque, por instinto de simpatia, eu me ligo ao contato de máxima elevação que minha evolução me permite, rejeitando todos os outros. Pelo fenômeno da ressonância, que é unificação de vibrações, estabelece-se uma espécie de fusão do meu eu mais elevado com o centro emissor, ocorrendo uma reabsorção da minha personalidade na noure, pela qual, naquele nível, não existe mais uma distinção entre o eu e o não-eu, tornando-se tudo a mesma força, o mesmo pensamento, a mesma corrente.

A matéria separa, mas, quando nos elevamos e nos aproximamos da unificação, a evolução nos conduz ao centro divino.

Naquele plano, não faço mais distinção entre a entidade inspiradora – a noure captada – e o meu eu mais profundo. É natural que o mais absorva o menos e que, assim, a pobre chamazinha de meu espírito se confunda em tal incêndio, não me sendo mais possível dizer: “eu”. A distinção, porém, renasce rapidamente, tão logo, na redução de dimensão, torno a descer, involutivamente, até minha personalidade humana. O meu caso, portanto, é de ultrafania especializada na captação conceptual, sendo esta verdadeiramente a marca das minhas registrações.

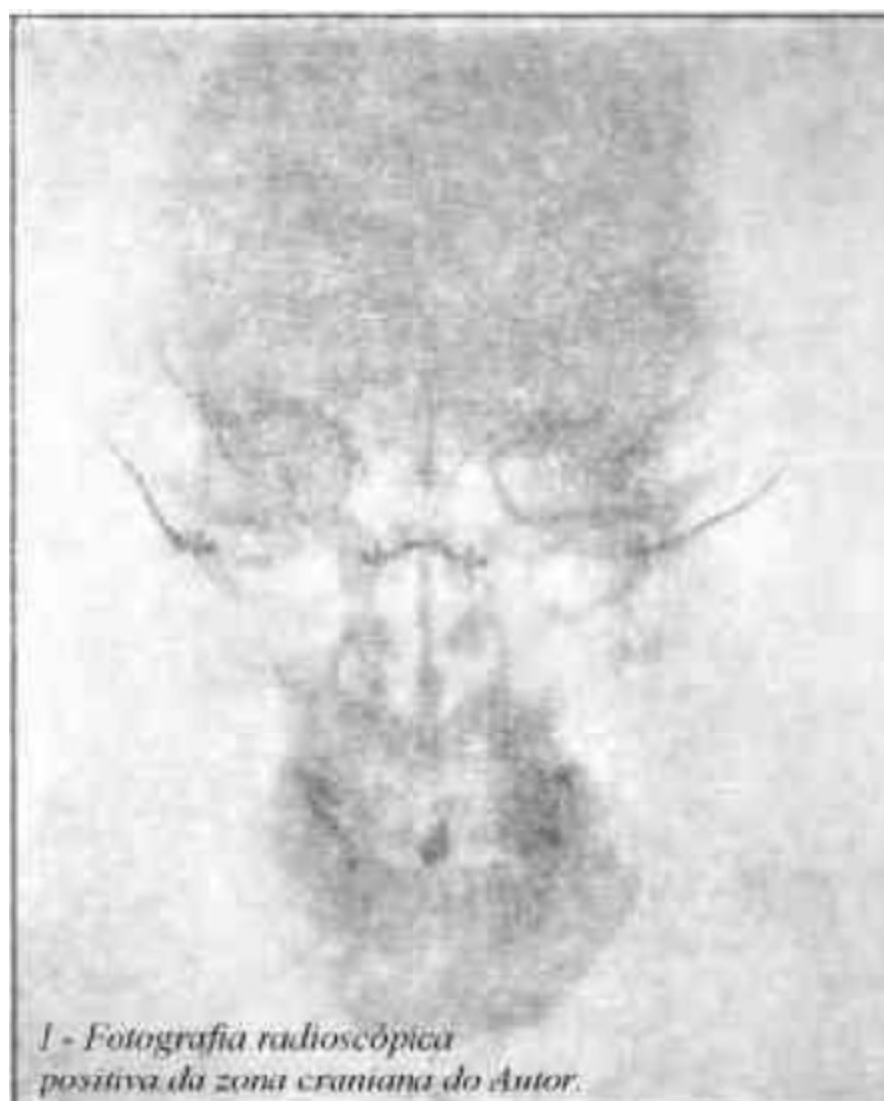
Embora eu tenda à ligação mais elevada, porque esta me dá o conceito máximo, isso não impede que a ressonância, ferindo-me indiretamente, possa formar-se também com seres e coisas de planos inferiores. Porém eu não os aceito senão como elementos ambientais secundários de harmonização, que podem ser úteis para a inspiração artística e musical, mas não para a conceptual. Existe também, nas profundezas de minha psique, um poder seletivo, sem o qual se daria, como em alguns rádios antigos, uma confusão de frequências harmônicas. Há em minha glândula pineal um órgão de seleção, utilizado por mim, não para captar, mas sim para afastar, após havê-las reconhecido, as ressonâncias que se apartam de minha registoção conceptual e que, soando-me como dissonâncias barônticas, constituem distúrbios dos quais procuro isolar-me.

Embora a glândula pineal (ou epífise) – órgão da sintonização nouírica – não possa sobressair radioscopicamente, devido à transparência dos tecidos aos raios X, as zonas da radiografia da região craniana central de maior sombra na fotografia positiva e de maior luz na negativa (fotos I e II! um pouco acima do centro, entre os olhos; fotos III e IV, no centro da caixa craniana) indicam a sede da função nouírica no ponto central da esfera cerebral e craniana, que funciona como invólucro exterior, protetivo e

ressonante. Enquanto, no centro dessas zonas de maior densidade, está localizado o órgão de amplificação da regização nouírica, atuando como condensador de sintonização variável, a quase-esfera de matéria cerebral, delineada pela quase-esférica caixa craniana, exerce, como tecido especializado, sua função de caixa harmônica de ressonância, constituindo um segundo órgão de amplificação. A estrutura geométrica desse primeiro ambiente fechado é apropriada à potencialização da onda transmissora e da onda captada, o que se verifica na emanação e na recepção nouíricas. É sobretudo neste último caso, relativo à regização de emanações provenientes de dimensões superconceptuais – quando a corrente atinge por redução dimensional a fase dinâmica, assumindo a forma de ondas transmitidas por pulsações esféricas – que a caixa craniana, fechada em si, multiplica e amplifica, por refração interna no ambiente cerebral (meio este particularmente propenso a entrar em vibração, ao ser excitado pela ação de tais ondas psíquicas), aquelas ondas, que, justamente na zona cerebral, realizam a última fase de sua redução dimensional, já iniciada antes, fora do espaço de emanação psíquica do sujeito, região na qual ela é completada agora. Assim transformadas e potencializadas no cérebro, onde, por absorção, revestem-se de energia nervosa e ribombam, finalmente fechadas e isoladas no interior da caixa craniana quase-esférica, as ondas podem impressionar muito mais energicamente a epífise nouírica.

Na radioscopia lateral, é visível à margem da seção a caixa óssea, que funciona como invólucro isolante do ambiente amplificador cerebral. A massa aí contida se abre para uma zona de maior transparência e menor densidade, revelada por uma área de maior luminosidade na fotografia positiva, estendendo-se na direção do alto, que é a direção das correntes nouíricas. Esta é, não apenas em razão do caminho de menor resistência, mas também em função do equilíbrio vibratório, a zona normal de penetração nouírica, constituindo a porta aberta através da qual a epífise pode comunicar-se externamente com as ondas que, na fase dimensional mais próxima, são espaciais. Esta região não seria apenas a zona de penetração, mas também a janela aberta para a projeção nouírica, ponto através do qual aflora e se projeta exteriormente a irradiação espiritual. Quando, através desse processo e dessa técnica, a emanação atinge o sujeito e penetra em sua caixa craniana, a corrente nouírica, degradada em forma de onda, está apta a imprimir e imprime uma diferente orientação aos movimentos planetários dos átomos que constituem as moléculas das

células cerebrais. Então, a pura excitação nouórica, revestindo-se de energia psíquica e nervosa, materializa-se ainda mais, tornando-se praticamente perceptível, inclusive através de instrumentos ou de sensações, e, assim, depois de haver atingido sua última fase de transformação, torna-se suficientemente densa, podendo por isso impressionar a epífise, que, arrastando consigo, em sua sintonização, o cérebro e o sistema nervoso, dirige a função mecânica muscular da escrita.

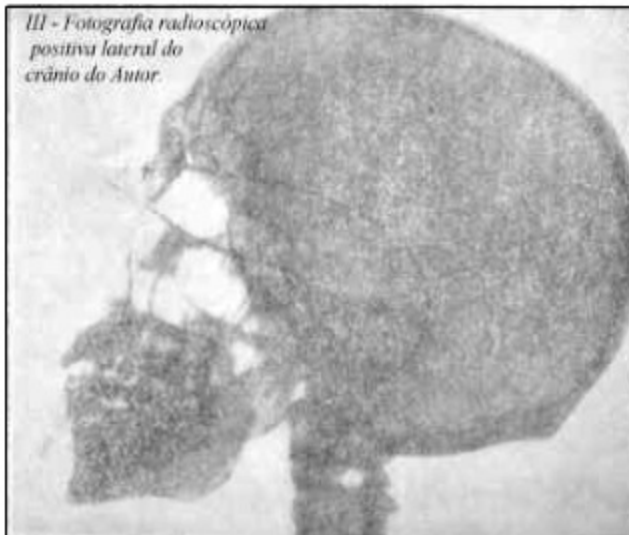


*1 - Fotografia radioscópica
positiva da zona craniana do Autor.*

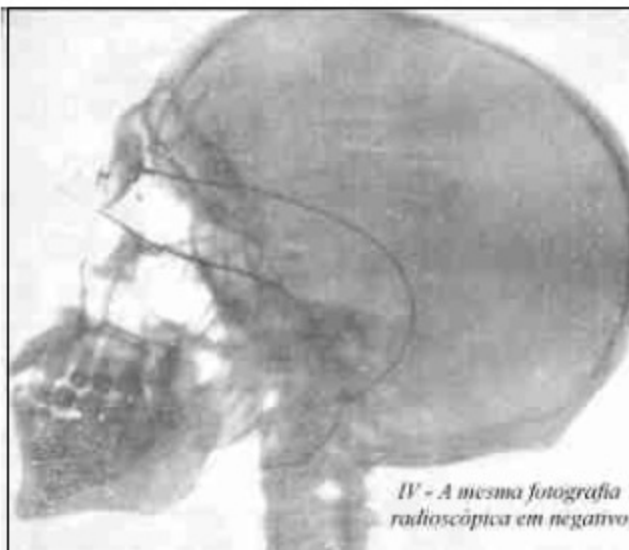


II - A mesma fotografia radioscópica em negativo.

*III - Fotografia radioscópica
positiva lateral do
crânio do Autor.*



*IV - A mesma fotografia
radioscópica em negativo.*



VI. CONCLUSÕES

Esse mundo em que nos temos agitado até agora não é um mundo fantástico. Num campo muito menos elevado, a rãdomancia, renascente hoje com o nome de radiestesia, demonstra que, se o sensitivo, ao passar sobre um manancial de água ou uma jazida mineral, sente algo cuja natureza ele pode especificar com grande exatidão, isso significa que estes elementos emitem alguma espécie de irradiação, algum tipo de onda eletromagnética capaz de ser percebida pelo sistema nervoso humano sensibilizado. Os minerais, portanto, também emitem correntes, subsistindo, por isso, no seio do universo toda uma emanção imaterial. É lógico que, assim como os minerais, as plantas também emitem correntes, razão pela qual uma paisagem constitui uma sinfonia de vibrações, cujo conteúdo o musicista poderá transformar em harmonias musicais. Todos os seres transmitem correntes, portanto também a psique humana, que é, entre todos, a central mais dinâmica.

O problema das noures adquire, assim, uma importância muito mais vasta que a mediúnica. O problema das noures é o problema da inspiração artística, que só elas podem explicar; é o problema do desenvolvimento psíquico da humanidade, dos sistemas de aquisição cultural, dos novos métodos de pesquisa necessários ao ulterior progresso da ciência, métodos de concepção que deem novos rumos à filosofia e a todo o cognoscível humano, com repercussões na direção da vida social, de modo a tornar possíveis as bases de uma nova civilização.

Observemos estas últimas consequências que enunciamos.

É um fato verificado, para quem está habituado à criação intelectual e artística, que esta, na verdade, não se realiza pelas vias da consciência quotidiana normal, cujo emprego nos é tão útil para as necessidades e relações da vida. É quase como se o processo da racionalidade consciente e reflexa fosse suspenso, para que, através de construções superiores, um mecanismo mais íntimo e complexo seja posto em movimento numa zona mais profunda de nosso eu, funcionando com métodos supervolitivos e super-rationais.

Assim como os inspirados sempre tiveram uma voz, os poetas também tiveram suas musas e os musicistas, a sua inspiração.

Wagner dizia no seu diário de vida veneziana, a propósito de uma passagem do seu *Tristão*: “Aquela passagem me apareceu clara; transcrevi-a rapidamente, como se de há muito já a soubesse de memória”.

Perosi diz que o ato de compor é para ele uma necessidade impulsiva do temperamento, que tem necessidade de produzir.

Chopin compunha numa espécie de êxtase.

Acontece que artistas e gênios são na verdade ultrafanos, registradores de noures.

Na realidade, todas as mentes, sejam elas de artistas, sábios ou santos, cada um em seu campo, sempre que se projetaram verdadeiramente na direção do alto – constituindo verdadeiros tentáculos lançados pela evolução antecipadamente, de encontro ao infinito – para arrancar uma orla do grande mistério das coisas, usaram esses meios, que escapam à racionalidade comum. Esta, quando comparada a tais meios, aparece como coisa vulgar e inferior, condenada por sua própria natureza a jamais saber elevar-se acima do plano no qual se move, permanecendo no infinito trabalho de análise, sem esperança de síntese. Trata-se de uma questão de grau, porém a inspiração artística se esfuma na mediunidade, como no caso de Rosvita Bitterlich, a menina de Innsbruck, cujas telas, tanto pelo conceito como pela técnica, assombram os pintores e confundem os psiquiatras.

Existe outro fato, porém, dado pela fundamental unidade interior da inspiração, idêntica para todos em suas origens, unidade esta que se espedaça, modulando-se em diversas formas, somente quando desce ao mundo exterior, através dos caminhos oferecidos pela capacidade do sujeito. Isso corresponde àquela unidade de princípio de que já falei, para a qual se tende por ascensão evolutiva.

Desse modo, a ideia abstrata do bem pode tornar-se música, poesia ou pintura, renúncia, martírio ou ação heroica, conforme o ambiente humano em que se materializa. Cada realização concreta é um processo involutivo no qual a unidade se ramifica no particular. Por isso cores e sons, assim como as várias sensações humanas, equivalem-se num plano mais alto, não passando de diferentes vestiduras do mesmo conceito. Esse conceito foi percebido por Franz Liszt, quando, de Roma, escreve ao seu amigo Berlioz, dizendo-lhe como sentia um secreto parentesco entre Rafael e Mozart, entre Miguel Ângelo e Beethoven, entre Ticiano e Rossini. Poder-se-ia afirmar não apenas que na profundidade da consciência se tocam os planos superiores,

onde a ideia, antes de descer e diferenciar-se na forma concreta, é abstrata, existindo em tipos simples e únicos para muitos grupos de manifestações diversas, mas também que, quanto mais subimos para o centro, tanto mais a ideia originária se faz abstrata e única, até identificar-se naquele monismo absoluto, que é Deus. Assim arte e fé, ciência e ação nada mais são do que diferenciações produzidas pela descida daquele princípio único.

Estes elevados problemas de psicologia têm também uma grande importância prática, porque sua compreensão e solução revolucionam todos os rumos intelectuais e científicos de nossos tempos. Revolucionam não somente os métodos de pesquisa científica, mas também os sistemas de aquisição cultural.

Estou persuadido de que o saber humano, em todos os campos, não pode mais avançar com os velhos métodos e de que é necessária e iminente uma mudança de rumo. É evidente que a verdade, embora tão laboriosamente atacada, já existe íntegra e completa, funcionando desde toda a eternidade. O universo é e sempre foi um organismo perfeito, não dependendo, para isso, da compreensão humana. Ele possui sua sabedoria e suas leis, sabendo aplicá-las com consciência e equilíbrio. Não se trata, pois, de criar algo, mas sim de saber enxergar o que já existe, de saber atingir conceitos que se distanciam de nosso relativo. É absurdo continuarmos a observar eterna e exteriormente os fenômenos, multiplicando observações e classificações, e permanecermos esmagados sob a mole divergente do particular. É imprescindível aperfeiçoar e potencializar esse instrumento de pesquisa que é a consciência humana, se quisermos algo capaz de produzir um resultado prático.

Para mim, o método racional analítico não passa de uma redução involutiva do método intuitivo sintético. A evolução psíquica do homem impõe a ascensão a este método mais profundo. Estou convencido de que a solução dos problemas não se acha no exterior sensório, mas sim no interior intuitivo, e de que ela só pode ser alcançada, se nos projetarmos dentro de nós mesmos, com a introspecção, e não para fora de nós, com a observação.

Sinto que os princípios não podem ser encontrados senão por visão, por uma transformação de consciência que se identifique com o fenômeno, por uma transferência do eu a um novo plano conceptual. Enquanto se permanecer na dimensão atual da razão, certos problemas permanecerão insolúveis. É fato comprovado que as mais elevadas verdades, as sínteses conceptuais, sempre são descobertas a golpes de gênio, sendo reveladas por

inspiração, e não por análise objetiva e racional. Esta não sabe tomar a seu cargo senão o desenvolvimento metódico de um princípio, quando este e sua orientação já foram apresentados.

A audácia de minhas conclusões está em propor à ciência, como instrumento normal de investigação, o método de pesquisa por inspiração nouírica, a fim de que o processo intuitivo complete o atual sistema dedutivo experimental. Estou convencido de que os conceitos já existem em forma de emanções radiantes, de correntes em expansão, bastando apenas captá-las. Sinto que o problema do conhecimento só é solúvel com este novo método de sintonização nouírica, o qual tenho vivido, aplicado e amplamente descrito aqui. Trata-se certamente de um método delicado e complexo, sendo necessário antes compreendê-lo, para se saber usá-lo. É necessária delicadeza psicológica, para não se maltratar nem se prejudicar o delicadíssimo instrumento de pesquisa que é a psique do ultrafano. Será preciso tempo, deverão ser superadas as resistências opostas pelo misoneísmo do passado, será laborioso reformar a psicologia da ciência, mas não existe outro caminho para avançar.

A própria evolução tem de levar, inevitavelmente, à normalização da intuição.

O homem, chegando a uma determinada fase de sua evolução psíquica, tem de atingir, normal e naturalmente, o conhecimento pelas vias da captação nouírica.

Os tempos já sentem, confusamente, essas iminentes revoluções que abalarão em suas bases o pensamento humano. Embora de modo vago, já se pronunciam as palavras que exprimem as novas tentativas e tendências. É necessário indicar exatamente e aprofundar, falando de coisas reais e de casos vividos, por já ter aplicado o método e realizado os resultados. Os inspirados têm mantido até agora, como lugar comum, o campo dos princípios gerais, os termos vagos do sentimento e as elevadas mas imprecisas aspirações do misticismo. Assim, permanecendo na linha da inspiração artística, não fizeram da intuição uma verdadeira técnica de pensamento, metodicamente dirigida na direção da pesquisa científica. Por isso era necessário chegar a uma revelação científica exata, a fim de dar à ultrafania um conteúdo vasto e concreto, que dela fizesse um instrumento portador de contribuições tangíveis à ciência.

Nesta efervescência dos tempos, ansiosos de novas direções, foi lançada uma corrente de ideias que não poderá ser detida, pois achará ressonâncias

que a amplificação e repercutirá em consciências que, fazendo-a suas, irão levá-la a grandes distâncias.

O futuro da humanidade está biologicamente em sua espiritualização. Ou espiritualizar-se ou morrer.

O materialismo aprisionou e comprimiu o espírito na matéria, talvez somente para que ele pudesse melhor explodir novamente. Um sopro novo tem que dinamizar tudo com o espírito, pois, de outro modo, a vida se apagará. Não se trata de algo vago, sentimental e enfermiço, mas sim de uma espiritualidade viril, operante, científica, volitiva, consciente do titânico trabalho construtivo que a espera e que ela tomará para si. A luta pelo espírito será a luta mais digna da vida.

Desses conceitos, podem ser extraídas ainda outras consequências de índole prática. Frequentemente, tenho perguntado a mim mesmo se sabemos pensar e aprender. Não encontraremos nessas profundezas psicológicas novos métodos, mais fáceis e mais produtivos, em favor da aquisição cultural?

Ao estudar e aprender, atemo-nos aos sistemas mais empíricos, como ler, repetir e memorizar, sem percebermos a essência do pensamento e dos fenômenos psíquicos, sem nos darmos conta de quão complexa entrançadura de vibrações e de ressonâncias sejam eles a síntese, sem nos preocuparmos de quais interferências de ondas e de quantas captações noutras a mente seja suscetível. Não estaremos assim, talvez, apenas atirando ao acaso, diante da mente, um alimento qualquer, para que ela o assimile, não se sabe como?

Reconheço bem o quanto a psique humana, na massa comum, é imatura para estas sutis operações de pensamento, porém minha audácia está justamente em pensar na normalização de tais métodos. Estou certo de que o homem se acha numa grande curva de seu caminho evolutivo, de que a eterna criação biológica está operando atualmente no nível psíquico e de que novos métodos se impõem pela lei do meio mínimo. Por que deveria o método intuitivo limitar-se apenas às formas artísticas e poéticas? Por que não poderia existir uma nova e normal inspiração filosófica, matemática, social, moral, científica? Por que não reconhecermos que a sabedoria não se encontra nos livros, farrapos do passado, mortas cristalizações do pensamento, mas sim nas vivas correntes conceptuais em que palpita e se sustém todo o universo? Por que negarmos que, para o conhecimento, importa somente saber ler esse grande livro do infinito? Por que, para a

formação cultural, não se preferirão, em vez das longas e exaustivas vias do estudo, as da purificação da consciência pela evolução, que a conduz à dimensão superconceptual, onde a visão da verdade é espontânea? No Alto, a sabedoria é gratuita, havendo de chegar o dia em que o homem, através de sua progressiva espiritualização, adquirirá o conhecimento por imersão em estados vibratórios e por exposição da psique às correntes nouíricas.

Por que, ao invés de um esforço mnemônico para acumular noções, a formação cultural não deverá ser um processo de sensibilização da psique, que lhe permita a captação das ondas-pensamento por sintonização?

Tenho a sensação de que há em todo o sistema cultural moderno um erro fundamental, dado pela descentralização do conhecimento no particular, condição que conduz ao desnorteamento na especialização; tenho a sensação de que sob o peso esmagador de uma série enorme de noções, não se atinge a centralização conceptual, que nos fornece os princípios nos quais está a chave de todos os problemas, mas sim a dispersão. O saber não é uma congêrie de conhecimentos; é uma superfície que não se domina permanecendo-se nela e percorrendo-a em todos os sentidos, mas somente elevando-se à altura de uma dimensão superior. A verdadeira cultura é algo de qualitativamente diferente da erudição, é um sentido. Para o registro e armazenagem da erudição não bastam as bibliotecas? A psique tem funções diretivas a cumprir mais importantes que as registrações mecânicas, que se assemelham a uma pesada carga para a inteligência, correspondendo a um trabalho material de caráter inferior.

Na verdade, hoje se começa a pensar. Mas a produção, em vez de um concerto, é ainda caótica, paleontológica, estrondeante. Tenta-se, mas não se domina. A mole cultural é embaraçosa, dificultando a síntese, em vez de auxiliá-la. O saber é exterior e desorientado, não destilando na transparência que deixa ver os princípios. É raro o caso da intuição que se desembaraça do passado e, deixando de repetir velhas coisas que existem em todos os livros, lança-se virgem pelas vias da criação. A orientação materialista do século mecanizou também o saber, criando um tipo de sabedoria utilitária acessível a todos, como uma vestimenta que todos podem usar. A cultura, porém, é um impulso interior, cujo segredo está na força da alma.

É necessário impelir o atual desfraldar de competições para uma direção diferente, deslocando o centro psicológico da vida. Atualmente, o pensamento é um esforço, porque tem de emergir da cegueira da matéria, porém, em fases mais altas de sensibilização, ele é espontâneo, jubiloso,

repousante. As atmosferas mais rarefeitas da evolução são construídas de pensamento; basta atingi-las.

A escola deveria ser uma palestra para formar indivíduos conscientes, e nunca para torná-los meros e fatigados carregadores de conhecimentos, oprimidos pelo trabalho aquisitivo de noções.

A sufocante supercultura moderna deve ser aligeirada em verdades mais simples e sintéticas. Estas, embora possam não parecer, são coisas bem menos longínquas do que se acredita. A vida caminha e não pode parar. A evolução se dirigirá necessariamente à normalização de todas estas audácias. A ciência não pode permanecer para sempre tão limitadamente utilitária e sentirá necessidade de completar-se. Então o mundo explodirá nesses psiquismos superiores. O pensamento superará seu hodierno período paleontológico e será a potência do homem do futuro, pois o mundo tem vivido sempre e sempre viverá de superações.

Já disse assim tudo a respeito do meu caso. Enquanto, em *A Grande Síntese*, descrevi as noures como as senti, descrevo aqui as minhas sensações ao senti-las. Observamos o fenômeno inspirativo em muitos outros casos, separamo-lo tecnicamente e, aqui, concluímos com as consequências práticas. Agora se pode compreender o que é *A Grande Síntese*. Exteriormente, ela é uma nova filosofia da ciência, trazendo conclusões ético-sociais; é uma demonstração racional de problemas científicos e éticos até agora ainda não resolvidos nem demonstrados; é uma reconquista de todo o disperso conhecimento humano, para levá-lo à unidade. Por esta sua amplitude de visão conceptual, que reúne o pensamento religioso e o científico, a gênese mosaica e o evolucionismo darwiniano, já expresso pela esfinge egípcia, religando-se assim a todas as revelações e atingindo a verdade única, ela é realmente a obra da unificação. Não se poderia imaginar uma tão profunda unificação do pensamento humano e tão completa fusão de ciência e fé. A evolução biológica tem seu prosseguimento na ascensão espiritual das religiões, ao longo de uma única linha. *A Grande Síntese* realizou a audaciosa obra de fazer a ciência flanquear a revelação na mesma linha de desenvolvimento, constituindo também o fato cabal que demonstra a prática aplicabilidade do método da intuição, cuja utilização oferece assim seus produtos concretos e úteis. Ela é uma nova pedra do edifício inspirativo, estabelecendo a prova não apenas da realidade da captação nouírica, mas, indo mais longe, também da evolução psíquica em vários planos de consciência.

A *Grande Síntese*, porém, é algo mais, possuindo também um seu aspecto interior. Neste sentido, ela constitui o documento que comprova a existência real do supersensório, atingido através da inspiração. Isso tudo, embora possa parecer exaltação, está preso por um férreo encadeamento lógico. Enquanto as pedras são inertes, o espírito é vivo e audacioso, mas eu o prendi num cárcere de racionalidade, a fim de que esta oferecesse a garantia da seriedade.

No seu aspecto interior e profundo, *A Grande Síntese* é uma revelação. Num mundo em que todo ser é estrangido por uma lei feroz a buscar na carne do semelhante o seu próprio alimento, esta é uma voz que tem um timbre diferente. Trata-se de uma revelação atingida conscientemente, através de métodos precisos, dos quais apresentei a técnica. Sua vestimenta científica é exterior, cobrindo, na verdade, uma substância evangélica que une a *Síntese* ao desenvolvimento gradual, na Terra, do pensamento de Cristo, que, como vimos, é uma contínua emanção. A *Síntese* torna a trazer ao seio da vida o Evangelho, que hoje parece constituir suprema utopia, agora unido à grande inimiga: a ciência, realizando um novo passo no caminho milenário que conduz à realização, na Terra, do Reino dos Céus.

Uma séria afirmação ondulou vagamente na profundidade de minha consciência, através de todo este escrito, e somente agora, quando tenho de concluí-lo, encontrou um caminho para explodir em sua plenitude. Eu mesmo não havia avaliado a profunda significação desta ou daquela sentença por mim proferida, compreendendo somente agora este conceito, ao ser investido por ele como uma revelação. A forma da mediunidade possui uma gradação evolutiva: envolve na direção da forma física e evolue no sentido da forma inspirativa.

Agora compreendo o significado da dor, da purificação, da ascensão moral, colocadas no caminho da evolução de minha mediunidade, única via pela qual me é possível alcançar estas noures mais elevadas, que são minha meta. Agora compreendo por que, no conjunto dos grandes inspirados, escolhi instintivamente, por simpatia, os inspirados da revelação cristã, apartando-me dos outros, embora também grandes. Assim, compreendo agora que me movo na linha da inspiração cristã e reconheço com quão imensa noure me acho em sintonia. Entendo por que, ao traçar a história dos grandes inspirados, anteriores ou posteriores a Cristo, sempre os vi encaminhando-se para Sua figura, central no mundo, e por que eles me apareceram naturalmente unidos em corrente na linha do lógico

desenvolvimento desta grande noúre, em cuja esteira também se arrasta minha inspiração. Agora compreendo todo o significado de *A Grande Síntese* e percebo a real existência na dessa grande noúre cristã, que, de Moisés até hoje, jamais silenciou.

Com tudo isso, quero indicar apenas a direção de proveniência da minha fonte nouírica, que, localizando-se no Alto, está próxima daquela unificação na qual tudo se funde em Deus. Não é Ele a fonte de todas as coisas? Que há de extraordinário em uma inspiração descer do Alto? Por que essa grande potência central deveria estar ausente, distante da Terra, se ela existe justamente para erguer continuamente as criaturas no caminho das ascensões do espírito? Falo do Cristo cósmico, imensamente maior que o Cristo histórico. Volto a afirmar que somente indico a direção, porque, como já disse, não sei quanto esta luz, filtrada através de potências intermediárias e noures de redução, teve de ofuscar-se para chegar até mim, por causa da opacidade de minha mediação, não obstante minha tensão ascensional. Por isso, na registração, o pensamento original certamente assinalará traços de meu cansaço e de minha inferioridade humana. Nada disso é prodigioso; tudo é lógico e normal.

O martírio era um meio feroz, necessário em tempos ferozes, para fazer compreender a verdade a uma humanidade feroz. Hoje, porém, ele já não se faz mais necessário, porque se entendeu a psicologia de reação que as perseguições geram, sendo, por isso, considerado ato de má política. Atualmente, o importante é trabalhar não com o sangue, mas sim com o pensamento.

O momento histórico justifica essa descida de pensamento dos planos superiores, pois, como já vimos, a história é uma consciência viva que lança as forças adequadas e produz os acontecimentos necessários à sua evolução. O momento histórico é grave. Há em seus eventos uma preparação de maturações tão solenes como jamais houve em tempo algum. Encontramo-nos numa grande curva da história do mundo, e todos pressentem isto. A humanidade está lançando as bases do novo milênio, está jogando a carta de sua salvação ou de sua ruína. Existe hoje aquela mesma plenitude da civilização romana, que se precipitou nas invasões bárbaras, aquela mesma plenitude da realeza da França, que se precipitou na Revolução.

É preciso dar novamente à Europa a consciência da unidade de civilização e de destino. Depois da conciliação política na Itália, entre o Estado e a Igreja, urge atualmente esta maior conciliação espiritual, no

mundo, entre a ciência e a fé. É necessário encontrar em Deus a unidade fundamental da verdade e do pensamento. Existe, porém, nas almas o desejo da verdade, o que torna a cisão entre ciência e fé um caso de involução. A evolução, entretanto, é a grande lei da vida, constituindo uma irresistível lei de unificação.

As civilizações se cansam, não havendo outra força capaz de rejuvenescê-las, senão o espírito. E o espírito está no Alto, na direção de Cristo, que está presente, sabe e vela.

Compreendido o mecanismo interior da vida e da sua evolução, tudo isso é lógico. E lógica também é esta minha sinceridade. Agora se pode entender como este segundo volume é necessário para esclarecer em sua profundidade *A Grande Síntese*, que, de outro modo, poderia permanecer ininteligível e até mesmo ser mal interpretada em sua linguagem, por vezes audaz e apocalíptica, a ponto de poder parecer ironia, se aceita como produto de minha consciência normal.

Eu mesmo deveria e somente eu poderia explicar certas coisas. Através desse dobrar-se sobre mim mesmo, eu tinha de chegar a compreendê-las.

Com o presente volume, não apenas cumpri um novo dever, mas também realizei este indispensável trabalho de reflexão, sobretudo para mim mesmo, para minha própria compreensão.

Fiz neste escrito afirmações graves, e elas me empenham. Destruí as pontes à minha retaguarda, não me sendo mais possível recuar. E este também era um dever meu.

Que sucederá agora? Aonde me conduzirá a evolução de minha mediunidade? Que novos conceitos registrará minha captação nouírica? Que nova maturidade espiritual e sensibilização perceptiva me trará o futuro? Que sucede nas profundezas de meu destino? De qual meta, na eternidade, me aproximo eu?

Espero a maturação de meus estados interiores e, através dela, o contato com novas correntes de pensamento, que revelem, primeiramente a mim mesmo, a direção na qual meu trabalho deve prosseguir. Sei que a fonte de pensamento é inesgotável. Entretanto, seja lá o que possa acontecer, de uma coisa estou certo: o passado não morre; o passado é a base do futuro e neste sempre ressurge, razão pela qual jamais foi vivido em vão.

FIM

Vida e Obra de *Pietro Ubaldi*

(Sinopse)



O HOMEM

Pietro Ubaldi, filho de Sante Ubaldi e Lavínia Alleori Ubaldi, nasceu em 18 de agosto de 1886, às 20:30 horas (local). Ele escolheu os pais e a cidade onde iria nascer, Foligno, Província de Perúgia (capital da Úmbria). Foligno fica situada a 18 km de Assis, cidade natal de São Francisco de Assis. Até hoje, as cidades franciscanas guardam o mesmo misticismo legado à Terra pelo grande poverelo de Assis, que viveu para Cristo, renunciando os bens materiais e os prazeres deste mundo.

Pietro Ubaldi sentiu desde a sua infância uma poderosa inclinação pelo franciscanismo e pela Boa Nova de Cristo. Não foi compreendido, nem poderia sê-lo, porque seus pais viviam felizes com a riqueza e com o conforto proporcionado por ela. A Sra. Lavínia era descendente da nobreza italiana, única herdeira do título e de uma enorme fortuna, inclusive do Palácio Alleori Ubaldi. Assim, Pietro Alleori Ubaldi foi educado com os rigores de uma vida palaciana.

Não pode ser fácil a um legítimo franciscano viver num palácio. Naturalmente, ele sentiu-se deslocado naquele ambiente, expatriado de seu mundo espiritual. A disciplina no palácio, ele aceitou-a facilmente. Todos deveriam seguir a orientação dos pais e obedecer-lhes em tudo, até na religião. Tinham de ser católicos praticantes dos atos religiosos, realizados na capela da Imaculada Conceição, no interior do palácio. Pietro Ubaldi foi sempre obediente aos pais, aos professores, à família e, em sua vida missionária, a Cristo. Nem todas as obrigações palacianas lhe agradavam, mas ele as cumpriu até à sua total libertação. A primeira liberdade se deu aos cinco anos, quando solicitou de sua mãe que o mandasse à escola, e aquela bondosa senhora atendeu o pedido do filho. A segunda liberdade,

verdadeiro desabrochamento espiritual, aconteceu no ginásio, ao ouvir do professor de ciência a palavra “evolução”. Outra grande liberdade para o seu espírito foi com a leitura de livros sobre a imortalidade da alma e reencarnação, tornando-se reencarnacionista aos vinte e seis anos. Daí por diante, os dois mundos, material e espiritual, começaram a fundir-se num só. A vida na Terra não poderia ter outra finalidade, além daquelas de servir a Cristo e ser útil aos homens.

Pietro Ubaldi formou-se em Direito (profissão escolhida pelos pais, mas jamais exercida por ele) e Música (oferecimento, também, de seus genitores), fez-se poliglota, autodidata, falando fluentemente inglês, francês, alemão, espanhol, português e conhecendo bem o latim; mergulhou nas diferentes correntes filosóficas e religiosas, destacando-se como um grande pensador cristão em pleno Século XX. Ele era um homem de uma cultura invejável, o que muito lhe facilitou o cumprimento da missão. A sua tese de formatura na Universidade de Roma foi sobre *A Emigração Transatlântica, Especialmente para o Brasil*, muito elogiada pela banca examinadora e publicada num volume de 266 páginas pela Editora Ermano Loescher Cia. Logo após a defesa dessa tese, o Sr. Sante Ubaldi lhe deu como prêmio uma viagem aos Estados Unidos, durante seis meses.

Pietro Ubaldi casou-se com vinte e cinco anos, a conselho dos pais, que escolheram para ele uma jovem rica e bonita, possuidora de muitas virtudes e fina educação. Como recompensa pela aceitação da escolha, seu pai transferiu para o casal um patrimônio igual àquele trazido pela Senhora Maria Antonieta Solfanelli Ubaldi. Este era, agora, o nome da jovem esposa. O casamento não estava nos planos de Ubaldi, somente justificável porque fazia parte de seu destino. Ele girava em torno de outros objetivos: o Evangelho e os ideais franciscanos. Mesmo assim, do casal Maria Antonieta e Pietro Ubaldi nasceram três filhos: Vincenzina (desencarnada aos dois anos de idade, em 1919), Franco (morto em 1942, na Segunda Guerra Mundial) e Agnese (falecida em S. Paulo – 1975).

Aos poucos, Pietro Ubaldi foi abandonando a riqueza, deixando-a por conta do administrador de confiança da família. Após dezesseis anos de enlace matrimonial, em 1927, por ocasião da desencarnação de seu pai, ele fez o voto de pobreza, transferindo à família a parte dos bens que lhe pertencia. Aprovando aquele gesto de amor ao Evangelho, Cristo lhe apareceu. Isso para ele foi a maior confirmação à atitude tão acertada. Em 1931, com 45 anos, Pietro Ubaldi assumiu uma nova postura, estarrecidora

para seus familiares: a renúncia franciscana. Daquele ano em diante, iria viver com o suor do seu rosto e renunciava todo o conforto proporcionado pela família e pela riqueza material existente. Fez concurso para professor de inglês, foi aprovado e nomeado para o Liceu Tomaso Campailla, em Módica, Sicília – região situada no extremo sul da Itália – onde trabalhou somente um ano letivo. Em 1932 fez outro concurso e foi transferido para a Escola Média Estadual Otaviano Nelli, em Gúbio, ao norte da Itália, mais próximo da família. Nessa urbe, também franciscana, ele trabalhou durante vinte anos e fez dela a sua segunda cidade natal, vivendo num quarto humilde de uma casa pequena e pobre (pensão do casal Norina-Alfredo Pagani – Rua del Flurne, 4), situada na encosta da montanha.

A vida de Pietro teve quatro períodos distintos (v. livro *Profecias* – “Gênese da II Obra”): dos 5 aos 25 anos – formação; 25 aos 45 anos – maturação interior, espiritual, na dor; dos 45 aos 65 anos – Obra Italiana (produção conceptual); dos 65 aos 85 anos – Obra Brasileira (realização concreta da missão).

O MISSIONÁRIO

Na primeira semana de setembro de 1931, depois da grande decisão franciscana, Cristo novamente lhe apareceu e, desta vez, acompanhado de São Francisco de Assis. Um à direita e outro à esquerda, fizeram companhia a Pietro Ubaldi durante vinte minutos, em sua caminhada matinal, na estrada de Colle Umberto. Estava, portanto, confirmada sua posição.

Em 25 de dezembro de 1931, chegou-lhe de improviso a primeira mensagem, a *Mensagem de Natal*. Por intuição ele sentiu: estava aí o início de sua missão. Outras Mensagens surgiram em novas oportunidades. Todas com a mesma linguagem e conteúdo divino.

No verão de 1932, começou a escrever *A Grande Síntese*, a qual só terminou em 23 de agosto de 1935, às 23h00min horas (local). Esse livro, com cem capítulos, escrito em quatro verões sucessivos, foi traduzido para vários idiomas. Somente no Brasil, já alcançou quinze edições. Grandes escritores do mundo inteiro opinaram favoravelmente sobre *A Grande Síntese*. Ainda outros compêndios, verdadeiros mananciais de sabedoria cristã, surgiram nos anos seguintes, completando os dez volumes escritos na Itália:

01) ***Grandes Mensagens***

- 02) ***A Grande Síntese*** – Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito
- 03) ***As Noures*** – Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento
- 04) ***Ascese Mística***
- 05) ***História de Um Homem***
- 06) ***Fragmentos de Pensamento e de Paixão***
- 07) ***A Nova Civilização do Terceiro Milênio***
- 08) ***Problemas do Futuro***
- 09) ***Ascensões Humanas***
- 10) ***Deus e Universo***

Com este último livro, Pietro Ubaldi completou sua visão teológica, além de profundos ensinamentos no campo da ciência e da filosofia. *A Grande Síntese* e *Deus e Universo* formam um tratado teológico completo, que se encontra ampliado, esclarecido mais pormenorizadamente, em outros volumes escritos na Itália e no Brasil, a segunda pátria de Ubaldi.

O Brasil é a terra escolhida para ser o berço espiritual da nova civilização do Terceiro Milênio. Aqui vivem diferentes povos, irmanados, independentes de raças ou religiões que professem. Ora, Pietro Ubaldi exerceu um ministério imparcial e universal, e nenhum país seria tão adaptado à sua missão quanto a nossa pátria. Por isso o destino quis trazê-lo para cá e aqui completar sua tarefa missionária.

Nesta terra do Cruzeiro do Sul, ele esteve em 1951 e realizou dezenas de conferências de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Em oito de dezembro do ano seguinte, desembarcaram, no porto de Santos, Pietro Ubaldi acompanhado da esposa, filha e duas netas (Maria Antonieta e Maria Adelaide), atendendo a um convite de amigos de São Paulo para vir morar neste imenso país. É oportuno lembrar que Ubaldi renunciou aos bens materiais, mas não aos deveres para com a família, que se tornou pobre porque o administrador, primo de sua esposa, dilapidou toda a riqueza entregue a ele para gerencia-la.

Em 1953, Pietro Ubaldi retornou à sua missão apostolar, continuou a recepção dos livros e recebeu a última Mensagem, *Mensagem da Nova Era*, em São Vicente, no edifício “Iguaçu”, na Av. Manoel de Nóbrega, 686 – apto. 92. Dois anos depois, transferiu-se com a família para o Edifício

“Nova Era” (coincidência, nada tem haver com a Mensagem escrita no edifício anterior), Praça 22 de janeiro, 531 – apto. 90. Em seu quarto, naquele apartamento, ele completou a sua missão. Escreveu em São Vicente a segunda parte da Obra, chamada brasileira, porque escrita no Brasil, composta por:

11) ***Profecias***

12) ***Comentários***

13) ***Problemas Atuais***

14) ***O Sistema*** – Gênese e Estrutura do Universo

15) ***A Grande Batalha***

16) ***Evolução e Evangelho***

17) ***A Lei de Deus***

18) ***A Técnica Funcional da Lei de Deus***

19) ***Queda e Salvação***

20) ***Princípios de Uma Nova Ética***

21) ***A Descida dos Ideais***

22) ***Um Destino Seguindo Cristo***

23) ***Pensamentos***

24) ***Cristo***

São Vicente (SP), célula mater. do Brasil, foi a terceira cidade natal de Pietro Ubaldi. Aquela cidade praiana tem um longo passado na história de nossa pátria, desde José de Anchieta e Manoel da Nóbrega até o autor de *A Grande Síntese*, que viveu ali o seu último período de vinte anos. Pietro Ubaldi, o Mensageiro de Cristo, previu o dia e o ano do término de sua Obra, Natal de 1971, com dezesseis anos de antecedência. Ainda profetizou que sua morte aconteceria logo depois dessa data. Tudo confirmado. Ele desencarnou no hospital São José, quarto Nº 5, às 00h30min horas, em 29 de fevereiro de 1972. Saber quando vai morrer e esperar com alegria a chegada da irmã morte, é privilégio de poucos... O arauto da nova civilização do espírito foi um homem privilegiado.

A leitura das obras de Pietro Ubaldi descortina outros horizontes para uma nova concepção de vida.

¹ *Ultrafania*: de *ultra*, lat. “além”, e *fania* (faneia), grego: “luz”. *Ultrafania*: luz do além, do plano espiritual superior, produzida pelas noures (correntes de pensamento) (N. do T.).

² *Noures* – neologismo formado de dois elementos gregos: *nous* (pensamento, espírito, inteligência) e *rhéo* (correr, fluir). significando, pois, “correntes de pensamento” (N. do T.).

³ O autor se refere a *A Grande Síntese*, escrita de 1932 a 1935, durante os breves períodos de férias escolares do Prof. Ubaldi (N. do T.).

⁴ Ver *A Grande Síntese*, Cap. XLIII, “As novas sendas da ciência” (N. do T.).

⁵ Data da 1ª das *Mensagens Espirituais* (N. do A.).

⁶ Fim da composição de *A Grande Síntese*. Sua 1ª edição foi publicada em fascículos pela revista *Ali dei Pensiero* de Milão, de janeiro de 1933 a setembro de 1937 (N. do A.).

⁷ *A Grande Síntese* (N. do A.).

⁸ *A Grande Síntese* (N. do T.).

⁹ *A Grande Síntese*, iniciada em 1932, foi escrita nos três verões de 1933, 1934 e 1935 (N. do A.).

¹⁰ Neologismo formado de elementos gregos: “*barós*”, pesado, denso, e “*ontos*”, ser, entidade. *Barônticas*; provenientes de espíritos de constituição densa (entidades inferiores) (N. do T.).

¹¹ Atualmente, em 1950, as últimas teorias do grande físico e matemático Albert Einstein vêm confirmando plenamente as intuições de há 18 anos, de *A Grande Síntese* (N. do A.).

¹² O “Trecento”, isto é o século XIV, a arte desse século (N. do T.).

¹³ “Auto-observação da Mediunidade” – Desenvolvimento espiritual e ascensão moral como fatores de uma mediunidade mais elevada (N. do T.).

¹⁴ Revista de Pesquisas Metapsíquicas (N. do T.).

¹⁵ *A Grande Síntese*, Cap. 81, “A função da dor” (N. do T.).

¹⁶ Brocken (ou Brock) – elevada e granítica montanha na Alemanha, onde, conforme as superstições medievais, imperava o chefe das forças do mal, o “Senhor Uriano” (Herr Urian) na versão do Fausto de Goethe. Era o local da noite de Walburga (ou Walpurgis) – a “Walpurgisnacht” (N. do T.).

¹⁷ O 4º Livro dos Reis corresponde à divisão da Bíblia Hebraica, de que se serviu o autor. Nas edições grega e latina (a dos *Setenta* e a *Vulgata*) o antigo livro de Samuel é dividido em dois e igualmente o seguinte, o dos Reis. Assim, o texto citado encontra-se em nossas Bíblias atuais, no II livro dos Reis, Cap. II – vers. 11 (N. do T.).

¹⁸ Este livro – *As Noures* – foi escrito no verão de 1936 e publicado, em 1ª edição, por U. Hoepli, de Milão, em 1937 (N. do T.).

¹⁹ “A última idade da predição de Cumas já chegou;

a grande ordem dos séculos nasce de novo.

Já volta a Virgem e os reinos de Satumo.

Uma nova progênie desce já do mais alto Céu.

Casto Lucina, ampara; teu Apolo já reina.

...Vê como estão de acordo o mundo de pesada abóbada
E as terras todas, e a extensão do mar, e o céu profundo.
Vê como tudo se alegra com os séculos por vir”.
(Vírgilio, *Écloga IV*)

Tradução de Ruth Maria Chaves Martins.

²⁰ “Vai, pois, e restaura-a para mim! – como já está escrito, duas linhas atrás, para o vernáculo (N. do T.).

²¹ *Divina Comédia*, canto XI do Paraíso (N. do T.).

²² Mestra de teólogos (N. do T.)

²³ I Epístola de São Paulo aos Coríntios, 2:9 (N. do T.).

²⁴ Os anais místicos de todos os tempos demonstram que verdades morais ou espirituais de uma ordem superior têm sido percebidas por certas almas de elite, independentemente de raciocínio, pela contemplação interna e sob a forma de visão. É fenômeno psíquico ainda mal conhecido da ciência moderna, mas constitui fato incontestável. Catarina de Siena, filha de um pobre tintureiro, desde os quatro anos de idade, teve visões extremamente notáveis”. (Schuré, *Os Grandes Iniciados*) (N. do T.).

²⁵ Assim mesmo, na ortografia da época (Jhesus) (N. do T.).

²⁶ “Estivera presente (como ela, Joana) nas horas de sofrimento, assim, com mais forte razão, deveria estar presente no instante da glorificação” (N. do T.).

²⁷ “Quando eu tinha treze anos, ouvi uma voz de Deus, que buscava dirigir-me; da primeira vez, senti grande temor. Essa voz manifestou-se por volta do meio-dia, no verão, no jardim da casa de meu pai. Eu não havia jejuado na véspera. Percebi essa voz à minha direita, do lado da igreja, e raramente a ouço sem que perceba também uma claridade. Essa luz é vista sempre do meu lado, de onde a voz se faz ouvir, e é habitualmente muito brilhante”. (Processo, I, 52) (N. do T.)

²⁸ “Caminha, caminha filha de Deus, caminha...”. (N. do T.)

²⁹ “Da parte de Deus”. (N. do T.)

³⁰ “Pelo aviso da minha voz, que me revelou (Processo, I, 50). Quando eu vi o Rei pela primeira vez, lá estavam mais de trezentos cavaleiros, sob a luz de cinquenta archotes, sem contar a luz celeste. Raramente recebo revelações sem que haja manifestação de alguma luz” (Processo, I, 75). Também raramente ouço sem que perceba também uma claridade...”. (N. do A.)

³¹ É uma referência a um fato realmente notável. As vozes disseram a Joana que ela deveria usar, na luta contra os ingleses, a mesma espada de Carlos Martel, que em 732 (sete séculos antes!) expulsara os muçulmanos invasores da França na batalha de Poitiers, entre Poitiers e Tours. E as mesmas vozes lhe indicaram onde a encontraria, enterrada e esquecida, sob o altar de uma igrejinha campestre. (N. do T.)

³² O princípio do meio mínimo “regula a economia da evolução, evitando inútil dispêndio de forças”. Sobre o assunto fala *A Grande Síntese* no seu Cap. XL (“Aspectos Menores da Lei”) (N. do T.).



Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.se

singlelogin.re

go-to-zlibrary.se

single-login.ru



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>